



MEU DESTINO

KAREN SANTOS



Jason

 MEU DESTINO 

KAREN SANTOS

Jason: Meu destino @ 2021. Todos os direitos reservados.

Obra protegida pela Lei 9.610 de 1998 (Lei de Direitos Autorais)

É proibida a reprodução gratuita ou comercial dessa obra sem a autorização da autora. É proibida a reprodução parcial da obra, mesmo que de forma gratuita, sem os devidos créditos. “Jason: Meu destino” é uma obra de ficção, qualquer semelhança com pessoas ou fatos reais é mera coincidência.

Plágio é **CRIME**.

Jason foi traído, ferido, deixado. Do dia para a noite, tornou-se alguém diferente após Lizzie ir embora com outro homem às vésperas do casamento. Mas deixar de amá-la é difícil demais para o mais sério dos irmãos Hunt, e quando sua ex-noiva retorna para sua vida, ele precisa decidir o que fazer com este sentimento.

Elisabete Alvarez lidou com a pobreza e conseguiu sair de um dos bairros mais perigosos de Los Angeles para a Universidade da Califórnia em Los Angeles. Ela conhece Jason, e sua vida mudou ao ser envolvida em uma bolha de amor pelo moreno de olhos azuis. Mas quando um perigo de seu passado ressurge, Lizzie abre mão de seu felizes-para-sempre em nome da segurança de seu noivo e de sua família. Dois anos depois, o casal se reencontra, e a mágoa do passado se mistura com a luta contra o relógio: Lizzie pode morrer, e Jason se nega a perdê-la novamente.

“Jason: Meu destino” é o quinto livro da série “Os irmãos Hunt”. Cada livro tem uma história individual, e, apesar de poderem ser lidos fora de ordem, o ideal é acompanhar como os três irmãos de Los Angeles terminaram se tornando o clã Hunt-Evans-Hale.

Não recomendável para menores de 18 anos.

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Epílogo](#)

PRÓLOGO

Jason

Eu tinha uma missão. Entrar no casamento, provar que ela não me incomodava e sair discretamente logo depois. Prometi a mim mesmo que não deixaria que minha ex-noiva traidora atrapalhasse o grande dia de Emma e Logan. Eles tentaram me preparar, até mesmo fazer com que esse encontro acontecesse antes do casamento, para não causar uma situação na cerimônia, mas me neguei. Eles fizeram a escolha deles, e eu jogaria o jogo. Queria mostrar que estava bem e que ela não me afetava. O problema é que ela afetava e *muito*. Seria a primeira vez que a veria desde o dia que Liz anunciou

que estava indo embora.

Entrei, olhei para o altar e acompanhei-a com o olhar a partir deste momento. Era como se meus olhos estivessem grudados em cada pequeno movimento que Liz fazia dentro da cerimônia. Depois do meu irmão mais novo dizer seu “sim”, ela se sentou em um canto, como se tentasse não chamar atenção. Sua presença era um grande elefante branco para mim e minha família, por mais que ela tentasse passar despercebida.

Lizzie tinha cabelos curtos, quase careca, e estava muito magra. Essa não era minha Liz. *Minha*. Precisava parar de ser idiota e de pensar nela daquela forma quando ela não queria mais estar comigo. Ela decidiu ir embora e nos deixar para trás. Abandonar o mais bonito que jamais tive... droga. Não aguentava mais. Senti o gosto ácido em minha boca tentando não pensar em tudo. Às vezes me pegava rememorando aqueles anos, preso em uma repetição do momento que mais fui feliz em minha vida. Minha Lizzie, Liz. Minha luz. Cada maldito e doloroso momento juntos. Sabia dentro de mim que nunca superaria.

Quando a cerimônia se encerrou, fui até Logan e Emma e os cumprimentei. Minha cunhada tinha uma barriga enorme, a poucas semanas de dar à luz de um bebê que, assim como esse casamento, teria Lizzie e eu como padrinhos. Depois, sentei-me com Matt, Sarah, Jack e Blair e passei vários minutos em silêncio, dolorosamente ciente de que a presença de

Elisabete fazia com que mil olhos me examinassem, procurando por algum tipo de reação.

Virei um copo de uísque. Depois dois. Matt bateu no meu ombro. Talvez já estivesse no quinto? Não sabia de mais nada, perdido em meus pensamentos, observando Liz de seu ponto escondido.

Havia passado uma hora? Dez minutos? Já não tinha noção do tempo, preso a uma dor que não sabia explicar. Ela estava ali... Eu implorei para ela ficar, e Liz foi embora. Levantei de repente, como se estivesse prestes a exorcizar um demônio. Não sabia o que faria até estar na frente dela, quase que sem perceber. Não esbocei reação alguma e estendi minha mão para ela, que me encarou de cima a baixo com olhos doloridos, como se ela fosse a ofendida, e não eu.

— Me concede essa dança?

— Jason, não acho... — Ela balançou a cabeça em uma negativa, sua voz tão baixa que tive que me esforçar para ouvi-la.

Ignorei sua negativa, peguei-a pela mão e puxei-a para mim. Nosso olhar se encontrou, porque Lizzie sempre foi uma mulher alta, deslumbrante e um encaixe perfeito para mim. Ela parecia assustada. Era uma estupidez, eu sabia, mas trouxe-a ainda mais para perto. Um movimento mais violento do que esperava, como se ela não conseguisse lidar com a força de meus braços.

Não era o mesmo corpo nem a mesma forma que reagia a mim. Ela estava leve como uma pluma, um saco de ossos desengonçado e de rosto sulcado, como uma sombra da mulher que foi antes. Ainda assim... Ainda assim ela tinha o mesmo cheiro, e sua pele ainda me tocava do mesmo jeito. Senti o arrepio na espinha com o reconhecimento de seu toque, como se apenas senti-la pudesse acender algo dentro de mim.

— É hora da dança dos padrinhos — continuei e a conduzi para o meio do salão, minha voz plana e sem sentimento algum. *Foi nisso que você me tornou, Liz.* Vários olhos me encaravam, e coloquei um sorriso cruel nos lábios, aquele que usava em salas de reuniões quando deixei de ser eu mesmo e virei uma casca do que fui um dia.

— Não faça isso, por favor... — ela implorou em um sussurro desesperado. — Não estrague o casamento do seu irmão por mim. Podemos conversar em outro lugar. Não faça deste dia uma lembrança ruim.

— Mas não quero conversar com você. Não quero ouvir sua voz — continuei cruel. — Você não quer uma cena? Pois é o que vai ter.

Sabia que parecia um lunático. Estava sendo irracional, mas não sabia como parar. A bebida ajudou. Era o efeito de Liz, da falta de Liz, de ter Liz nos braços e me sentir como se estivesse prestes a enlouquecer. Se passaram dois anos, e ainda era o mesmo ardor nas veias e a mesma atração, como se os dois corpos pertencessem um ao outro e não pudesse fazer nada contra

isso. Lizzie estava rígida em meus braços e já não tentava lutar contra, deixando-me guiá-la em uma dança estranha e rápida que tinha muito pouco a ver com passos. *Como aquela primeira noite.*

Ela era uma dançarina muito boa, e sabia que poderia dançar se quisesse, mesmo com minha falta de jeito. Eu era muito mais alto e forte e a empurrava de um lado para o outro, forçando-a em pequenos passos. Não tinha ideia de que música estava tocando e no momento não me importava. Eu me aproximei dela, grudando minha cabeça em seu ouvido, e derramei as palavras que sempre quis saber. É o que esteve em minha cabeça durante os últimos anos, repetindo sem cessar.

— Onde ele está? — indaguei e recebi um leve tremor em resposta. — Ele te abandonou? Como se sente sendo abandonada por alguém? Seu Ben no final das contas não serviu de nada?

Empurrei-a, girando e a fazendo se afastar de mim. Enrolei-a em meus braços como uma boneca de pano, observando sua respiração se acelerar. Ela voltou para meus braços e minha boca voltou a ficar a poucos centímetros de seu ouvido.

— Valeu a pena? Valeu a pena ter sido uma sacana? Uma... uma...

— Jason... — ela murmurou e balançou seus braços como se tentasse chamar minha atenção. Lizzie não escaparia fácil.

— É a verdade, querida. Eu era sua conta bancária, e você quis mais. Agora está assim, magra, maltratada. Valeu a pena?

— Não... es... estou bem — ela disse, entrecortada, puxando o ar com dificuldade. Algo estava errado.

— Eu estou melhor do que nunca — respondi e parei em sua frente, examinando-a e percebendo a luta de Lizzie. Ela deu alguns passos para mim, suas mãos agarrando meus braços como se procurasse equilíbrio. — Não lida bem com a verdade?

Ela estava pálida, com olheiras profundas. Qualquer que fosse o motivo, desejava que ela estivesse tão miserável quanto eu. Não conseguia encará-la mesmo tão diferente da mulher que eu amei. Da mulher que ainda amava. Eu morria por dentro por estar longe, e desejava que ela sentisse tanta dor quanto eu.

— Jason... Me desculpe... Não me odeie — ela sussurrou com dificuldade e desmaiou.

CAPÍTULO 1

Lizzie

Quatro anos antes

Estava cansada, realmente cansada. Olhei para o teto do meu quarto e pensei se deveria ou não ir encontrar Barbra no bar como combinamos mais cedo. Estava a um passo de cancelar, mas precisava fazer alguma coisa além de trabalhar. Minha semana era sempre agitada, porém mantinha uma rotina: corria dali para lá, atendia mesas, ia para a cozinha, encontrava alunos,

resolvia problemas da casa. Queria, por algumas horas, fingir que não precisava me matar de trabalhar para ter alguma coisa.

Vamos do início. Eu trabalhava no Good Coffee – um café com um nome horrível, mas que servia um expresso delicioso – por mais horas do que deveria para ajudar a pagar a faculdade. Ficava perto do apartamento onde eu morava e tinha muito movimento ao longo do dia. Esse era o meu sexto trabalho, na verdade. Pelas manhãs, eu servia mesas antes de ir para a aula. No final do dia, era garçonete do Tropical Bar até uma da manhã. Duas vezes por semana dava aulas de salsa e outras danças latinas no diretório estudantil e agendava reforços e tutorias de acordo com minha agenda e a do aluno. Aos sábados e domingos, me dividia entre o bar e área administrativa da faculdade, onde organizava livros, arquivos e tudo o mais.

Meu último trabalho era o belo apartamento em frente ao campus em que eu morava. Requisitei auxílio estudantil e ganhava o suficiente para manter livros, mas não consegui bolsa para acomodação. Era a garota pobre e latina do Watts que conseguiu chegar na ULCA com a ajuda de professores muito esforçados, e não ia deixar ninguém na mão. Ainda assim, era impossível ir e voltar do bairro, trabalhar e ainda aguentar o assédio dos amigos de Danny, meu padrasto. Terminei o contrato de aluguel da casinha de minha mãe e me mudei para um apartamento mais perto da universidade. Em dois quartos, vivíamos oito pessoas, e as coisas estavam indo de mal a pior.

Monica Suarez, a professora que me influenciou para tentar a UCLA e alguém que teve uma trajetória parecida a minha, ficou preocupada por minha jornada de trabalho, educação e falta de sono. Depois de dois semestres tentando sobreviver à base de café do Good Coffee e poucas horas de sono, Monica me fez uma proposta irrecusável. Seus amigos tinham um apartamento que precisava de um cuidador – alguém que arrumasse, fizesse reparos e lidasse com correio e demandas do prédio – enquanto eles estivessem fora. Os Stuart raramente ficavam em Los Angeles. Eu cuidava do imóvel há mais de um ano e o casal apareceu apenas duas vezes, ficaram quinze dias e partiram novamente. Sabendo da minha situação, durante esse período, deixaram-me usar um quarto de serviço, e, em troca, ajudei-os do melhor jeito possível.

Quando os Stuart estavam fora, eu dormia no quarto de hóspedes e usava as áreas comuns. Era um apartamento enorme, confortável, até mesmo pomposo, mas nunca me aproveitei do privilégio de morar ali. Era um trabalho para ajudar a pagar a UCLA e um meio para a minha independência financeira. Ainda faltavam dois anos até a formatura, e contava os dias para deixar todos os empregos.

Levantei-me e olhei as poucas roupas no armário. Não tinha muita coisa além de peças largas de exercício e meus uniformes. Não passava muito tempo com roupas normais, mas em momentos como esse percebia que

desejava me arrumar mais. Achei um vestido amarelo cinturado, e, depois de me olhar no espelho, decidi que serviria. Ele combinava com minha pele muito morena e meus cabelos escuros. Era impossível negar que era latina com o tom de pele e os olhos castanhos esverdeados.

Tomei um banho e me arrumei, ajeitando os fios longos e pretos para o lado, uma massa volumosa meio selvagem caindo sobre meu ombro. Sentia-me bonita sem o coque que usava todos os dias durante muitas horas. Bocejei no momento que entrei no táxi, pensando que cruzava a cidade para encontrar Barbra apesar de apenas querer dormir. Uma série de coincidências fez com que essa saída fosse possível: o Tropical Bar estava fechado por algum motivo pessoal do dono, era sexta e sai do Café pela manhã comentando sobre essa rara noite de folga. Barbra me disse que era nova na cidade, queria sair, não conhecia ninguém. Dei meu braço a torcer por nunca fazer nada daquilo, e, conforme me aproximava da boate, mais incerta estava sobre minha decisão.

Queria me divertir por algumas horas, seria uma noite legal... Mas comecei a mudar de ideia quando cheguei na Le Prestige. Fiquei na fila por alguns minutos quando um segurança me encarou e deixou-me entrar. Barbra enviou uma mensagem informando que estava no bar. Todas as mulheres no raio de um quilômetro usavam ou vestidos ou saias embaladas a vácuo, salto alto e muita maquiagem. O som estava alto. Olhei para os lados procurando

por Barbra e quase caí para trás quando a reconheci. A Barbra garçonete e a loira fatal de cabelo descolorido e batom vermelho na minha frente não poderiam ser a mesma pessoa.

Ela se aproximou segurando um copo grande com uma bebida amarelada – energético misturado a alguma coisa, se entendi corretamente. *Nem morta beberia um negócio daqueles.* Nós conversamos um pouco e ela me puxou para a pista de dança, mas não conseguia gostar daquele ritmo, uma batida rápida e repetitiva. Eu era boa - boa de verdade – em meu estilo de dança, mas ficar pulando em uma pista lotada sem poder me movimentar direito nunca fez muito sentido para mim.

Barbra foi e voltou do bar algumas vezes – quatro, poderia apostar. Sempre voltava com um sorriso torto e um copo com a mistura amarela. Às vezes ela demorava mais do que deveria, e me sentia culpada por estar aliviada e torcer para que ela demorasse ainda mais. Estava apenas há duas horas na boate e entediada. Quando Barbra sumia, eu ia para um canto e mexia em meu celular, depois passeava no banheiro, olhava-me no espelho, então voltava para a pista, a fim de encontrá-la. Agradecia por morar em Westwood, pois voltar para o Watts de madrugada poderia ser complicado. Quando voltei para a pista pela última vez, Barbra tinha dois copos amarelos nas mãos e percebia que ela queria que eu bebesse o drinque amarelo. Barbra parecia alguém legal, mas a Le Prestige não era meu mundo. Quando ela

estendeu o copo, segurei-o em minhas mãos sem levá-lo à boca. A loira pareceu não notar.

— Escuta... Vi um amigo na pista, você liga se eu... — Barbra anunciou tentando falar mais alto que a música. O presente fazia sentido. Ela queria me deixar sozinha e se sentiu culpada. O drinque era um pedido de desculpas.

— Claro que não, vá em frente.

— Na verdade, é muito mais que meu amigo, entende?

— Quer ir embora com ele?

— Você liga?

— Vou ficar mais um pouco e sair. Está tudo bem — respondi e balancei a cabeça sentindo alívio. Poderia ir embora.

Barbra balançou a cabeça e deu um sorriso, virando-se. Fiquei sem reação. *Ela foi embora sem nem mesmo se despedir?* Bufei irritada, porque estávamos juntas e sozinhas. Faria questão de saber como minha amiga chegaria em casa se estivesse sozinha em uma boate. Parei na primeira mesa abandonada que encontrei no caminho e deixei o copo do drinque amarelo sobre a superfície. Depois, fui até o bar decidida a tomar ao menos uma cerveja. Depois de me retorcer entre as pessoas, consegui chegar ao barman.

— Uma cerveja, por favor — pedi ao atendente, estendendo uma nota.

— Cuidado! — Ouvi atrás de mim e virei-me para trombar com uma

mulher. Ela derramou seu drinque em meu vestido amarelo e encarou-me culpada. *La puta madre.*

Olhei para minha roupa tentando analisar o estrago na meia-luz da boate. A mulher soluçou e ajustou seus óculos, e percebi que, apesar querer dar uma resposta atravessada, ela estava bêbada. Bem bêbada. *Deus, sempre esqueço como estes lugares são.*

— Está tudo bem... — garanti enquanto a mulher me observava mortificada. Ela era bonita, com cabelos loiros escuros e diferente das mulheres embaladas a vácuo da boate.

— Oh, meu Deus... Me desculpa... Me desculpa! — ela gemeu e puxou alguns guardanapos do bar, tentando secar meu vestido em meio à confusão de gente ao nosso redor.

— Ei, não precisa! Foi só um susto — afirmei novamente, mas não via nada em meu vestido. Torcia para ter sido vodca transparente, porque evaporaria sem maiores danos.

— Me deixe recompensar você. O que está bebendo? Sou tão atrapalhada!

— Está tudo bem — repeti pela terceira vez. — Pedi uma cerveja antes de ir. Já estava de saída.

— Não, por favor! Vem comigo! — ela respondeu e pegou em minha mão no momento que o barman me deu minha cerveja.

Tentei lutar um pouco, mas ela era engraçada e estranha, carregando-me para fora do bar. Nós subimos uma entrada e, quando percebi, estava na área VIP da casa, olhando a pista lotada do alto ao mesmo tempo que a moça tagarelava sobre algo que não consegui ouvir pelo som alto.

— Emma... Onde você estava? — Um homem moreno levantou-se do sofá em um dos cantos do ambiente e veio em nossa direção.

— Fui até o bar lá embaixo e encontrei ela... Sou tão desastrada, derrubei minha bebida em seu vestido e agora ela está convidada para o LollaPalEmma, meu aniversário! — ela disse e o som abafado me permitiu ouvir sua declaração. Eu ri de seu jeito bêbado e os acompanhei, curiosa.

— Sou Lizzie — apresentei-me para ambos e virei-me para o homem. — Sua amiga está um pouco alta, não?

— Sim, ela está. Emma decidiu que vai beber o peso dela em álcool agora que está solteira — ele me respondeu com um sorriso e apertou minha mão. — Sou Logan.

— O contador já era! — Emma gritou e abaixou-se na mesa para pegar uma garrafa de champanhe. *Onde estava aquilo?* — Nunca mais vou namorar colegas de trabalho!

Emma deu um gole na bebida e correu para a outra ponta da área VIP. Logan fez uma careta e foi atrás da garota, deixando-me sozinha. Eu observei

ambos por alguns segundos e sorri com o homem tentando controlar alguém de um jeito calmo, como se tivesse toda a paciência do mundo. Olhei ao meu redor e dei um gole na cerveja ainda na minha mão, decidindo voltar para meu plano original. Vi a escada em um dos cantos e caminhei para ela, terminando minha bebida no caminho.

— Com sede? — uma voz grossa atrás de mim perguntou. Olhei curiosa e encontrei o par de olhos mais bonitos que já vi.

Corrigindo: eu encarei o homem mais bonito que já vi.

Ele estava segurando uma garrafa *long neck* e usava uma blusa social enrolada até os punhos. Alto, grande, moreno, de olhos tão azuis que incomodavam e um sorriso canalha nos lábios. Sua garganta mexia conforme engolia a cerveja, e algo em mim se apertou. *Tesão por ver alguém beber é novo.*

— Estava louca por uma cerveja. Melhor do que alguns drinques lá de baixo. Alguns deles tinham cheiros duvidosos.

— Como cerveja? — Ele piscou para mim e continuou a beber a maldita garrafa em suas mãos. Minhas partes baixas deviam ter algum problema, porque só com aquela cena e com aqueles olhos azuis acesos, mesmo com a pouca luz, podia sentir a umidade entre minhas pernas.

— A probabilidade da cerveja engarrafada ser duvidosa é muito menor do

que esses drinques feitos pelo barman — respondi, sentindo um sorriso tímido se formar em meus lábios.

— Você tem um ponto. Costumam alterar os drinques para deixar as mulheres mais “soltas”.

— De verdade? — questionei, assustada. Às vezes era ingênua com coisas que deveria saber. Sabia que precisava proteger meu copo, mas até mesmo do barman?

— Sim. É comum em outras boates, principalmente pelo copo. Dá para colocar qualquer coisa aí dentro.

— Viva a cerveja por isso.

— Você não é daqui, não é?

— Você diz de Los Angeles?

— Eu digo desse estilo de vida — ele completou e deu um último gole em sua cerveja, examinando-me atentamente.

— Ok, senhor julgador, e você é?

— Depende do que você entende como estilo de vida.

— Como o quê?

— Se eu quero dançar naquela pista, gritar e levantar drinques para o alto? Não, mas tenho meus motivos para estar aqui.

— Mulheres?

— Exato — ele confirmou e encarou-me profundamente como se estivesse me analisando. Fiquei impressionada por ele dizer isso tão abertamente. *Espera... Isso era um flerte?* Ele não parecia ser o cara que gostaria da latina de manequim grande quando várias mulheres se mostravam muito mais dispostas na pista de dança.

— Isso é um flerte?

— Deus, não... Sem ofensa — ele riu ao ver minha expressão de desconcerto. — Gosto das mais chamativas, me entende? É menos complicado, porque elas sabem as regras.

— Regras tipo o cara dos tons de cinza?

— Regras tipo vamos transar e depois vai cada um para seu lado.

— Isso deve ser ótimo.

— De verdade? — ele replicou com uma expressão chocada. — Você acredita nisso?

— Elimina a tensão, sabe? Você acabou de me falar que procura alguém para transar por uma noite. Digamos que ache você bonito. Se quero você, eu digo, e você me responde “sim” ou “não” — expliquei, pensando que não tinha ideia do que estava falando porque, bem... era virgem. Mas a teoria da coisa parecia excelente.

— Você me acha bonito, senhorita...?

— Lizzie.

— Eu sou Jason — ele me cumprimentou, estendendo sua mão vazia. Perco-me por alguns segundo em seus olhos azuis brilhantes. Durante meus segundos de silêncio, ele fez sinais para alguém e, de repente, mais duas cervejas estavam em nossas mãos.

— Você é bonito, Jason, mas esse não é o ponto — eu continuo. — E antes que pergunte, não quero dormir você.

— Achei que não teria meu coração quebrado esta noite — ele retruca com um sorriso safado nos lábios.

— Muito engraçado. Duvido que seu coração quebre assim facilmente — suspirei, percebendo o quão fácil era nossa conversa. — Conseguiu alguém para hoje?

— Cada vez que alguém me faz esse tipo de pergunta, me sinto em um mercado: você pegou um quilo de carne? Cem gramas de queijo? Uma mulher?

— Quem te pergunta isso?

— Tenho dois irmãos menores apostando seus paus em várias boates por aí.

— Um deles é aquele moreno que acabei de ver? Ele parecia estar com a

outra garota. Achei que eles tinham algo...

— Logan e Emma são algo complicado demais para explicar. São solteiros e não, não estão juntos. É aniversário dela hoje, foi Emma que escolheu esta boate.

— Ela derramou bebida em mim.

— É a cara dela — ele riu. — E aí te trouxe aqui e te largou.

— O outro está aqui?

— Matt estava, mas preferiu sair com uma mulher — ele afirmou e tirou o celular do bolso com uma notificação brilhante na tela. Jason riu ao ler a mensagem e virou-se para mim novamente. — E Logan levou Emma embora, porque ela começou a passar mal. Estou oficialmente sozinho aqui.

— Você também foi largado em uma boate! Parabéns aos largados. — Puxei mais um brinde de nossos cascos de cerveja. *A bebida começou a fazer efeito.* Já estava ficando um pouco alta.

— Você foi largada aqui? Difícil de acreditar.

— Pois acredite. Estava indo embora quando Emma me puxou aqui para cima.

— Deveríamos nos vingar — Jason respondeu com seu sorriso safado, trazendo seu rosto para mais perto do meu com um tom conspiratório.

— Como?

— Indo nos divertir de verdade?

— Mas você não vai sair com alguém? E as mulheres?

— Ao contrário do que você pôde concluir nesses grandes vinte minutos de conversa, eu não durmo com uma mulher diferente por dia. Eu vim até aqui tomar uma cerveja com meus irmãos e, bem, todos eles sumiram... Essa é a última desse lugar. Qual é a sua história?

— Minha amiga encontrou um amigo de foda na pista e estou aqui sozinha.

— Que merda de amiga você arranjou. Ela que marcou aqui, certo?

— Por que a pergunta? — Ele inclinou o rosto em uma expressão engraçada como se eu soubesse a resposta. *Você não é daqui.* Continuo a falar quando ele não responde: — Sim. Trabalhamos juntas nas últimas semanas no Good Coffee.

— Por favor, me diga que o café desse lugar é uma droga. É um nome bom demais para ser usado de verdade.

— O café é ótimo, melhor do que a água suja desses copos cheios de frescura.

— Isso é um convite para te visitar no trabalho. E, Lizzie, não confie em estranhos, de verdade — ele aconselhou. — Poucos minutos e sei onde você trabalha.

— Você é todo um irmão mais velho.

— Porque eu sou um.

— Sou filha única, não sei como isso funciona.

— Sabe o que precisa funcionar? Para onde vamos. Você precisa decidir.

— Não desistiu disso, certo?

— Não. — Ele deu uma golada, batendo a garrafa vazia na bancada, ficou em pé e pegou seu paletó atrás da bancada. — Me surpreenda.

— E você cruzaria a cidade com uma desconhecida?

— Com o seu sorriso? O tempo todo.

— Tudo bem — respondi sem graça e fiz o mesmo com minha garrafa, afastando-me da bancada. — E se eu for uma louca? Uma assassina em série que escolhe gente aleatoriamente em boates?

— Eu prometo não ser um assassino em série, e você deve fazer a mesma promessa.

— Feito — concordei e estendi a mão.

— Feito.

— Você sabe que sua promessa não vale de nada, não é? Assassinos não se revelam desse jeito. E você aceitou rápido demais.

— Você vai ter que confiar, amor... Me dê uma oportunidade. — Jason

piscou e apertou minha mão com força. *O que estava fazendo?*

Antes de pensar mais um pouco sobre os planos com o desconhecido, ele pegou minha mão, arrastando-me escada abaixo. Senti um arrepio por meu corpo e encarei Jason com surpresa. Ele se virou para mim curioso, interrompendo nosso caminhar. Já ouviu falar sobre raios, trovões, reações loucas por uma pessoa que você nunca viu? Conseguir imaginar seus filhos com ele só de olhar para dentro dos olhos dele? Era óbvio que depois dessas mãos entrelaçadas e do choque que me atingiu, poderia escrever uma música de sucesso sobre ele. Sentia-me diferente, protegida, agitada, confusa.

Tudo por uma mão segurando a minha. Através de seus olhos azuis afiados, era capaz de tudo, até mesmo dar um salto de fé e fugir com um desconhecido. Ainda com os pensamentos confusos, deixei-me ser guiada para fora.

CAPÍTULO 2

Lizzie

Jason me conduziu para fora, e, assim que pisei na rua iluminada, comecei a ter dúvidas. Ele era um desconhecido e estava de madrugada. Ele me examinou e sorriu. *Dios*, como ele era bonito. Jason tinha covinhas em seu rosto emoldurando seu sorriso.

— Nunca vi nada tão lindo — ele sussurrou.

— O quê?!

— A noite, oras... E então, para onde vamos? — ele questionou e soltou

minha mão, cruzando seus braços. Eu parecia uma adolescente animada com o primeiro crush, fissurada na forma como a camisa social destacava os músculos de seus braços.

— Eu para minha casa, você para sua — declarei e o sorriso de Jason murchou em seus lábios.

— Vamos, Lizzie. Me dê uma oportunidade. Se você pudesse ir para qualquer lugar dançar um pouco, beber... Para onde iria?

Jason me observou por segundos sem falar coisa alguma, e não sei o queria fazer. No início desta noite, desejava descansar, mas agora me sentia energizada, como se ir embora desperdiçasse uma noite que poderia se tornar em algo mais. Só existia um lugar que gostaria de ir neste momento. Ele permaneceu me encarando curioso, então fiz sinal para um táxi que parou em nossa frente.

— Vai me deixar ou vamos para outro lugar? — Jason indagou quando abri a porta e me sentei. Ajeitei-me no banco e fiz um pequeno movimento para ele entrar também. Ele me respondeu com outro sorriso.

— Vamos, Jason! Pode demorar um pouco para ir ao Staples Center.

— Que diabos vamos fazer lá? — ele perguntou, sentando-se ao meu lado enquanto o taxista dava a partida.

— Vamos perto de lá.

— Fazer o quê?

— Dançar. Mas não esse tipo de dança, uma de verdade.

— O que isso quer dizer?

— Você vai ver! — eu anuncio e ele procurou novamente minhas mãos às cegas, entrelaçando nossos dedos. Era curioso, mas não liguei. O sono que estava sentindo foi embora e, no lugar, borboletas em meu estômago faziam coisas engraçadas.

A viagem seguiu por mais vinte minutos enquanto expliquei ao motorista o lugar exato para nos deixar. Jason olhou para o lado de fora meio perplexo e riu. Saímos do veículo direto para o letreiro luminoso. O Isla Florida era um clube de dança onde minha mãe deu suas aulas assim que chegamos a Los Angeles.

— Você é latina de verdade, não é?

— Nascida aqui, mas com criação de gente que veio direto da ilha.

— Ilha tipo Cuba?

— Sim. Você me pediu para te surpreender, o que acha?

— Que você ganhou — Jason respondeu e piscou para mim.

Nós entramos no salão e ele estava repleto de dançarinos de todos os tipos de dificuldades, dos iniciantes aos profissionais. Eles aproveitavam a música ao vivo que explodia no palco. Guardei minha bolsa e o paletó de Jason na

chapelaria e corri para o centro do salão com um Jason curioso colado a mim. Eu me virei para ele e estendi a mão, grudando novamente nosso toque e sentindo o choque. Olhei para meus pés, para conseguir a atenção de Jason, e repeti passos simples, contando-os em voz alta. Ele era um parceiro promissor: não fazia ideia do que estava fazendo, mas tinha o balanço que não esperaria de um homem tão grande como ele.

— Tudo bem? — perguntei e olhei para seu rosto. Ele ainda mirava meus pés como se tentasse entender os passos.

— Me mostre alguma coisa... — ele pediu e girei meu corpo, sentindo-o perto de mim. Jason me acompanhava. Notei que ele sabia conduzir e acelerei os passos, tentando pegá-lo desprevenido. Quando rodei para fora e tentei uma passagem, Jason se desequilibrou.

— O que exatamente você dança? — questionei desconfiada.

— Dança de salão, valsa... Algumas outras coisas que minha mãe me obrigou.

— É um bom começo. Me diga se não conseguir acompanhar.

As horas passaram rapidamente depois disso, divertindo-me como não fazia há anos. Jason me aguentou rodar e acelerar nossos passos e conseguiu acompanhar casais ao nosso redor por sequências inteiras. Sentia-me viva em seus braços, seu corpo grande me protegendo e seus músculos duros fazendo

migalhas de mim a cada vez que se aproximava. Sabia que ele tentava disfarçar, mas a dança não escondia a excitação em suas calças. Jason estava duro por mim. Eu girava e girava no salão com o melhor parceiro amador que consegui em anos até a banda anunciar uma pausa.

— Quer beber algo? Acho que foi um bom exercício — indaguei enquanto batia palmas e via as pessoas se dissiparem ao nosso redor.

— Foi sim. — Ele olhou para o relógio sorrindo. — Quatro horas de um bom exercício vigoroso. É quase de manhã!

— O quê?! São quatro da manhã?! — perguntei assustada ao mesmo momento que entrávamos no final da fila do bar. Todos tiveram a mesma ideia que nós dois.

— Sim, nos esquecemos da vida dançando nessa pista. Isso foi incrível, Lizzie! — Jason respondeu com um sorriso suave.

— Você gostou de verdade?

— Sim, foi bem diferente do que estou acostumado a fazer.

— Isso é bom ou ruim?

— Você é ótima, Lizzie — Jason afirmou e me deu um abraço apertado, pegando-me por trás e me trazendo para seu peito. Encostei minha cabeça e fechei os olhos, sentindo suas batidas do coração ainda aceleradas pela dança. Como não o afastei, ele fechou as mãos ao meu redor, abraçando-me através

do meu abdômen.

— Você parece cansado.

— Tentando conseguir o fôlego de volta.

— Sabe o quê? Vamos sair daqui. Como você mesmo disse, já é quase de manhã.

— Para onde você quer ir? — ele questionou curioso.

— Vamos comer, eu estou com fome, e você?

— É de madrugada. Você conhece um lugar?

— Essa cidade nunca dorme, Sherlock.

— Essa é Nova York.

— E também é Los Angeles. Você vai experimentar o melhor hambúrguer da sua vida! — prometi e peguei em sua mão para voltar à chapelaria. Alguns minutos depois e estávamos fora do Isla Florida.

Era a noite mais diferente e confusa que já tive na vida. Eu conhecia Jason há menos de cinco horas e era como se ele sempre estive ali, andando comigo para todos os lados, com uma sintonia estranha e rápida que nunca experimentei antes. A pé, andamos alguns metros antes de entrar em uma ruela na lateral de um prédio velho. Apesar do visual decadente, era um corredor bem iluminado que me levava para o melhor hambúrguer que comi na vida.

— Bete! — Carlos me cumprimentou na entrada de seu pequeno restaurante. Latinos não tinham tradição com hambúrguer, mas os que ele fazia eram matadores.

— Preciso de dois hambúrgueres — falei em espanhol. Jason acompanhou a conversa com um sorriso nos lábios. Traduzi para ele em inglês. — Se você quiser bebida, tem naquela geladeira.

Jason levantou-se e pegou mais duas cervejas, caminhando até uma mesinha lateral. Era um lugar diminuto, com quatro espaços de dois lugares e uma bancada que dividia a cozinha de todo o resto do ambiente. Assim que ele colocou as garrafas na mesa, peguei a minha, abrindo-a e dando um gole grande, sentindo-me refrescar depois de tantas horas de dança.

— Você o conhece bem? — ele indagou curioso e apontou para Carlos.

— Vim muitas vezes aqui. Eu nasci nos Estados Unidos, mas minha vida sempre foi a comunidade. Cresci ao redor de todo mundo em Watts.

— Watts tipo a Watts violenta dos jornais?

— Exatamente essa, que era um bairro negro e agora está lotado de latinos.

— Bem...

— O quê?

— Nunca conheci ninguém de lá — ele respondeu de um jeito esquisito,

quase que com vergonha.

— Temos medo de vocês daqui — repliquei e dei de ombros. — Na verdade, eu tinha medo. Tem gente com muita coragem lá.

— Por quê?

— Porque eu sou latina e pobre, oras. É difícil para você entender isso, mas as pessoas olham torto para você quando esse é seu endereço.

— Nasceu lá?

— Não, nasci em Las Vegas.

— De verdade? — ele perguntou confuso como se achasse toda minha história graciosa.

— Sim, da cidade das luzes para cidade que nunca dorme.

— De Paris para Nova York?

— Engraçadinho — brinquei quando Carlos avisou que os hambúrgueres estavam prontos. Levantei-me e os levei à mesa, onde enchi o meu de todos os molhos possíveis. Dei a primeira mordida e gemi pelo sabor enchendo minha boca.

— Mamãe era cubana e papai era cubano filho de um norte-americano. Ele veio com a família logo depois da Revolução, mas minha mãe ficou mais tempo com a família e depois fugiu em um barco até Miami.

— Nossa... isso é muito bom! — Jason anunciou ao comer o primeiro

pedaço do hambúrguer de Carlos. — E como Las Vegas entra nessa equação?

— *Abuela* morreu quase assim que chegou. Mamãe e *abuelo* lutaram por uma vida decente e foram para Miami. Ela começou a dar aulas de salsa e conheceu meu pai. Ele era filho de investidores que mantinham cassinos em Havana e, com o conhecimento, levou mamãe para Las Vegas. Paixão à primeira vista, e algum tempo depois eu nasci.

— Não deu certo e vieram para L.A.?

— Mamãe ensaiava *showgirls* até descobrir que papai as treinava em outro tipo de dança, se você me entende. Ela me colocou debaixo do braço e decidiu não voltar para Miami. Chegamos a Los Angeles quando eu tinha sete anos e nunca mais saí daqui. Meu pai morreu quando eu tinha 15 anos, e mamãe há três anos, em um acidente de carro.

— Sinto por isso.

— São coisas que acontecem — respondi e dei de ombros.

— E agora?

— Agora eu estudo na ULCA e trabalho em todos os horários possíveis para conseguir me manter, mas já está acabando. E você?

— Minha vida não tem muita graça: me formei em Berkeley em negócios, hoje administro uma empresa. Tenho 27 anos, não falo espanhol e sei me virar em pistas de dança porque minha mãe me obrigou a fazer dança de

salão.

— Por quê?

— Porque ela queria fazer aulas e precisava de um companheiro — ele revelou, e eu ri da explicação simplória. — Papai estava trabalhando, Matt e Logan ainda estavam na minha cintura, e aos 15 anos eu já tinha 1,80m. Ela se aproveitou que mandava em mim.

— Bem, agradeça a ela. Você leva jeito em danças latinas apenas por isso.

— Deus, nunca vou contar! Ela sabe que aquele foi o pior período da minha vida! Tantas pessoas implicando comigo! — rimos juntos e ele ficou sério, mudando de assunto. — O que você faz na ULCA?

— Literatura.

— Ok. Você se chama Elizabeth e sua autora favorita é Jane Austen.

— Vamos dizer que me chamo Elisabete, em espanhol, e tenho uma forte queda por Virginia Woolf, apesar de, sim, ler Jane Austen — eu corrigi e terminei meu lanche lambendo meus dedos sujos de molho.

— Esse hambúrguer é realmente muito bom — ele afirmou novamente.

— Diga isso a Carlos em inglês, ele vai entender.

— Ei, Carlos — Jason berrou apontando para o hambúrguer na sua mão.
— Isso é muito bom.

O homem levantou as mãos e riu, agradecendo com um “*gracias*”.

— Bem, mulherengo, hora de partir. Foi uma noite muito diferente da que eu estava esperando — anunciei e me levantei da pequena mesa.

— Não, espera... — Ele me olhou como se quisesse dizer mais alguma coisa, mas não soubesse bem o quê.

— Está tarde, de verdade. Preciso estar no meu trabalho daqui quatro horas. Isso pode ser difícil — suspirei e olhei para o relógio. *Como a noite fugiu do meu controle desse jeito?*

— Posso te acompanhar?

— Na verdade, não — respondi e vi Jason levantar-se da mesa, observando-me confuso. — Olha, se alguém me falasse que eu teria um encontro louco com um desconhecido e iria com ele sozinha para o outro lado da cidade comer hambúrguer e dançar salsa, eu riria, só que aconteceu hoje. Mas me deixar na porta de casa sendo que te conheço há seis horas me deixa desconfortável.

— Um encontro, hein...? — ele brincou e notei que não estava ofendido pela minha hesitação.

— É... — completei e examinei meus pés, fugindo de seu olhar.

— Tudo bem. Me dê seu telefone — ele pediu e estendeu sua mão à espera do meu aparelho. Eu o encarei por alguns segundos e entreguei meu celular, vendo-o digitar antes de me entregar de volta. — Eu salvei o contato

como “Mulherengo”.

Eu gargalhei com vontade e os outros clientes do restaurante nos olharam com julgamento. Provavelmente achavam que estávamos bêbados.

— Porque não sou do seu tipo? — perguntei de repente, lembrando de suas palavras.

— Você lutou bem para me mostrar o contrário — Jason anunciou sem me responder e estendeu a mão para mim. Eu a peguei facilmente, achando graça. *Quando me tornei essa pessoa que anda de mãos dadas tão fácil?* — Vou te levar até o táxi.

— Isso foi um encontro? Teve conversa, dança, comida. Cumpriu os requisitos — completei e ele deu um sorriso sacana quando saímos do restaurante.

— Falta um na verdade — ele me garantiu.

— Qual?

— O beijo — ele completou e, sem esperar, se aproximou dos meus lábios. Jason encostou sua boca na minha em um beijo suave e cheio de promessas. Seu toque caiu em minha pele como um raio, sentindo o formigamento que tomava meu corpo e as malditas borboletas de agitando em meu estômago. Empurrei-o para longe.

— Ei, cowboy, a noite foi ótima, mas não somos desse tipo — eu

interrompi e caminhei para longe. Ele beijava muito bem, e não precisava disso com minha vida tão enrolada.

— Eu só achei que... — ele murmurou desconcertado.

— Achou errado! Preciso ir! — falei acelerada e corri para fora da ruela do restaurante de Carlos. Sentia algo esmagador em meu peito, como algo maior e desconhecido. Jason não deveria ser tão perfeito. *Nem tão bonito, nem com esses olhos azuis hipnotizantes, seu sorriso safado e...*

— Espera... É só que... — Jason se desculpou e me segurou pelo braço, obrigando-me a encará-lo. Era uma coisa esquisita, como uma aura sexual misturada com feitiço como nunca experimentei antes. — Desculpa se confundi as coisas. Você foi uma ótima companhia.

— Você também foi. Me diverti hoje — eu garanti e estendi a mão assim que vi um táxi virando a esquina. Meu tempo com Jason acabou.

— A gente vai se ver, Lizzie, tenha certeza. Eu tenho seu telefone.

— Vamos descobrir isso depois, Jason. Adeus... — me despedi sem jeito e balancei a cabeça como um cumprimento. O táxi parou e entrei no veículo mesmo não querendo ir embora.

— Adeus — ele murmurou em resposta igualmente sem jeito e ainda parado ao lado da porta do passageiro.

O carro deu a partida e observei Jason pelo vidro de trás. Ele olhou para os

próprios pés, pensativo, e de repente começou a correr. Poucos segundos depois, ele bateu na lateria do veículo e o taxista freou assustado. Assim que o carro parou, ele entrou no veículo e olhou para mim fazendo um gesto para o taxista, que arrancou novamente.

— Ei... O que você está fazendo?

— Ainda não estou pronto para ir embora.

— Jason, preciso dormir... Vou trabalhar amanhã...

— Quero te mostrar um lugar antes — ele respondeu e informou ao taxista nossa última parada. Não consegui discutir com ele, nem entendi o motivo.

Ele tinha o coração acelerado pela corrida e fui incapaz de entender que tipo de conexão estranha aconteceu naquela noite, com aquele desconhecido, que me fez cruzar a cidade em sua companhia. Sem respostas, fechei os olhos e encostei minha cabeça no ombro dele, aproveitando a viagem. Dez minutos depois, paramos na lateral de um prédio grande. Jason abriu uma porta de serviço e puxou-me para dentro, levando-nos para uma construção de texto alto e pisos muito brancos.

— Onde estamos? — perguntei curiosa.

— Você vai ver. Precisamos subir.

— Jason...

— Vem, Lizzie, confia em mim — ele pediu com um sorriso e me

desarmou completamente.

Nós subimos as escadas de serviço e, mesmo cansada, fui levada por Jason até chegar a uma porta de incêndio, que ele abriu, dando passagem para um telhado espaçoso. Era uma espécie de cobertura cimentada, de onde podíamos ver o horizonte do final da madrugada e um toque aqui e ali do céu se tornando alaranjado. Amanheceria e teríamos essa visão deslumbrante.

— Isso é lindo, Jason...

— Toma — ele ofereceu e colocou o blazer em meus ombros, sentando-se em um bloco de cimento ao nosso lado.

— Onde estamos?

— Trabalho aqui e adoro esse telhado. Gosto de passar um tempo aqui, mas nunca vi o amanhecer dessa paisagem.

— E decidi invadir o táxi e me trazer aqui logo hoje?

— Eu falei, não estava pronto para deixar você ir, mesmo com você negando o meu beijo.

— Jason, não é isso...

— Está tudo bem, Lizzie. Também estou um pouco assustado — ele me interrompeu, parecendo procurar palavras para explicar aquele sentimento acontecendo entre nós dois.

— Não tenho tempo para isso, minha vida é totalmente arrumada e...

— Talvez você precisasse abraçar um pouco a bagunça — ele riu. — Talvez eu seja essa bagunça.

— As coisas não são um conto de fadas, Jason.

— Lizzie, vem cá... — Jason pediu e puxou-me para ele. Nós ficamos frente a frente, muito próximos, ele sentado e eu em pé. — Desta vez vou te beijar direito, entende?

— Mesmo? — indaguei em um fio de voz.

Olhei para seus lábios e encarei-o novamente nos olhos. Antes que ele fizesse qualquer movimento, me aproximei, juntando nossas bocas. Algo poderoso me atingiu. Ele se aproximou, colando seu corpo no meu e, sondando com suavidade, como se não quisesse me assustar, colocou sua mão em meu rosto, puxando-me mais para perto. Eu abri minha boca, dando-lhe ainda mais acesso, e senti sua língua brincar com a minha ao mesmo tempo que percebi seu pau inchado sob o contorno da calça. Poderia ficar ali para sempre, saboreando seus lábios nos meus e a fome entre nossa ligação. Nunca havia me sentido assim.

Jason se separou de mim, grudando nossas testas, e suspirei de olhos fechados. Sentia suas mãos em meu rosto e sabia que essa noite não terminaria da forma simples que eu imaginava. Sentia como se algo tivesse mudado para sempre. Sem falar nada, ele puxou-me para cima e sentei-me

em seu colo, observando o dia amanhecer. Foi uma das coisas mais bonitas e inesquecíveis que já vi.

Nós continuamos em silêncio, apenas aproveitando a companhia um do outro. Meus olhos pesaram e fechei-os, ajeitando-me ainda mais próxima dele. Acordei uma hora depois, com as luzes do início da manhã e enrolada no abraço de Jason, meio sentada, e com ele dormindo encostado na parede do telhado, ainda sobre o bloco de cimento. Ele era lindo, mas era hora de partir. Desejava com todas as forças que ele se sentisse do mesmo jeito que eu, como se não fosse apenas mais uma noite.

CAPÍTULO 3

Jason

Acordei desorientado e senti a parede dura contra minhas costas. *Onde estava?* Olhei ao meu redor e percebi que estava no telhado da Hunt Enterprise, coberto pelo meu blazer e com um sol da manhã no horizonte. Passei a mão em meu rosto enquanto bocejava e olhei para o relógio, descobrindo que passava das sete horas. *Onde estava Lizzie?*

Não esperava por uma noite como a que tive. Senti um sorriso aflorar em meus lábios pensando nela e sei que parecia um idiota. Quem se importava com isso? Talvez só fosse alguém crente no destino, como se aquela mulher

estivesse prometida para mim. Eu soube quando a vi ali parada, com o olhar perdido, como se buscasse uma saída. Era incapaz de pensar nas palavras “amor à primeira vista”, porque ninguém ama até conhecer bem a pessoa, certo? Foi antes mesmo de Emma tê-la arrastado escada acima. Aconteceu quando a amiga de meu irmão correu para o bar e uma morena chamou minha atenção no meio da multidão e das luzes enquanto eu buscava Emma com o olhar. Ela estava ali parecendo deslocada, lutando contra uma bebida amarela esquisita. Alta, curvilínea e com cabelos castanhos escuros quase negros. Ela me atraiu como um holofote.

Emma decidiu pela Le Prestige em seu aniversário, mas estava cansado e April estava me ligando desde cedo. *Bem, April*, precisava fazer algo a respeito. Passei o dia em uma discussão jurídica interminável no trabalho, minha ex-namorada – ou quase isso, porque, bem, nós nunca namoramos – tentava falar comigo insistentemente e eu só desejava mesmo um banho quente e minha cama, mas era sexta-feira à noite e os Hunt queriam sair. Só me juntei a eles.

Matt sumiu primeiro, levado por alguma mulher pouco tempo depois que chegamos. Ainda não era meia-noite, mas meu irmão já tinha decidido com quem encerraria a noite. Logan estava correndo atrás de uma Emma bêbada, e, apesar de achar engraçado, eles tinham seu mundinho próprio. Ela também convidou algumas amigas, a quem fui apresentado no início da noite, mas

não tinha interesse algum nelas. Minha distância não fez com que elas parassem de me olhar como um prato de carne pronto para ser servido. Terminei ali, sozinho, tomando uma cerveja em uma boate abafada e esperando o tempo necessário para ir embora. Encarar a morena tinha sido o mais divertido que fiz, até sua amiga deixá-la e ela caminhar para o bar. Assisti de camarote o destino nos atraindo quando Emma tropeçou em Lizzie e trouxe-a para a área VIP.

Meia hora depois, estava cruzando a cidade para um clube de salsa. Ela me questionou se estava flertando. Menti, porque sabia que ela se afastaria se contasse a verdade. Foi uma noite enlouquecedora e queria voltar a vê-la. Na verdade, não queria que ela tivesse ido embora. Desejava mais dela... do nosso beijo, me afundar nela até perder os sentidos, sentir seu corpo contra o meu como no clube de salsa. Sabia que nos encaixaríamos como duas partes de um quebra-cabeça. Estava duro como pedra desde a primeira cerveja e sabia que ela tinha sentido a extensão do meu desejo na pista de dança. Peguei meu celular e verifiquei se o número dela continuava ali. *Graças a Deus*. Lizzie tentou ir embora algumas vezes, e pensar que ela podia não deixar rastros causava-me pânico.

Jason

Você está bem?

Preciso saber se chegou em segurança, estou preocupado.

Sentia-me cansado e batalhava com meus olhos a cada piscada. Vesti meu blazer e desci as escadas do prédio sentindo uma leveza dentro de mim que não lembrava de ter sentido alguma vez na vida. O maldito sorriso ainda flutuava em meus lábios. Cumprimentei os seguranças e pedi um táxi, notando que Lizzie ainda não havia respondido. *Será que serei ignorado?*

Lizzie

Viva e bem (cansada). Estou a caminho do trabalho.

Alguém não me deixou descansar.

Jason

Mas foi uma noite que valeu a pena, não é?

Lizzie

Sim...

Jason

Quer repetir?

Lizzie

Você está flertando comigo! Achei que você não estava!

Jason

Sou um péssimo mentiroso. E depois daquele beijo...

Lizzie

Vá dormir, porque você pode!

Jason

Antes preciso saber de uma coisa.

Lizzie

O quê?

Jason

Sai comigo hoje à noite?

Lizzie

Como hoje, hoje?

Jason

Sim, não consigo esperar 24 horas. 19h, hoje?

Lizzie

Jason... eu nem sei meu nome de tanto sono.

Jason

Te mando a localização. Por favor?

Lizzie

Nos vemos hoje à noite.

Jason

Temos um encontro.

Lizzie

Deus, preciso dormir! Mas vou tomar café.

Pelo menos um café bom.

Sorri com suas respostas. Sentei-me no carro e fechei os olhos por alguns segundos. Fui roubado pelo sono e acordei assustado com o celular tocando em minha mão. Era estúpido, mas achava que era Lizzie.

— *Finalmente decidiu me atender!* — disse a voz de April saindo mais alto do que deveria. Não queria falar com ela.

— Oi, April. O que você quer?

— *Só falar com meu namorado, oras... Você tem me ignorado e...*

— April — interrompi-a e percebi que o motorista se aproximava da minha casa. Estava cansado, com sono e sem um pinga de paciência. — Nós já conversamos sobre isso. O que quer que tivemos não foi um namoro. E terminou.

— *Jason... Eu...*

— Por favor, pare de fingir que nossa conversa não aconteceu. Gosto de você, mas acabou, pare de tentar fingir que ainda temos algo.

— *Mas nós temos! Jason...* — ela resmungou alto e quase gritei de irritação, interrompendo-a mais uma vez.

— April, por favor... isso não é uma discussão. Nós não namoramos, e você precisa se resguardar — expliquei com um bocejo. — Não quero ouvir sobre você de novo, tudo bem? Você tentou ligar, falar com a minha família. Eu gosto de você e não quero ter que fazer algo a respeito de uma ideia que você colocou na sua cabeça.

— *Mas nós... mas eu...*

— Nunca houve um “nós”, April. Tenha uma boa vida — completei e desliguei a ligação.

A voz de Logan na minha cabeça dizendo que eu precisava ter sido mais atento sobre April estava mais alta do que nunca. Ela era uma mulher linda, estonteante, loira, alta, com peitos fartos e fazia de tudo para me agradar. Nos conhecemos em uma galeria, quando um amigo de faculdade investiu no negócio. Nós saímos, nos divertimos, foi um bom sexo, apesar de todos os gemidos de April serem dignos de um filme pornô fingido, como se fosse o que homens esperavam que ela fizesse. Bem... deveria ser isso, mas comigo só me soou falso para caralho.

Fui ficando entediado, e no final de um mês de alguns jantares e quartos de hotel, expliquei que não íamos mais sair. Ela apareceu algumas vezes na Hunt, ligou para mim, falou com meus irmãos. Conversei com ela em todas as ocasiões, e na segunda e última vez que ela fez isso deixei claro que não tínhamos nada, nunca teria e ela não era minha namorada. Parecia que não tinha adiantado, porque essa era a terceira, e estava a um passo de conseguir uma ordem de restrição. Logan me alertou que ela era uma esposa troféu em busca de um marido que pagasse suas contas. Eu achei que era um exagero, mas pela forma que ela me tratava, parecia cada vez mais possível que isso estivesse acontecendo sem eu perceber. De alguma forma, April achava que me venceria pelo cansaço. *Não poderia estar mais enganada.*

O táxi me deixou no meu prédio. Eu morava em Koreatown, estranhamente próximo do Staple Center e da UCLA. Era um bairro agitado e moderno e a vinte minutos da Hunt Enterprise e da minha família. Nos poucos anos de nosso negócio, a coisa deslanchou ao ponto de conseguir comprar esse apartamento de luxo, e me orgulhava disso. Raramente saía à noite para chegar de manhã, porque eu pagava o cansaço com juro no dia seguinte, estava ficando velho. Mas, dessa vez, valeu a pena, e eu faria mil vezes de novo.

Caí na cama e dormi praticamente o dia inteiro. Quando acordei, peguei meu celular e vi várias mensagens. Nenhuma de Lizzie, apenas dos meus

irmãos se desculpando e depois preocupados porque não respondi. Eram mais de quatro horas da tarde e precisava resolver o que faríamos hoje. *Jesus, nunca me comportei assim com uma mulher, querendo vê-la de novo tão rápido.* Será que foi a cerveja? Isso seria um alívio muito melhor do que pensar que me tornei um obsessivo. Levantei-me morrendo de fome e lembrando que minha última refeição foi o hambúrguer de Carlos. Me tornaria um cliente fiel sabendo que era tão perto do meu apartamento. Enquanto vasculhava a bancada, meu celular vibrou e o nome de “Logan” apareceu na tela.

— *Sobreviveu à noite de ontem?* — ele indagou com um tom irônico na voz.

— Acabei de acordar, se isso responde à sua pergunta.

— *Planos para o sábado?*

— Sim. Preciso de sua ajuda.

— *O que foi?*

— Algum lugar para ir. Conheci uma garota ontem... Queria fazer algo legal.

— *Isso é diferente* — ele comentou sem querer entrar em mais detalhes.

— Eu só... só gostei dela.

— *Tudo bem, irmãozinho. Matt e eu vamos em um pub, se quiser nos*

acompanhar. Coisa leve, ainda estamos todos meio cansados.

— Parece bom. Emma vai?

— *Não, ela está com um idiota que conheceu em um curso de culinária. Ela acaba de terminar o namoro e já vai sair com outro.*

— E você não foi rápido o suficiente? Ah, sim, essa é a saída da vingança?
— eu brinquei.

— *Do que você está falando?* — ouvi Logan bufar do outro lado da ligação. — *Sabe o quê? Fique com seu mal humor. Nos vemos amanhã, no almoço com a mamãe. Não quero ver sua bunda piadista.*

— Ei, Logan. Chame Emma, avise que todos vamos estar juntos.

— *Vou tentar* — meu irmão resmungou e desligou na minha cara. Tão certo como o dia e a noite, bastava falar sobre Emma que Logan fugia da conversa. Via meu irmão há mais de uma década fingindo que não amava a garota da casa ao lado. Era agonizante de acompanhar.

Como prometi, mandei a localização e Lizzie me respondeu com um emoji. *Isso era um sim ou um não?* Não sei se ela conseguiu descansar e pensava que estava sendo um idiota por estar forçando esse encontro quando ela só queria descansar.

Algumas horas depois, eu esperava a chegada dela ao lado de Matt, Logan e Emma. Nós estávamos ali há 15 minutos, o suficiente para conseguir uma

mesa. Eu percebi que ela vinha em nossa direção antes mesmo de levantar os olhos e sorri, esperando-a chegar mais perto. Lizzie estava linda em uma camiseta, uma calça jeans simples e uma pequena mochila nas costas. Ela deu um sorriso cansado, cumprimentando a todos.

— Espero não ter feito vocês esperarem — ela comentou e me deu um sorriso grande. Um só meu, mas quando ela ia falar comigo, Logan interrompeu.

— Valeu a pena — Logan respondeu e encarou Lizzie para me olhar logo em seguida. Sabia que ele queria fazer alguma piada. — Lembra-se de mim? Acho que só não conhece Matt.

— Me chamo Lizzie — ela cumprimentou meu irmão do meio e suas bochechas ficaram vermelhas como se sentisse vergonha.

— Não deixe eles te envergonharem — Emma anunciou e entrelaçou seu braço no de Lizzie. — Hoje vou aproveitar que não sou a única mulher do grupo.

As duas começaram a conversar e, depois de alguns minutos, percebi que Lizzie não me cumprimentou. Logan e Matt acompanharam meu olhar e riem de mim.

— Agradeça a Emma mais tarde — Matt sussurrou para mim. — Sem o LollaPallEmma, não teria encontrado essa mulher. E pare de encará-la desse

jeito, vai achar que é maluco e sair correndo!

— Eu a teria encontrado de um jeito ou de outro. De um jeito ou de outro — expliquei com meu olhar ainda grudado em Lizzie. Ela olhou em resposta como se fosse atraída por meu exame. Quando pisquei para ela, vi suas bochechas se tingirem de vermelho mais uma vez. *De um jeito ou de outro.*

CAPÍTULO 4

Lizzie

— Mais uma rodada chegando! — Logan anunciou com alguns copos de cerveja nas mãos. Matt trazia alguns outros junto ao irmão. Agradei e bebi o líquido gelado com vontade.

Foi uma noite divertida: passamos as últimas duas horas conversando sobre besteiras, dançando e jogando bilhar. Estava exausta pelo trabalho e a saída da noite anterior, com sérias dúvidas se deveria ou não aparecer, mas a excitação substituiu o cansaço ao me juntar a um grupo tão divertido. Jason estava ali todo o tempo e não conseguia parar de pensar nele, apesar de não

termos conseguido conversar apenas os dois. Podia sentir sua presença. Ele estava a meu lado, sentado tão colado que poderia estar em seu colo, as mãos dadas por debaixo da mesa como uma reivindicação. Ele nunca me soltou, nem mesmo para beber ou comer, brincando com meus dedos em uma carícia leve e me fazendo sentir... *Como eu poderia estar me sentindo nervosa, excitada e atraída com apenas mãos?*

— Jason me disse que vocês são lendários — provoquei Matt e Logan, que me encararam confusos, como se não entendessem do que estava falando.

— Os irmãos pegadores! — Emma riu. — Desde que eles passaram de 1,70m têm sido assim. Pobre de Logan que demorou mais para crescer!

— Mas cresceu até demais — continuei e observei como Logan era o maior do trio. — De verdade? Irmãos pegadores?

— Com certeza. O mundo é muito grande para uma mulher só — Emma confirmou, e recebi em resposta um sorriso sacana dos irmãos, como se não fossem falar sobre o tema.

— Claro que não, Emma! — Matt anunciou com uma risada. — Todos nós sabemos que você é a mulher de Logan. As outras são apenas... as outras.

— O quê? — perguntei curiosa, olhando para os dois.

— De verdade, eles parecem um casal de velhos casados há cinquenta anos.

— De novo, não! — Emma gemeu ao meu lado. — Vão lá na pista demonstrar seus dotes para algumas meninas e nos deixem ter uma conversa de garotas.

— Nada disso, cunhadinha. Vamos dançar! — Matt pediu e piscou para mim, arrastando Emma e Logan para fora da mesa. Sutil como um elefante.

Os três sumiram na pista de dança, e Jason me encarou com um sorriso como se tivesse combinado aquela saída nada discreta.

— Você também tem que demonstrar seus dotes, lembra? Não era uma aposta de irmãos ou algo assim? — anunciei para Jason e vi seu sorriso murchar em seus lábios.

— Nós precisamos ser sinceros aqui, Lizzie. Eu só quero flertar com uma pessoa dentro desse bar, e essa pessoa é você — ele explicou com um olhar sério. *UAU. Não esperava que ele fosse tão direto.*

— Eu... eu...

— Respire, querida. Calma — ele pediu me interrompendo.

— Não esperava por isso.

— As coisas são como são. Ontem foi ótimo e queria repetir. Por isso te convidei.

— Não tenho certeza... — confessei, incerta. — Não é um bom momento para ocupar minha vida com um cara. Droga, eu tenho seis empregos.

— Você deveria relaxar por trabalhar tanto.

— Eu quero dormir mais horas, não um namorado — afirmei e coloquei minha mão livre na boca pensando no absurdo da minha afirmação. *Por que eu conseguia ver um futuro com alguém praticamente desconhecido?*

— Alguém está muito confiante! — ele brincou e congelei com seu comentário. *Ai, Lizzie, como você é boba.* Tentei tirar minha mão de seu toque, mas Jason segurou firme — Relaxe. Vamos dançar um pouco. Está sendo divertido, não?

— Eu preciso que as coisas aconteçam com mais calma. Não estou acostumada a... eu não consigo... — gaguejei. — É estranho como você parece tão próximo sendo um desconhecido.

— Você vai ter calma, eu prometo.

— Eu devo ir embora — afirmei olhando para seus olhos. Jason me deixava confusa. — Quero ficar, mas...

— Isso assustou você, não?

— Estou cansada, confusa. Dormimos tarde ontem, trabalhei o dia todo e estou aqui agora com você. Não é algo que eu faça normalmente.

— Quer ir para minha casa? — ele perguntou em um sussurro em meu ouvido.

— Jason...

— Eu me sinto como ontem — ele revelou e fugiu do meu olhar como se a confissão o envergonhasse. — Não quero ver você ir embora, mas também não quero forçar nada. Só quero estar mais perto de você por mais tempo.

— Não é uma boa ideia — disse incerta, e ele me encarou por alguns segundos, analisando meu rosto, como se conseguisse ver além da minha resposta.

— Você vai mesmo assim, não é? — ele afirmou e abriu um sorriso para mim — Vamos... eu cozinho algo e depois você pode dormir. Prometo que será algo inocente. Deixa-me cuidar de você.

— Trabalho amanhã.

— Juro que levo você aonde você queira.

— Você está falando como se eu fosse dormir com você. Quem é o confiante aqui?

— Lizzie, não sei o que está acontecendo, só que quero estar com você, o tempo que tiver. É demais?

— Eu entendo — respondi tímida, sabendo do que ele estava falando. Eu me sentia da mesma maneira, como se o conhecesse de minha vida toda. Como se precisasse dele a meu lado. — Tudo bem, eu vou — topei e levantei-me da mesa olhando para os lados. — Precisamos achar seus irmãos e Emma.

— Vou mandar uma mensagem avisando. Eu moro aqui perto, eles podem ir para lá de qualquer maneira se quiserem. Vamos? — Jason estendeu a mão para mim e o dia anterior brilhou em minhas memórias.

Sua palma estendida como um convite, pronto para entrelaçar nossos dedos para uma próxima aventura. Era a segunda vez bêbada ao lado dele, mas isso não podia ser algum efeito da cerveja, da festa, do ar. Era só eletricidade pura enchendo minhas veias. Nós ficamos em silêncio dentro do táxi, enquanto Jason fazia desenhos em minha mão com a ponta dos dedos. Menos de cinco minutos depois, paramos em um prédio bonito, e Jason me guiou, colocando sua mão na base das minhas costas. Era louco como seu simples toque fazia tudo se acender.

— Quer comida de verdade ou pipoca? — ele questionei assim que abriu a porta.

— Nós comemos no bar, estou cheia. Você cozinha de verdade?

— Sim, minha mãe fez questão.

— Ela te ensinou muitas coisas — completei e dei um bocejo. — Estou tão cansada.

— Pipoca, então. Quer ver um filme?

— Parece maravilhoso — respondi e mexi as mãos um pouco nervosa, olhando ao redor, como se não soubesse o que fazer.

Sua decoração parecia cara como a dos Stuarts, apesar do apartamento ser muito menor do que o que morava atualmente. *Era tão diferente do meu mundo, o que estava fazendo ali?* Bem, eu sabia por que estava na casa de Jason. Pela primeira vez na minha vida, sentia-me desse jeito por um homem. Mas por que ele? Por que um desconhecido com uma vida tão diferente da minha...?

— Já disse, só quero você aqui. Nada precisa acontecer, está bem? Relaxe — Jason anunciou e parou atrás de mim, massageando a tensão em minhas costas. Ele parecia saber para onde meus pensamentos estavam me levando. Gemi em resposta quando ele apertou com delicadeza a tensão em meu pescoço.

— Tudo bem. Vamos ver um filme — confirmei e me sentei em seu sofá.

— Quero relaxar você, parece tão cansada. “Velocidade máxima” ou “Diário de uma paixão”?

— “Velocidade máxima”.

— De verdade? — ele me encarou confuso, sem dúvida achando que eu escolheria o filme romântico.

— De verdade. “Diário de uma paixão” é lindo, mas é a receita para começar a dormir. Por que você tem esse filme? Garotas?

— Emma — ele replicou com uma gargalhada.

— Por quê? — perguntei rindo.

— Matt não estava brincando. Mantemos uma aposta há 15 anos sobre quando Logan e Emma vão desistir de serem amigos e finalmente começarem a namorar. Eles moraram juntos na faculdade. Posso ter feito a vida deles um pouco difícil no último ano.

— Por que você faria isso?

— Minha aposta era que Logan terminaria a faculdade, pegaria sua garota e cavalgaria pelo entardecer.

— E o que você fez para garantir isso?

— Posso ter pago uma orquestra e um restaurante só para eles. Também enviei uma caixa com brinquedinhos sexuais e, em determinado momento, os tranquei em uma sala por seis horas.

— Você tem problemas — respondi com uma gargalhada.

— Somos muito competitivos.

— O que eles fizeram nessas seis horas?

— Jogaram xadrez.

— E então o quê?

— No Natal seguinte, um mês depois dessa última tentativa, Emma me deu todos esses DVDs românticos que você vê na estante. Segundo ela, se eu estava carente de romance, essa era a melhor fonte em vez de ficar me

metendo na vida dela.

— Ouch.

— Exagerei e eu mereci. E foi assim que terminei com “Diário de uma paixão” na estante — ele completou enquanto eu soltei outra gargalhada, sentando-me no sofá.

Apesar de tentar, o cansaço me venceu nos primeiros minutos de filme. Assim que Jason puxou-me para mais perto, o calor de seu corpo foi como uma canção de ninar. Em algum momento depois disso, senti ele pegando-me no colo e depositando-me em uma superfície confortável. Me enrolei nas cobertas e dormi profundamente como não fazia há meses. Horas depois, quando abri os olhos, percebi que estava bem longe da cama de hóspedes dos Stuarts. Felizmente, eu ainda estava vestida. Sem meus sapatos, mas ainda com a calça jeans e camiseta que cheguei ao apartamento de Jason.

Não podia dizer o mesmo do meu companheiro de cama.

Girei meu corpo devagar e notei Jason como o pecado em pessoa: moreno, despenteado, sem camisa e muitas tatuagens. Quando ele disse que trabalhava e tinha uma vida chata, algo não se encaixava. Talvez fosse por isso que tinha a impressão de que ele me escondia algo. Havia mais de Jason do que era capaz de ver. Ele tinha três lobos tatuados no braço, que se espalhavam com flores e espinhos por parte do peito. O antebraço exibia uma listra fina onde

ele depositava a dobra da camisa, na mesma altura de uma figura anjo/demônio no outro braço.

— Gostando da visão? — ele indagou com a voz rouca, surpreendendo-me. *Merda, Lizzie. Pega no flagra.*

— Algo assim — sorri e virei meu corpo completamente para ele. — Algo não fazia sentido sobre você. Saber que é todo tatuado me deixa aliviada.

— De verdade? — ele perguntou em um tom de dúvida, levantando a sobrancelha como se quisesse mais explicações.

— Algo não se encaixava e de repente você está aqui, todo tatuado apesar de te conhecer como aquele homem penteado e de roupa social. Entende?

— Não.

— Somos diferentes, Jason. Saber que você não é tão certinho quanto parecia me deixa mais segura.

— Certinho? — ele riu e puxou-me para mais perto, fazendo-me sentir seu corpo no meu. Não tinha ideia de por que estar tão confortável com esse “estranho” seminu, mas estava. Eu poderia ficar de conchinha com ele por dias, até morrermos de sede e fome.

— Emprego certo, educação certa, vida certa — eu comecei a lista com os olhos de Jason presos na minha boca. — Apartamento de luxo e um rosto bonito como o demônio. As tatuagens tiram essa sua perfeição, sabe?

— Não me diga que toda essa coisa de não querer nada comigo é sobre isso?

— Claro que é. Você é bonito demais para querer a garota latina meio gordinha.

— Pois saiba que você me deixou de quatro desde que eu te conheci. Não tem um minuto que eu não pense sobre nós dois em uma cama, Lizzie — Jason disse e me assustei com sua sinceridade. Sei que sou tão transparente quanto vidro, então ele continuou como uma desculpa: — Não queria te assustar...

Jason afastou-se, levantando-se, e eu senti a perda de seu calor como uma dor física. Ele estava excitado. Era visível no contorno de sua cueca boxer preta. *Dios...* ele era bom de olhar. *Que devo fazer?*

— Não tenho experiência, Jason — confessei e tirei meus olhos dele, fixando-os no teto. — A história da minha mãe me marcou muito. Tinha medo da história se repetir. Nunca namorei ninguém, nunca transei com ninguém. Meu objetivo era estudar e conseguir um bom emprego para conquistar minhas coisas. Um homem só complicaria tudo... Mas desde que conheci você, é como se me puxasse mais e mais para perto. Estava confusa, não sei o que fazer, droga!

Depois de revelar meus medos, e u virei meu rosto para ele, encarando-o

por alguns segundos. Jason franziu o cenho e se aproximou, caminhando ajoelhado pela cama até me alcançar. Sem avisar, ele puxou-me para seus braços e me beijou. Foi devagar, reconhecendo os contornos, e gemi em resposta. Ele segurou meu cabelo sem força, trazendo-me mais próximo. Senti sua língua sondar meus lábios. Nossas bocas movimentaram-se em um encontro frenético que me levava cada vez mais longe.

O que era calma ficou selvagem de repente. Ajeitei minhas pernas ao redor da cintura de Jason, e eu podia sentir tudo. A sensação de minhas pernas moles, minhas partes baixas úmidas, seu pau grosso encostado em mim. Só parecia... certo. Não sabia o que pensar do meu corpo reagindo daquele jeito a alguém que acabara de conhecer. Aproximava-me mais, tomando e recebendo de seus lábios, enquanto suas mãos passeavam por meus braços e eu procurava por sua proximidade. Jason se separou de mim, encostado sua testa na minha e respirando pesadamente.

— Por mais que eu queira continuar — ele anunciou com a respiração errática, como se tivesse corrido uma maratona —, prometi te levar para o trabalho. Precisamos sair.

Eu tinha esquecido. Encarei-o assustada e recebi um beijo leve em meus lábios antes de Jason se levantar novamente. Conseguia ver o volume entre suas pernas dentro da cueca e notei seu sorriso quando seguiu meu olhar. Balancei a cabeça tentando dissipar a neblina sensual e olhei confusa para

ele.

— Preciso ir, Jason... eu... — comecei procurando por alguma desculpa. Estava uma confusão, precisando dele, e chocada pela rapidez com que queria coisas que antes evitava como a praga.

— Tudo bem, querida. Vá tomar um banho, vou fazer nosso café — ele anunciou com um sorriso leve e caminhou para fora do quarto.

— Não, Jason. Preciso falar algo! — pedi e ele parou no batente da porta, encarando-me curioso ao mesmo tempo que eu me ajeitava em sua cama. — O que está acontecendo é rápido demais. Nunca tive um homem e o que sinto por você é confuso... Eu sou virgem...

Jason me examinou com um olhar sério depois da minha confissão, parou ao lado da cama e colocou sua mão suavemente no meu rosto. Ele estava a centímetros de meus olhos.

— Quero que se sinta segura, Liz. Não vou te forçar a nada. Você se encaixa bem para caralho nos meus braços e, se pudesse escolher, eu não deixaria você sair da minha cama. Essa é só a primeira vez, meu amor, não a última — ele explicou com uma intensidade difícil de descrever. Abaixou-se depositando um beijo leve em meus braços e apontou para uma porta à minha esquerda. — O banheiro fica ali. Aprese-se para não se atrasar tanto.

Ainda um pouco desnorteada, tomei um banho rápido e coloquei a mesma

roupa, sabendo que meu uniforme reserva estaria limpo no armário da cafeteria. Saí do banheiro para ser saudada por uma xícara de café feita por Jason enquanto ele foi se aprontar. Trinta minutos depois, um Jason de camisa preta e calça jeans levou-me até o Good Coffee e prometeu falar comigo ao longo do dia.

Nunca fui irresponsável até esse momento. Conheci um cara e 24h depois cheguei atrasada ao meu trabalho. Não podia deixar isso acontecer. Muitos pensamentos invadiam minha cabeça, sendo levada algumas vezes para o momento que acordei com Jason de cueca e tatuado. *Dios, que hombre.*

— Seu acompanhante é bem gato — Barbra disse e apontou para Jason caminhando para longe através da vitrine do café.

— Eu sei — respondi simplesmente, passando por ela.

— Você está atrasada.

— Eu sei disso também.

— Está tudo bem?

— Sim, um pouco cansada. Preciso começar a trabalhar antes que reparem que...

— Que você chegou atrasada? — Daryl, a gerente, completou minha frase, fazendo-me gemer de culpa. — Duas horas atrasada, Elisabete. O que diabos aconteceu? Você não é assim.

— Peguei no sono e não consegui acordar.

— Com aquele homem que te trouxe? Duvido! — ela retrucou e cruzou os braços. — Olhe, é bom você ter uma vida social, mas nada de namorados por aqui. Cumpra seu horário que você vai continuar bem...

— Mas, Daryl, é meu primeiro atraso em mais de um ano.

— Se continuar assim, não teremos problemas — ela justificou e deu de ombros. Quando virou as costas, bufei em resposta, sabendo que, apesar de certa, a reação era injusta.

Depois do meu turno de seis horas no café, fui para o diretório acadêmico. Vesti novamente minha roupa da noite anterior para dar minha aula de salsa. Ela cheirava a bebida e a cigarro, mas era a única que havia em minha mochila. Enquanto esperava a sala encher, meu celular apitou com uma mensagem de Jason. “*Em qual trabalho está agora?*” Eu ri e informei que dava aulas até as cinco da tarde. Ele prontamente me convidou para jantar em seu apartamento. Jason me passou o endereço por mensagem e eu sabia, que apesar do cansaço e do medo dessa coisa nova, estaria lá no final do dia.

Foi o que aconteceu.

Recolhi minhas coisas após o fim da aula, sentindo a excitação de ver Jason novamente. Tomei um banho no vestiário e me aprontei para sair. Nós conversamos durante todo o dia: ele sabia minha história e eu sabia a dele.

Comida favorita, programas prediletos, o que gostava ou não na televisão, qual a cor que mais amava. Nós só nos divertíamos a cada vez que nos víamos e Jason parecia ter todas as respostas corretas mesmo sendo um cara rico de terno.

Cheguei a seu prédio e o porteiro me anunciou. Se não fosse a casa dos Stuarts, ficaria impressionada — e esmagada — pela nossa diferença social. *Quem diabos tem porteiro na Califórnia além de pessoas ricas?* Subi pelo elevador e pensei mil vezes para onde estávamos indo. Era fácil demais estar com ele.

— Oi. Cansada? — ele abriu a porta e questionou.

— Bastante — confirmei. Jason me deu um beijo leve nos lábios e fechou a porta atrás de mim.

— E você nunca descansa?

— Um dia aqui e outro ali, turnos na maioria das vezes, como ontem e hoje.

— Meu macarrão está pronto. Vem!

— Está muito cheiroso.

— Você vai saber se sou bom cozinheiro ou não.

— Espero que seja. A única coisa que faço direito é salada de batatas.

— Nem comidas latinas, essas coisas?

— Ah, vamos, você é melhor do que isso — respondi com uma gargalhada. — Tudo que você pensar de comida latina será pratos mexicanos. Não sei se sabe, mas tem um Estados Unidos inteiro no meio até Cuba.

— Territorial, hein? — Jason gargalhou, enquanto servia uma porção generosa de massa em um prato. Eu caminhei até sua pia e lavei as mãos, sentando-me em seguida na bancada para comer.

— É que aqui a gente só é latino. Seja mexicano, cubano, chileno, até brasileiro que nem espanhol fala. E cada um tem sua cultura, criação e prato típico.

— Está bom? — ele perguntou, e dei uma garfada. Não consigo conter um gemido. *O homem é lindo e sabe cozinhar!* — E o que exatamente você cozinha?

— Nada muito bonito. Arroz, *frijoles*, vários tipos de carnes. Muito prático para o dia a dia. Era nossa dieta quando minha mãe estava viva. Ela não entendia como vocês podem comer feijão em lata se o fresco é muito melhor.

— Porque é muito mais barato.

— E tem gosto de lixo tóxico. Vou fazer um qualquer dia e... — eu me interrompi ao perceber que estava nos vendo em um relacionamento. Estava sugerindo cozinhar!

— Eu adoraria — ele sorri e notei como ele entendeu a insinuação.

— Me sinto confortável com você, sabe? Tenho quase certeza de que você não é um maluco. Na verdade, não deveria estar aqui sem checar você, não é?

— Gente louca não dá cartão de visitas, Lizzie.

— Contra todos os meus bons julgamentos, achei que poderia vir aqui.

— Também confio em você, Lizzie, e nem sei bem por quê. Você poderia ser uma maluca que me drogaria e roubaria minha mobília.

— Eu sou uma pessoa legal — me defendi e continuei a comer o macarrão na minha frente.

— Também não consigo explicar. Fica tranquila — ele piscou para mim.

— É algo diferente, como se quisesse ficar perto de você o tempo todo.

— É tão rápido, e me sinto do mesmo jeito. Isso não pode... — parei novamente, percebendo que parecia uma metralhadora confusa ao envolver Jason e o que quer que estivéssemos fazendo.

— Tudo bem, Lizzie. Como foi o trabalho? — Jason indagou e mudou de assunto.

— Servindo mesas. Muitas mesas.

— Amanhã tem mais?

— Não, amanhã é meu dia oficial de folga. Mas também faço os trabalhos da universidade.

— Você nunca desliga?

— Raramente. Só quando durmo — dei de ombros e notei meu prato vazio.

— Quer mais?

— Estou satisfeita.

— Ótimo. Agora que está alimentada, posso fazer o que eu quero — Jason comentou em um sorriso e se aproximou.

Ele tomou minha boca de surpresa e lentamente acariciou meus lábios. *Deus, como ele me enlouquecia.* Ouvi o gemido escapando de minha boca e a leve risada de Jason. Ele grudou seu corpo no meu, trazendo sua língua até a minha e saboreando. Tudo acabou como começou, com ele indo para longe como se nada tivesse acontecido. Encarei-o aturdida e, antes que pudesse pensar nas minhas palavras, disparei:

— Você beija tão bem quanto cozinha — Jason me abraçou com um beijo suave em minha cabeça. Pensei em como me sentia feliz pela primeira vez em muito tempo.

CAPÍTULO 5

Jason

Nós assistimos um filme e, assim como no dia anterior, Lizzie apagou nos primeiros dez minutos. Estava perdendo a sanidade por ela. Mamãe e meu pai falaram que eu parecia com a cabeça nas nuvens durante o nosso almoço, e Logan e Matt comentaram sobre Lizzie. Sabia que eles estavam implicando comigo, mas fiquei puto por estarem brincando sobre ela como brincariam sobre algum caso de uma noite que tive.

— É que Jason pegou uma mulher e ela o deixou cansado — Matt comentou.

— Tinha que ver, mãe! Ele está de quatro por ela! Comendo na mão dela!

— Logan completou.

— Pois eu a achei bem legal — Emma respondeu. — Por favor, não mande essa embora.

— Aparentemente todos conhecem essa tal garota menos eu, meu filho — minha mãe reclamou.

— Conhecendo Jason, não vai ter tempo para a senhora conhecer... — Matt completou com uma risada. — Ele termina com elas como troca de roupa. Essa é mais uma para a lista.

Fechei meus punhos encarando meu irmão do meio. Ele ainda não tinha entendido que eu não estava achando graça e continuou a rir de sua “piada”. Meu movimento chamou atenção de Logan, que rapidamente fez um movimento de rendição, balançando sua cabeça.

— Matt... — eu alertei.

— O que, irmãozinho? É a verdade.

— MATT! — retruquei quase em um grito. — Pare com isso, por favor.

O almoço terminou quase em sequência da nossa semibriga. Quando estava voltando para casa, mandei uma mensagem para Lizzie, na esperança de que ela quisesse me ver novamente. Estava mexido desde sua confissão que era virgem. Precisava me acalmar, dar tempo a ela. Queria que ela fosse

minha e de ninguém mais, batendo em meu peito sobre pertencer a alguém. Desejava jogar todas as minhas precauções ao vento por apenas alguns dias.

Quando ela adormeceu e peguei-a em meu colo, sabia que era certo. Tirei sua calça, tentando deixá-la confortável e evitando olhar mais do que deveria, me deitei a seu lado e a abracei. Sentia o cheiro de seus cabelos e a sensação de suas curvas doces emolduradas em meu copo. Era plenitude. Era certo.

A luz atravessou minhas cortinas no momento que abri meus olhos. Liz estava ali, na mesma posição, mas de olhos abertos, encarando-me. Ela era linda pela manhã, com o rosto inchado e a expressão sonolenta.

— Peguei no sono novamente?

— Sim.

— Parece que estou me esforçando para pegar no sono em sua cama.

— É bom que saiba onde você tem que estar — confessei em um sorriso sacana.

— Jason, o que é isso tudo? — ela perguntou em um sussurro.

— Isso o quê?

— Eu e você. O que é?

— O que você quer que seja. Você é ocupada e eu também. Mas uma coisa que sei é que não quero desistir de você.

— Você me conheceu na sexta, pelo amor de Deus.

— E você já dormiu nessa cama duas vezes. Se você não sabe que isso tem algum significado, eu sei que tem.

— E qual é?

— Que você é mais do que uma coisa de uma noite, que quero você aqui...
— murmurei em resposta, atraindo-a para mais perto.

— Eu...

— Tudo bem, Lizzie. Eu falei: no seu tempo — disse, e seus olhos se arregalaram, assustados. Podia ver tanta vulnerabilidade ali, tantas dúvidas, e sabia que me sentia da mesma forma.

Liz tomou a iniciativa e grudou seus lábios nos meus um pouco sem jeito. Eu conduzi o beijo, tentando não a assustar enquanto brincava com seus cabelo. Ela abriu sua boca e nossas línguas se entrelaçaram em uma união voraz que deixou meu pau duro e necessitado. Ela se moldou a mim e girou nossos corpos, ficando embaixo e deixando-me descansar entre suas coxas. Podia sentir o calor entre suas pernas e sabia que Liz notava o quão excitado eu estava por tê-la tão perto. Senti suas mãos caírem sobre meu corpo, passeando por minhas costas nuas em uma exploração. Ela separou a boca da minha e levou os lábios em meu ombro, mordendo suavemente minha pele e fazendo as sensações irem direto para meu pau. *Ela era quente.*

— Liz... — gemi em sussurro grave e coloquei minhas mãos embaixo da

sua camisa. Brinquei com a pele quente de sua barriga ao mesmo tempo que espalhava beijos em seu rosto.

— Jason... eu não...

— Até onde você quiser, amor... — Respondi puxando-a para um beijo selvagem. Liz podia não perceber, mas estava se esfregando em mim, e eu estava a um passo de gozar nas calças como um adolescente.

Ela me empurrou com suavidade e eu estava pronto para parar quando ela aproveitou o espaço para arrancar sua camiseta. Liz encarou-me apenas de calcinha, enquanto rebolava em meu pau. Seus peitos eram perfeitos, cheios e redondos. Desci em uma trilha de beijos em sua pele, parando sobre seu seio esquerdo para lambê-lo e chupá-lo. Seus gemidos são como uma canção para mim. Lizzie brincava com meus cabelos e grudou sua boca em meu pescoço. Ela deixaria marcas em mim.

Suas pernas se fecharam em minha cintura, abraçando-me intimamente. Apenas as barreiras das roupas íntimas me separavam dela. Podia sentir sua buceta quente e sabia que ela estava molhada para mim. Eu me mexi como se estivesse dentro dela, sabendo que meu pau atingia seu clitóris a cada estocada de meus quadris. A respiração pesava, e Liz se impulsionava contra mim. Minhas mãos ajudavam seu quadril, ouvindo-a gemer a cada vez que meu membro encostava em sua entrada. Eu daria tudo para arrancar minha cueca e sua calcinha, mas não era o momento.

— Jason... — ela gemeu.

— Eu sei, meu amor. Goza para mim, vai... — Liz deu um grito alto, quase saindo da cama. Eu gozei tremendo e suado, como se meus músculos não fossem capazes de aguentar.

Foi forte, como nunca foi. O sentimento de felicidade exalando de minhas veias como se ela tivesse esse poder sobre mim... Eu não a deixaria fugir. Nós ficamos deitados na mesma posição por alguns minutos, nos recuperando. Eu precisava trabalhar, assim como Lizzie.

— Jason, isso foi... — ela falou com um tom sonhador.

— Incrível? Maravilhoso?

— Talvez toda a série de adjetivos que eu consigo pensar? — Liz completou.

— Eu sei, meu amor. Você acabou comigo e ao mesmo tempo já estou pronto para outra. Quero você de novo e de novo...

— Eu também — ela confessou, e vi suas bochechas se avermelharem de vergonha —, mas preciso ir embora.

— Também devo trabalhar, apesar de não querer. Eu sei que é segunda-feira, mas você volta hoje à noite?

— Jason... — ela me alertou. — Eu saio tarde do bar, só chegaria de madrugada. São noites seguidas demais em sua casa.

—Prometo todo o tipo de orgasmo que quiser — eu respondi com um sorriso safado.

— É uma proposta tentadora, mas...

— Vamos lá, Elisabete Alvarez, viva um pouco.

— Tudo bem, Jason Hunt, mas agora sai, porque vai se atrasar! — ela me pediu e deu um tapa leve em minha bunda, fazendo-me gargalhar.

Nós criamos uma rotina a partir daí. Não importava o quanto estivesse ocupado ou quão tarde Lizzie saísse do bar, eu sempre a buscava ou ela me encontrava em meu apartamento. Nós precisávamos nos ver todos os dias e queria senti-la nos meus braços todas as noites. Era louco e perfeito. Sentia que o que estava acontecendo algo maior. Eu estava me apaixonando por Liz e não fazia nenhum esforço para evitar.

CAPÍTULO 6

Lizzie

Eu estava cansada e feliz. Se passaram seis semanas após nos conhecermos naquela boate, e eu tentava dar o meu melhor entre Jason, a faculdade e meus trabalhos. Talvez não fosse suficiente, já que Daryl me encarava cada vez mais e alguns professores conversaram sobre meu “rendimento” nas últimas semanas. Era quase como um balé: chegava à casa de Jason, dormia como uma pedra em seus braços e recomeçava no dia seguinte. Quer dizer... só de lembrar fico vermelha... No último mês e meio, ele me dava um novo orgasmo a cada manhã. *Dios... Seu corpo, suas mãos...*

A cada dia nós íamos mais longe, mas ele não me forçava a transar. Jason parecia gostar de meu corpo e de beijá-lo e lambê-lo e...

— Senhorita Alvarez, estamos atrapalhando seu devaneio? — a professora Parker perguntou, fazendo-me voltar a prestar atenção em suas palavras enquanto a turma compartilhava risadas discretas.

— Não! Eu... eu... — tentei me desculpar, mas a mulher continuou com um olhar insistente para mim.

— Preste atenção, tudo bem? É importante.

Durante o restante da aula, voltei a mim mesma, fazendo anotações e marcações em meus livros conforme a professora falava a frente da turma. Quando o fluxo de pessoas diminuiu a meu redor, levantei-me e a professora se aproximou. Ela me deu um sorriso sincero.

— Peço desculpas pelo meu comportamento – eu disse. – Ando cansada com o trabalho. Às vezes só me distraio...

— Esses olhares e suspiros não são sobre o trabalho, não é? — ela me interrompeu, fazendo minha bochecha se acender de vergonha. — Lizzie, não nos conhecemos bem e você sabe como conduzir sua vida, mas tome cuidado. Estar aqui é sua educação, seu meio de conseguir as coisas. Homem nenhum merece que você deixe isso de lado.

— E eu não vou!

— Garota esperta. Só tome cuidado. Você é nova, tem o quê? Vinte anos?

— ela questionou e confirmei com a cabeça. — Você tem o futuro pela frente. Não seja a esposa de empresário, seja você mesma a CEO. E para isso, precisa prestar atenção nas aulas, ok?

— Estou exausta — eu confessei. — Passo horas demais no trabalho, preciso estudar, gosto de ver Jason...

— As coisas passam rápido. Mulheres precisam ser independentes, mostrar que são mais capazes o tempo todo. Você veio para cá para se educar, ter um diploma, e espero que consiga. Vejo o esforço nos seus olhos. Por favor, não desista por causa de um homem.

— A minha vida inteira eu quis um diploma, tenho várias fontes de renda para me manter aqui, além da minha bolsa. Não vou me decepcionar ou os outros. Eu acho... eu acho que estou apaixonada por alguém, senhora Parker. Eu tenho minha vida, e ele, a dele. Preciso tentar equilibrar isso.

— Boa sorte com isso. Estarei por aqui se precisar — ela ofereceu com um último sorriso e voltou para sua mesa.

Será que conseguirei equilibrar as coisas?

Saí pensativa da aula e voltei para a casa dos Stuarts para deixar minhas coisas antes de ir trabalhar. Não tive turno no Good Coffee e já estava perto da hora do almoço. Ao contrário de todas as minhas folgas planejadas, não

avisei ao diretório que tinha tempo livre para organização e tutoria, pois decidi que convidaria Jason para um almoço surpresa. A voz da senhora Parker ecoou mais uma vez sobre o equilíbrio entre minha vida e quanto estava me dedicando a Jason. Era tão simples e perfeito, e ele não me exigia nada. Jason estava contente pelas poucas horas que passávamos juntos e não exigia nada em troca. Ele tentava se encaixar em minha rotina louca como eu tentava aproveitar suas horas livres como um CEO de empresa. Não era o melhor momento, mas queria ser egoísta. Não renunciaria aos nossos minutos, às nossas noites, às nossas manhãs... Ele era mais uma parte da minha vida que não estava disposta a abrir mão.

Olhei para meu relógio e chequei o endereço da Hunt Enterprise na internet. Não lembrava a localização exata depois daquela manhã e nunca o acompanhei até seu trabalho. Alguns minutos depois, quando me aproximei da recepção e me anunciei, pensei que poderia ser uma péssima ideia. As pessoas me olhavam estranho e percebia que chamava atenção por não combinar com aquelas paredes de mármore. A recepcionista ligou para a secretária de Jason com uma expressão irritada, mas o que quer que a pessoa tenha respondido do outro lado da linha foi o suficiente para me fazer subir. Quando as portas do elevador se abriram no 29º andar, estudei o ambiente, completamente perdida, até ouvir a voz de Jason.

— Veio ver onde eu trabalho? — ele perguntou com humor na voz.

— Jason! — eu cumprimentei, abraçando-o. Evitava beijá-lo com receio das fofocas de trabalho, mas ele juntou seus lábios aos meus de forma leve e entrelaçou nossas mãos enquanto me apontava para seu escritório.

Era difícil conciliar meu Jason com aquela pessoa que trabalhava na Hunt Enterprise, uma empresa de publicidade de vários formatos. Ele era CEO e tratava dos negócios gerais. Matt comandava a área comercial de vendas e publicidade, enquanto Logan era advogado e cuidava da área jurídica. Os três eram sócios de um negócio criado com a ajuda do padrasto, um empresário atualmente aposentado que trabalhou com ações durante toda a vida.

— Seu escritório é enorme. E tem uma vista ótima!

— Sim, o que estou vendo me encanta muito — ele replicou com um sorriso brincalhão, e percebi que ele me observava.

— Jason! Vim te chamar para almoçar, você pode?

— É uma ideia excelente. Espera alguns minutos? Preciso responder um e-mail e estarei pronto.

— Posso ficar no sofá?

— Na verdade... — Jason comentou e andou até mim com o olhar predador. O ar entre nós dois mudou, e sei para onde seus pensamentos estavam indo. — Eu tenho uma ideia melhor.

Ele se aproximou e colocou as mãos em minha cintura. Jason puxou-me

para cima e enrolei-me em sua cintura. Sua boca grudou na minha em um beijo frenético. Senti nossa respiração acelerar conforme seus lábios afundavam nos meus, seu corpo se grudando ao meu com urgência e paixão.

Jason se sentou no sofá, onde continuamos nossos beijos e mordidas até estarmos febris e sedentos um pelo outro. *Dios... acho que me apaixonei por este homem, por seu corpo, por suas mãos, por ele todo.* Arranquei minha camiseta junto ao sutiã e coloquei a mão sobre a gravada de Jason, puxando-a para fora de seu terno. Ele beijou meu pescoço, fazendo-me arrepiar, enquanto me mexia em seu colo tentando acalmar o fogo que crescia dentro de mim. Quando consegui tirar a peça, comecei a desabotoar a camisa de Jason. Seus lábios escorregaram por meu corpo até alcançarem meus seios. Soltei um gemido estrangulado que Jason respondeu com um sorriso.

— Não devemos fazer barulho.

— Jason, eu... — resmunguei, beijando seu peito e sentindo a pele quente contra meus lábios.

— Quietinha, meu amor. — ele pediu e colocou suas mãos em meu rosto, me beijando profundamente. Uma ideia veio à minha cabeça e não consegui parar, soltando-me dos braços de Jason e ajoelhando-me à frente dele. Minhas mãos alcançaram sua calça e puxaram o zíper para baixo.

— Você também, meu amor. Quietinho — provoquei com um sorriso

safado e Jason balançou a cabeça com um olhar perverso. Não seria a primeira vez. Nas últimas semanas, exploramos o corpo um do outro sem cessar, mas ainda me sentia insegura e inexperiente. Jason tinha paciência comigo e parecia amar tudo o que eu fazia com o seu corpo.

Ele tremeu em minhas mãos quando puxei sua excitação para fora. Ele era enorme, e mais uma vez me peguei pensando como seria perder minha virgindade com ele. Eu me sentia pronta.

Jason acariciou meu rosto enquanto eu brincava com seu membro, acostumando-me ao toque. Ele me deu tempo, e comecei devagar, beijando sua pele sensível e o fazendo gemer. Eu o coloquei em minha boca e comecei a lambê-lo, me adaptando ao seu tamanho. Jason segurou meus cabelos com mais força do que o normal, e eu sabia que ele estava lutando para não fazer barulho algum. Sentia-me vazia, querendo mais.

Ele impulsionou o quadril contra meus lábios e fechou os olhos com força, tremendo contra mim. Jason deveria gozar a qualquer momento. Senti-me engasgar e controlei minha respiração, engolindo-o inteiro. Quando senti a mão de Jason segurar meu cabelo com ainda mais força e foder com minha boca, percebi que ele estava fora de controle. Ele soltou um gemido baixo e estrangulado e seu líquido quente desceu por minha garganta. Eu precisava dele.

Puxando-me para cima, Jason me deu um beijo suave e encostou sua testa

suada na minha. Ele respirava com dificuldade, seu coração pulsando em seu peito.

— Merda, Liz... — ele gemeu. Suas mãos desceram para o zíper da minha calça, puxando-o para fora desajeitadamente. — Eu preciso... preciso sentir você, amor, só um pouco...

Arrancamos nossas roupas respirando com dificuldade, e voltei para seu colo. Estava nua em seu sofá do trabalho e Jason duro novamente, seu pau inchado entre nós dois, perigosamente próximo de minha entrada. *Não demorava mais do que isso?*

— Por favor... — implorei em um sussurro contra seus lábios e sei que estava pedindo para que ele me tomasse. Jason suspirou pesado e balançou a cabeça em negativa, fazendo-me gemer de frustração.

Seu membro escorregou até meu clitóris e deslizou para frente e para trás, nunca entrando em mim. Podia sentir o orgasmo se aproximando. Saltei em seu colo, acelerando nossos movimentos e secretamente desejando que ele escorregasse e me preenchesse. A cada nova investida, minhas terminações nervosas se acendiam até se apertarem dentro de mim. Quando alcancei o clímax, baixeí meu rosto para o ombro de Jason, mordendo-o com força. Ele abafou seus gemidos em meus cabelos, e senti-o jorrar em minha barriga. Nós ficamos ali, abraçados e suados por vários segundos até tudo finalmente se acalmar.

Eu sorri quando abri os olhos e vi nossas roupas por todo lado. Jason acompanha meu olhar e solta um gemido estrangulado misturado a uma risada. Sentia-me feliz por estar com ele.

— Acha que fizemos algum barulho? — perguntei com timidez.

— Mais do que deveríamos — ele me respondeu. — Vamos almoçar. Resolvo o meu e-mail quando voltar. Minha cabeça não está nos negócios.

Jason levantou-se e foi até um cômodo lateral que aparentemente era um banheiro. Eu me vesti e esperei minha vez no reservado, tentando ajeitar a bagunça de meus cabelos.

Minutos depois, estávamos prestes a sair quando ouvi algumas batidas na porta. Jason pegou minha mão e abriu. Logan nos deu um olhar confuso e curioso.

— Bem, temos um problema — ele declarou.

— Como assim? — Jason indagou.

— Mamãe ligou, pedindo para te dizer que ia almoçar com sua namorada e queria que você fosse. Como sua namorada está aqui, então com quem diabos está com a nossa mãe? — o irmão mais novo de Jason questionou e os dois se encararam por alguns segundos antes de falarem o mesmo nome com raiva: — April.

— O que está acontecendo? — perguntei, olhando para os dois.

— Acho que você vai conhecer sua sogra mais cedo do que imagina, meu amor — Jason declarou.

CAPÍTULO 7

Jason

A visita de Lizzie foi uma surpresa inesperada, mas também o ponto alto do meu dia. Tê-la nua em meu escritório e senti-la gozar em meus braços fizeram eu me sentir como um rei. Não seria capaz de olhar para essas paredes sem pensar nela depois daquele momento. E então do mesmo jeito que meu humor foi às nuvens, ele desceu até o inferno. *Como diabos April chegou até minha mãe?*

— Quem é April? — Liz perguntou assim que entramos no elevador. Seu

corpo estava rígido, como se estivesse irritada. Virei-me para ela e depusitei minha mão em seu rosto com um suspiro de derrota. Nunca falei sobre April, porque não havia o que ser dito. Tudo acabou antes mesmo de conhecê-la.

— Eu saí com ela há alguns meses e, quando paramos de nos ver, ela não aceitou um “não” como resposta. Liga o tempo todo, aparece sem ser convidada. Já fazia semanas desde a última vez e pensei que tinha desistido... — suspirei derrotado. — Acho que preciso de uma ordem de restrição. Tenho medo por você, minha mãe...

— Ela é uma namorada? — ela me interrompeu em um fio de voz.

— Não, porra! Você é minha namorada. Nós estamos juntos há semanas. Não tive mais ninguém, como poderia? Nossos horários são uma loucura e, mesmo assim, nós demos um jeito.

— E essa April não voltou a falar com você?

— Não ouço nada dela há semanas — continuei. — Nós vamos resolver isso. Você é minha namorada, entendeu? Só você.

Lizzie balançou a cabeça, parecendo pensativa. Assim que resolvesse a questão com minha mãe, iríamos conversar melhor. Peguei a mão de Lizzie e entrelacei nossos dedos a caminho do restaurante. Mamãe avisou para Logan onde estaria e, assim que me aproximei, a vi sentada com April em uma mesa da calçada. A mulher abriu os olhos surpreendida, examinando minhas mãos

unidas da de Lizzie.

— Ja... Jason...?

— Que porra é essa, April? Eu disse que na próxima iria conseguir uma ordem de restrição! Isso não tem graça! — eu anunciei, irritado. As pessoas a nosso redor nos olharam pelo meu tom grave e alto. *Era bom mesmo que olhassem.*

— Jason, o que está acontecendo? — minha mãe questionou, confusa. — Acalme-se, meu filho.

— Ela tem me seguido e me ligado, mesmo depois de meses. Eu avisei que não toleraria mais. Quero que vá embora agora! Você não é minha namorada, Lizzie é.

— Você está me traindo com essa aí? — April gritou e Lizzie estremeceu a meu lado, tentando se separar de mim, mas eu não permiti.

— Mamãe, pegue suas coisas. Vamos comer em outro lugar! — solicitei e encarei a mulher loira de forma firme. — E April, você vai ouvir dos meus advogados.

— Jason! — April gritou com sua voz aguda. Minha mãe pegou sua bolsa e levantou-se.

Caminhamos para fora ao mesmo tempo que a mulher parecia fazer uma cena no restaurante. Não me importava nem um pouco, desde que ela

mantivesse distância.

— O que foi isso? — minha mãe perguntou, curiosa. Ela examinava Lizzie com um olhar afiado, seus olhos voltando o tempo todo para nossas mãos dadas.

— Eu saí algumas vezes com April, e ela colocou na cabeça que é minha namorada. Já fiz de tudo, mas ela não para. Continua a aparecer de surpresa, a me perseguir. Vou ter que acionar os advogados.

— Jason... — Lizzie chamou minha atenção e parei de andar, já a alguns metros do restaurante. Eu observei seu rosto tímido e olhei para minha mãe com um sorriso.

— Mãe, esta é Lizzie, minha namorada real — apresentei. — A mesma que Matt e Logan tem falado nos últimos domingos.

— Oh, meu Deus! — minha mãe exclamou e pulou nos braços de Lizzie, apertando-a forte. Minha garota ficou sem jeito pelo abraço de urso de Ava Larson. — É tão bom conhecer você!

— Eu também fico feliz — Lizzie balbuciou com um sorriso nos lábios. — Fui pega de surpresa com isso tudo e...

— Besteira, querida. É a primeira namorada que conheço de Jason, a primeira dos meus filhos. — ela continuou em um tom alegre.

— Tem Emma — Lizzie comentou e deu de ombros, fazendo mamãe e eu

soltarmos uma gargalhada.

— Ah, meu Deus, Jason. Ela é praticamente da família!

Pelas duas horas seguintes, as observei interagir ao conversarem sobre diversas coisas. Ao final de nosso almoço, mamãe falou sobre sua infância e era visível como Lizzie se interessava por terem histórias parecidas: ela foi criada pela mãe e um padrasto apareceu em cena quando ela tinha 14 anos. Eu sabia por Lizzie que Danny nem de perto era o que meu avô foi para a vida da minha mãe. Entrelacei nossos dedos, apenas acompanhando a troca entre elas e percebi que estava feliz. Pura e simplesmente feliz. Me virei para Lizzie apenas para observá-la. Foi quando a realização chegou eu a amava. Sem planos, sem medo, sem segredos. Era algo novo e me sentia bem com isso. Tinha me apaixonado total e completamente por Elizabete. E queria ouvi-la dizer o mesmo para mim.

Depois de deixar minha mãe em casa, decidi não voltar para o trabalho. Em vez disso, fui para meu apartamento, com Lizzie na carona. Nós teríamos algumas horas até ela precisar estar no bar. Assim que chegamos ao apartamento, fui para o banheiro tomar um banho, mas, quando entrei no

chuveiro, ouvi um barulho na porta. Abri o box de vidro e encontrei Lizzie ali parada, incerta, como se quisesse falar algo.

— Você precisa de alguma coisa, meu amor?

— De você... — ela declarou, suavemente.

Como se estivesse em câmera lenta, Liz tirou suas peças de roupa, ficando nua na minha frente. Não era a primeira vez que a via daquela forma, mas percebi no ar algo diferente.

— Liz... — eu gemi quando ela andou para dentro do chuveiro.

— Não quero esperar mais. Por favor... — ela pediu e grudou-se em mim, beijando-me enquanto a água quente caía em minhas costas.

Era um beijo calmo, como se estivesse reconhecendo meus contornos, mas sabia que duraria pouco. Lizzie sempre me transformava em um selvagem, e logo eu iria querer devorá-la com minha boca e meu corpo.

Nosso beijo tornou-se mais feroz e puxei-a para cima, encaixando-a em minha cintura. Nós ficamos ali, provocando, lambendo, chupando, sentindo e beijando, até estarmos a ponto de gozar. Liz tentava se aproximar ainda mais, gemendo meu nome, perdida em seus sentidos.

Estiquei minha mão e fechei o chuveiro, levando-a em meu colo até nossa cama a passos largos. Cabelos molhados, olhos selvagens e respiração errática. Cobri seu corpo com o meu e deslizei minha mão por suas curvas.

Os dedos de Liz caíram sobre minha ereção, fechando-os sobre ela e fazendo um movimento de vaivém. Fechei meus olhos com força, tentando segurar o orgasmo.

— Amor, não vou durar se continuar. — Segurei os dois braços de Lizzie sobre sua cabeça. Ela tinha olhos amorosos e pesados, excitada por nossas preliminares.

— Eu quero você dentro de mim, Jason. Hoje... agora... — ela sussurrou, e desci uma das minhas mãos até sua entrada, notando quão molhada ela estava. Suas pernas se abriram ainda mais. Meu pau descansou sobre sua boceta, e o mais mínimo movimento me faria afundar onde eu mais queria.

— Precisamos ir com calma, não quero machucar você... — disse com a mão em seu quadril. Ela balançou a cabeça e se empurrou contra mim. Senti minha ponta se deslizar. Gememos junto pela sensação.

— Por favor... — ela pediu mais uma vez e me encarou com seus olhos sérios. Lembraria aquela imagem para sempre. Sua pele vermelha, o suor em sua testa, o olhar amoroso. Afundei-me até sentir uma barreira, e Liz gritou quando impulsionei contra ela. Soltei suas mãos e esperei que ela se acostumasse, beijando seu rosto.

— Tudo bem...?

— Vai ficar... preciso de alguns minutos — ela anunciou. Passei alguns

segundos consciente de cada movimento dela, deslizando meus dedos em seus cabelos e esperando que ela não saísse correndo depois de machucá-la.

— Melhor? — eu perguntei quando notei ela se mexer contra mim, como se estivesse se ajustando. Ela concordou com a cabeça como resposta e procurou meus lábios.

Lizzie cruzou suas pernas em meu quadril e se impulsionou contra mim. Eu a deixei livre em seu vaivém, esperando que ela relaxasse em meus braços. Beije seu corpo e brinquei com sua pele, sentindo meu pau se inchar entre suas dobras. Não consegui mais me segurar e agarrei sua lateral, empurrando-a contra a cama e saindo e entrando cada vez mais rápido. Dentro e fora, vai e vem. Eu estava na beira do precipício, e Lizzie gemia sensualmente a cada investida. Ela me apertava, encontrando-me no meio do caminho, tão fora de controle quanto eu.

— Jason! — ela gemeu meu nome e apertou seus dentes em meu ombro, tremendo em meus braços. Foi o necessário para me levar além. Gozei dentro, gemendo e vendo pontos pretos. Foi o orgasmo mais forte que já tive.

Guardei meus sentimentos até onde consegui. Chegava perto da perfeição a cada noite com ela em meus braços, mas, naquele dia, dentro dela, fazendo-a gemer e beijando-a até ficar sem ar, não consegui segurar mais. Grudei minha testa na dela e, em um suspiro, sem medo de me arrepender, declarei:

— Eu te amo, Liz.

Ela me encarou séria por alguns segundos e me beijou como resposta. Eu sabia sem precisar das palavras. Lizzie me pertencia da mesma forma que eu pertencia a ela, desde a primeira maldita vez.

CAPÍTULO 8

Lizzie

Eu te amo, Liz.

Fiquei sem reação depois da confissão de Jason. Beije-o sem saber como reagir. Agora, horas depois, assistindo-o dormir depois de mais duas rodadas fazendo amor, talvez eu respondesse. Demorei para entender, para acreditar que tinha direito a isso. A verdade acendeu em mim como uma árvore de Natal. Eu o amava. Não tinha pensado nisso. Corrigindo, não quis *enfrentar* isso. A sensação de que se algo acontecesse com ele eu poderia morrer, as

borboletas no estômago. A felicidade de só ouvir sua voz, alguém usar seu nome. Era uma bolha de amor que alguém como eu, com uma vida como a minha, não estaria acostumada.

Eu o amava.

Brinquei com seus cabelos e aconcheguei-me em seus braços com o conhecimento enchendo meu peito. Sentia-me leve, poderosa. As coisas apenas fluíam, enquanto aquele maldito sorriso bobo não deixava meus lábios.

— Tudo bem? — ele murmurou para mim com a voz sonolenta. Precisava dividir, queria que ele soubesse.

— Eu te amo — declarei, simplesmente.

— Eu sei — ele me respondeu com um sorriso.

— É uma punição por que não disse antes? — indaguei e beijei seus lábios, escondendo meu rosto em seu ombro.

— É um fato. Talvez eu soubesse antes de você mesma — Jason comentou. — O que você faria sem mim, Elisabete?

— Não chegar atrasada — anunciei. — Quero ficar, mas preciso ir para o trabalho.

— Eu te levo. Vá se arrumar, vamos sair em alguns minutos — ele informou e levantou-se da cama.

— Ah, Jason — eu o chamei sem jeito.

— O que é, meu amor?

— Nós não usamos nada na primeira vez... Não é um momento para uma gravidez. É algo muito novo — eu comentei, tímida.

— Eu sei. Você ainda precisa se formar e ser a professora de literatura mais gostosa do UCLA — ele brincou e piscou para mim. — Eu vou cuidar disso. Vamos ser os garotos modelo da contracepção.

— É sério, Jason. Não é o momento.

— Eu sei, meu amor — ele me deu um sorriso sincero. — Nós vamos ter tempo no futuro. Agora você precisa cuidar de outras coisas. Não vai acontecer mais. Estava preocupado demais com sua primeira vez, e aconteceu.

— Mas e se acontecer? — eu externei meus medos, e Jason me deu um beijo suave.

— Não vou abandonar você. Não vai sair do meu lado, querida. Vamos resolver as coisas juntos — ele prometeu e esticou a mão para mim. — Agora levante-se, preguiçosa. Você precisa ir para um dos seus quarenta empregos.

Os dias passaram com facilidade. Nós tínhamos nossa rotina, e Jason gostava de me mimar. Ele fazia café na cama, me levava ao trabalho e era protetor comigo. Desde que o conheci, eu pouco dormi na casa dos Stuart.

Tinha tantas roupas no apartamento de Jason que nem mesmo precisava mais buscar peças limpas.

Porém, em uma dessas manhãs, ele me deixou no Good Coffee e foi para o trabalho. Assim que entrei na cafeteria, notei que algo estava errado. Daryl me encarou e me fez um sinal com as mãos. Olhei para o lado e vi April em toda a sua imensa glória. Ela era linda, magra, loira... o conjunto completo, mas ainda assim me olhava com olhos malvados, como se estivesse disposta a tudo para me atrapalhar. Jason me amava e não a ela, e eu sabia que isso a irritava.

— ... e então esta cidadãzinha de meia tigela roubou meu namorado! ELA DORMIU COM MEU NAMORADO! — April gritou. — Por favor, suma com ela daqui!

— O que... o que está acontecendo? — balbuciei acompanhando a cena.

— Lizzie, precisamos conversar. Essa senhora está contanto coisas horríveis e...

— E isso não tem nada a ver com o meu trabalho, tem? — perguntei, desconfiada. Daryl ia mesmo brigar comigo sobre algo fora do trabalho?

— Lizzie, têm semanas que você se atrasa. Agora traz problemas pessoais para o café. Não acho que...

— Deixe-me ver se eu entendi — questionei, cruzando meus braços. —

Uma desconhecida vem aqui me acusar de coisas da minha vida pessoal e você me demite? Eu acabei de chegar...

— Ela está gritando, não é bom para os negócios — minha gerente sussurrou entredentes.

— Isto é minha demissão então?

— Sim, Lizzie, infelizmente... — ela anunciou e encarei April, que tinha uma expressão vitoriosa em seu rosto. Ela agradeceu Daryl com lágrimas fingidas, o que foi desconfortável de assistir. Comecei a me dirigir para a área dos funcionários, para recolher minhas coisas no meu armário, quando ouvi novamente a voz da gerente — ... Aonde está indo?

— Tenho coisas pessoais aqui. Se quiser chamar o segurança para ver o que estou pegando, fique à vontade — anunciei irritada e fui recolher meus livros da faculdade e pequenos lanches que mantinha para os intervalos.

Daryl entrou na área dos funcionários minutos depois e acompanhou cada um dos meus movimentos. Eu sabia que ela não ia com a minha cara, mas não esperava que se agarrasse a uma desculpa esfarrapada. Parecia que, por ser uma mulher latina, precisava me esforçar muito mais para provar que era capaz.

Terminei de guardar as coisas em minha mochila com um silêncio constrangedor. Ela me explicou que um cheque estaria à minha disposição

em alguns dias e me sorriu amarelo, dizendo que sentia muito. Esperava que, ao longo dos dias, notasse que tinha dispensado a melhor atendente do café, já que Barbra era lenta e flertava com todos os clientes.

Caminhei para fora do café com a mochila nas minhas costas, tendo horas livres que não esperava. Precisava de Jason. Quando dou por mim, estava em frente da Hunt Enterprise. A voz da professora Parker vem até mim quando percebi que, sem Jason, não estaria nessa confusão toda.

Quando me apresentei na recepção, fui tratada de uma forma completamente diferente da vez anterior. Jason me colocou em uma lista de nomes que tinham livre acesso. Depois, ele me explicou que o atendimento precisava verificar algumas vezes quando alguém se dizia sua namorada, porque April fez um escândalo da última vez que esteve ali, se apresentando como tal.

Assim que o elevador se abriu, sorri para Diana, a secretária de Matt. Ela era uma mãe para todos e eu tinha muito carinho por ela. Não vi a secretária de Jason em sua mesa, portanto bati algumas vezes na porta antes de ele dizer para entrar.

— Oi, amor. Que surpresa — ele me cumprimentou, curioso, e encarou minha expressão derrotada. — Não esperava você.

— Fui demitida — anunciei. — Quis te contar assim que aconteceu.

— O quê? Como assim?

— Meus horários, meus atrasos, o quanto distraída eu ando... Eu só não sei como...

— Como assim?

— April apareceu no café. É só que não sei o que fazer... — joguei-me no sofá, escondendo meu rosto entre as mãos, e Jason sentou-se a meu lado, abraçando-me a ele.

— Estou fazendo algo a respeito disso, ela não vai mais nos incomodar.

— Não quero ficar longe, mas você é a pessoa certa no momento errado. Não tenho tempo, as provas estão chegando, meus trabalhos...

— Nós podemos fazer acontecer, Liz. Precisa confiar em mim.

— Eu confio. Estou aqui por causa disso. Penso em terminar e me dói. Só não sei como fazer isso e... Eu te amo...

— Vem morar comigo? — ele perguntou.

— O quê? — questionei, atordoadas.

— Nós teremos nossas noites e você vai voltar sempre para mim. Podemos só comer, deitar na cama e nos abraçar. Ou transar como coelhos. É a solução perfeita.

— Você tem noção do que está falando? Você é meu namorado oficialmente há o quê? Duas semanas? E você nem mesmo pediu, só

anunciou para a sua mãe e...

— Eu sabia que algum dia você ia reclamar disso. Mas é só o que sempre foi.

— Como assim?

— Eu te amo. Isso, nós dois, tem meses. Quando vejo algo que é correto, só quero abraçar e viver isso. Você é minha felicidade, Liz. Três meses, três anos... Qual a diferença? Sei que quero dormir e acordar com você, me casar com você, ter filhos com você...

— É mais complicado do que isso — respondi e encostei minha cabeça no sofá, encarando-o com seriedade.

— Porque nós fazemos isso ser complicado. Não precisa ser. Você conhece minha família, praticamente mora na minha casa. Dorme comigo todas as noites. Não faz diferença, meu amor. Começar agora ou daqui a alguns anos... Eu vou te apoiar, você vai ter uma casa para estudar, vai ser uma professora fodona. Você vai ter tudo sem a pressão social de precisar acordar e trabalhar como louca até a exaustão. Me deixe te dar isso...

— Não quero ser mantida por ninguém, quero ter minhas coisas, meu dinheiro.

— Tudo bem — ele suspirou. — Você pode continuar a trabalhar, só não quero que se mate de exaustão. Quero que tenha tempo, que seja

independente. Você tem mais dois anos de faculdade e só quero seu amor em troca. Por favor...

— Eu preciso ter as coisas por mim mesma — afirmei e Jason suspirou derrotado. *Ele queria que eu morasse com ele e deixasse de trabalhar?* Ele abriu e fechou a boca algumas vezes, como se quisesse falar mais, porém desistiu e continuou a me abraçar.

— Eu preciso te dar tempo e ter o nosso tempo. Eu quero que pense a respeito, ok? Não precisa responder agora, só pense — ele pediu. — Quero te dar segurança, meu amor. Ninguém mais vai te atingir.

— Eu preciso ir... — suspirei e levantei-me do sofá, sendo acompanhada pelo olhar de Jason. Ele parecia triste, e eu estava confusa.

Saí do escritório ainda desnorteada pelos últimos acontecimentos. Estava tentada, mas não queria me tornar uma pessoa que seria praticamente mantida por Jason. Entendia a necessidade de tê-lo o tempo todo, porque era o que queria, era tentador, mas, ao mesmo tempo, e se não durasse? E se a magia acabasse meses depois de me mudar? Quando pisei na casa dos Stuart, um número de fora do estado apareceu na tela do meu celular. Não reconheci no primeiro momento, mas atendi. Ouvi a voz de Vaughn Stuart do outro lado da linha.

— *Lizzie, tudo bem? É Vaughn. Precisamos conversar.*

— Claro, algo aconteceu?

— *O porteiro nos notificou de algo desagradável e, infelizmente, não podemos continuar com você. Sei que vai entender, mas não queremos que algo possa acontecer e nos prejudicar.*

— Como assim, senhor Stuart? — indaguei, confusa.

— *Uma mulher apareceu na portaria e fez um escândalo. Disse que você roubou o namorado dela, que ela estava grávida, quebrou coisas. Espero que entenda que isso não pode ficar deste jeito.*

— Não sabia... Ela falou sobre mim? Tem certeza? — Que diabos!?

— *Sim. Pelas câmeras, a coisa foi bem feia. Loira, alta... Espero que entenda. Se puder sair na semana que vem, seria ótimo para nós dois. Me desculpe, Lizzie, só não podemos te manter deste jeito.*

— E você não quer ouvir o meu lado? Não conheço essa mulher! Eu... eu... — balbuciei, tentando me defender. Mantive minha voz baixa, mas estava irritada. Por que April estava fazendo isso? Me perseguindo, me fazendo perder emprego, casa...

— *Lizzie, confiamos em você e por isso estou ligando com tranquilidade. A questão é que não podemos deixar isso acontecer. O apartamento é nossa casa. Espero que entenda. Infelizmente você terá que ir.*

— Está... está bem — confirmei, ainda sem acreditar. — Gostei muito de

trabalhar com vocês e peço desculpas pela confusão.

— *Você não parece estar no meio disso, Lizzie, mas, ao mesmo tempo, temos uma imagem a zelar, não posso deixar que isso aconteça mais vezes. Se puder dar um conselho, preste queixa contra esta mulher. Ela parece um problema.*

— Eu sei, senhor. É o que vou fazer. Obrigada. — agradei, percebendo que não tinha saída. Entrei no elevador tremendo e com lágrimas de raiva. *Talvez o destino tenha decidido por mim, afinal*, pensei comigo mesma enquanto ligava para Jason.

— *Liz, aconteceu algo?* — ele perguntou, atendendo no primeiro toque.

— April aconteceu. Ela conseguiu que eu também fosse expulsa da casa dos Stuarts.

— *Deus... Liz, amor. Nós vamos resolver. Ela vai parar.*

— Eu sei. Pretendo prestar queixa, fazer algo. Ela não pode continuar fazendo isso — confirmei, limpando as lágrimas de meu rosto. — Sobre sua proposta, ela ainda está de pé?

— *De vir morar comigo?*

— Oficialmente sou uma sem-teto.

— *Eu nunca deixaria você ser, Liz. Você pode ir morar comigo mesmo que queira ir morar em outro lugar depois.*

— Acho que não quero essa opção.

— *Então você vai ficar?* — ele questionou e ficou em silêncio do outro lado da linha por alguns segundos antes de responder: — *Não vai se arrepender, meu amor.*

CAPÍTULO 9

Jason

Liz se mudou nos dias seguintes e, apesar de mobilizar toda a minha família, percebi que nós dois conseguiríamos tirar as poucas malas e caixas. Aquela casa nunca foi dela no final das contas, e quase tudo ali dentro era de seus patrões.

Nós começávamos nossos dias juntos, e aos poucos as coisas foram se acertando. Lizzie conseguiu um emprego no período da tarde e se demitiu do Tropical Bar, ficando apenas com suas atividades na universidade e no

trabalho de meio período na livraria a poucos metros da UCLA.

Todos os dias, quem chegasse primeiro fazia o jantar. Depois, nós víamos um pouco de televisão e nos perdíamos um no outro. Era bom, tranquilo e intenso, tudo ao mesmo tempo. Mais de três meses que vivíamos nosso idílio amoroso e eu estava cada vez mais certo que Lizzie era o meu para-sempre. Nós visitávamos minha mãe aos domingos e fomos até o túmulo de sua mãe no Angeles Abbey Memorial Park, em Compton, algumas vezes. Ela sempre fazia carinho na lápide enquanto eu me mantinha em pé atrás dela, dando um aperto suave em seu ombro.

— Oi, mamãe... — ela disse sussurrando na primeira vez que me levou lá. Depois virou-se para mim. — Quero te apresentar minha mãe, Allegra Alvarez. Venho aqui para conversar quando me sinto sozinha.

Observei-a, pensando em quão difícil foi para uma jovem perder a mãe tão cedo e ter que lidar com o padrasto e tudo o que restou. Ela superou as dificuldades, saiu de um bairro perigoso e conseguiu a bolsa em uma universidade prestigiada. Meu coração sempre se enchia de orgulho quanto pensava no que Liz passou e aonde chegou — e como isso me fez chegar até ela.

Lizzie chegou a prestar queixa contra April, mas nada foi resolvido. A reclamação de perseguição em casa e trabalho foram anexados ao meu processo, e Liz e minha família adicionados ao pedido de restrição. Apesar de

não querer me envolver mais, hoje era o dia que resolveria esse problema em nossas vidas. Deixei Lizzie na faculdade e dirigi para o escritório de Ruben Valls, advogado conhecido de Logan que pegou meu caso contra April. A mulher loira tinha ficado quieta depois das ameaças contra Lizzie, mas continuei com meus planos, porque morria de medo de ela fazer algo contra minha namorada.

Chegando lá, eu encontraria April para um acordo já previamente aceito por seu advogado. Ela ia aprender finalmente a respeitar os outros já que não poderia chegar nem perto de mim nem de Lizzie por toda a sua vida, ou, do contrário, pagaria cinco milhões de dólares por violação.

Eu estava sentado ao lado do meu advogado quando ela e um senhor de cabelo branco chegaram. Ao contrário das vezes em que a vi, ela parecia tímida, recatada, como se tivesse vergonha de me encarar. Ruben disse que, quando encontrou o advogado dela em particular para oferecer o acordo, ele contou quão furiosa ela tinha ficado. April parecia achar que eu nunca chegaria aquilo àquele ponto, mas ela mexeu em algo muito precioso para mim: minha família. Eu estava me lixando para ela e só a queria bem longe.

Quando April entrou e não me cumprimentou, com uma postura diferente de todas as outras vezes, entendi que ela tinha se conformado. Ela leu o papel e engoliu em seco enquanto assinava o documento sem emitir palavra alguma para mim ou para o doutor Ruben. Foi um momento longo e constrangedor,

que terminou em menos de cinco minutos. Assim que April saiu, apertei a mão de seu representante e a segui com o olhar, não resistindo a uma última troca de palavras.

— Preciso te agradecer... — declarei, e April virou-se para me olhar. Talvez estivesse com medo de falar comigo depois do acordo.

— Como... como assim? — ela perguntou, assustada.

— Acho que seu tiro saiu pela culatra. Lizzie mora comigo agora, e vou pedi-la em casamento. Você tentou prejudicá-la, mas acabou a trazendo para mais perto de mim — continuei com um sorriso. — Obrigado

Um nervo pulsou na testa de April. Ela me encarou por um momento e, sem me responder, saiu batendo a porta. Eu não ouviria falar mais dela mesmo depois de tudo que aconteceria nos anos seguintes. Só muito tempo depois soube que ela se casara com um homem vinte anos mais velho e finalmente tinha conseguido a vida que almejava. Eu ficava feliz por tê-la longe.

Também tinha dito a verdade para ela. Pediria Lizzie em casamento.

Tinha tudo planejado: eu a levaria a um restaurante, tentaria ir em um bar de salsa e encerrar nossa noite no último andar da Hunt Enterprise onde tudo começou. Comprei seu anel por impulso durante um almoço de negócios. Tinha um encontro com um grande da indústria de cinema e estava perto da

Rodeo Drive quando passei pela Tiffany & Co. Estava distraído com meu celular quando meus pés me levaram até lá e entendi que era o destino. Fazia uma semana que Lizzie morava comigo, mas eu tinha certeza.

Entrei, escolhi um anel delicado e bonito como Liz e sai com uma caixinha azul queimando meu bolso. O escondi por semanas, com medo de afastar Lizzie por minha vontade de oficializar as coisas, mas em alguns dias faríamos seis meses juntos e já era tempo suficiente. Elizabete Alvarez estava destinada a ser Elizabete Hunt e trabalharia para que isso acontecesse o mais rápido possível.

Mas os planos sempre estavam prontos para serem desfeitos.

Alguns dias depois do acordo com April, Lizzie chegou tarde do trabalho, cansada e com cara de choro. Ela correu para me abraçar assim que passou pela porta da frente.

— O professor me reprovou, Jason. Ele falou que meu texto parecia de uma criança de cinco anos. Eu não... eu não... — ela disse, fungando.

— Ei, amor. Está tudo bem. O que aconteceu?

— O professor de literatura inglesa disse que não sou boa o suficiente, que não deveria estar lá — ela explicou e encarou o chão. — Falta tão pouco, mas, às vezes, eu acho o mesmo. Lá não é o meu...

— Não continue — eu a interrompi. — Você merece estar lá, é muito

esforçada. Tente negociar ou volte no semestre que vem para esfregar na cara dele que você é incrível.

— Não sou incrível. Não entendo por que estou aqui, por que você está aqui — ela respondeu com a voz frustrada. — Por que isso tudo? Sou a droga de uma impostora roubando a vaga de alguém!

— Ei. É normal se sentir desse jeito. Todo mundo um dia duvida de si mesmo. Mas eu te amo, te quero do meu lado e te acho incrível. Você é doce, inteligente e esforçada e uma das únicas pessoas que conseguiria cumprir sua rotina estressante com um sorriso no rosto.

— Você também conseguiria...

— Você dorme três horas em algumas noites e tenta se manter acordada, mesmo morta de cansaço, só para estar comigo. Às vezes, está desesperada, mas sempre tem um sorriso no rosto, uma palavra boa. Eu te amo, Elisabete.

— E eu também. Mas sabe quem não me ama? Meu professor de literatura inglesa.

— Isso é bom, porque só eu posso te pedir em casamento.

— O quê?! — Ela me encarou confusa e enrugou seu nariz em uma careta graciosa.

— Quero me casar com você — pedi e me ajoelhei à sua frente. — Você casaria comigo, Liz?

Ela me observou sem acreditar em minhas palavras e balançou a cabeça afirmativamente, as lágrimas escorrendo de seu rosto. Ela sussurrou um “sim” e pulou em meus braços.

— Sei que não vamos fazer isso agora — anunciei. — Você vai terminar a universidade, virar uma profissional incrível e chutar a bunda desse professor que te fez ficar chateada. E eu vou estar ao seu lado o tempo todo, Lizzie, não vou sair daqui.

— Deus, Jason. Eu te amo tanto. — Ela fungou, dessa vez de felicidade, enroscando-se em meu quadril.

Algum tempo depois, nus, suados e cansados, deslizei o anel que comprei semanas antes em seu dedo e senti a perfeição do momento. Ela me sorriu e vi minha felicidade em seus olhos. Meu mundo sempre seria dividido entre antes e depois de Lizzie e ia me esforçar para fazê-la feliz a cada momento que estivéssemos juntos.

CAPÍTULO 10

Lizzie

Dois anos depois

Finalmente acabou. Já não aguentava mais a universidade, a programação e as aulas intermináveis. Eu amava a UCLA, mas queria passar logo dessa fase da minha vida. Nos meses antes da minha formatura, comecei a trabalhar como assistente em uma escola, já dava algumas aulas sob supervisão e estava cada vez mais inclinada a continuar lecionando. Tinha o sonho de

escrever um livro, de dividir minha paixão por literatura, mas cada vez mais era fascinada por ser um ponto de mudança como meus professores foram quando ainda morava no Watts.

Jason me apoiava em cada passo. Com o crescimento da Hunt Enterprise, ele se tornou ainda mais ocupado, mas ele sempre guardava um tempo para mim e meus pés cansados com uma massagem nos músculos ou um orgasmo avassalador. Seu cheiro estava na nossa cama, nas nossas coisas e desejava o passo seguinte. Casaríamos em março, perto da data em que nos conhecemos na La Prestige. Na minha formatura, ele estava lá, gritando meu nome e tirando fotos. Jason e todos os Hunt, que me abraçaram como uma família e incluíram-me em tudo que faziam. Emma tornou-se uma grande amiga e Logan e Matt, meus irmãos mais velhos. Ava e James eram os pais que já não tinha, pois sempre me abraçavam e motivaram com o passar dos anos.

Na noite da formatura, Jason fez um jantar especial e me mostrou sua última tatuagem. Conhecia seu corpo de cima a baixo e cada desenho espalhado por seu peito, costas e braços, mas algo ali era novo. Em sua costela, estava uma flor de lis estilizada, que, como ele me disse, foi feita naquele lugar para simbolizar que eu sempre faria parte dele. Jason era a única pessoa que me chamava de Liz. Eu era Lizzie para todos, mas a Liz era apenas de Jason. Beijeí todas as suas tatuagens, essa em especial, e comemoramos que estávamos mais próximos do nosso casamento com uma

das noites mais quentes que tivemos.

Na manhã seguinte, liguei para Logan, pedi o contato do tatuador de Jason, explicando a história, e, no final do dia, tinha um lobo de olhos azuis em minha costela. Jason quis discutir em um primeiro momento, dizendo que tatuagens eram para sempre e aquela era a minha primeira, mas, assim que ele viu, ajoelhou-se a meus pés e beijou a pele próxima ao desenho. *Dios... como amava aquele homem.*

Depois da formatura, fui convidada a trabalhar na escola como professora substituta. Se tudo desse certo, entraria no ano letivo seguinte em uma turma de literatura só minha. Senti o frio na barriga no primeiro dia, principalmente quando Jason deixou-me na frente da escola e disse para eu mostrar a eles como era ótima. Ele era sempre tão bom e positivo que me fazia acreditar mais em mim mesma. O dia terminou razoável, o que foi uma indicação de que poderia fazer aquilo para sempre. A vida foi se encaixando com a nova rotina, e de repente já estávamos próximos do final do ano. Ava organizava uma reunião no Dia de Ação de Graças e no Natal, e eu sempre a ajudava a cozinhar e organizar tudo.

Nós tínhamos trabalhado a manhã inteira e eu terminava de cuidar da mesa quando senti. Segurei-me contra a parede e soltei um suspiro frustrado. *De novo essa tonteira?* Nas primeiras vezes, pensei que estava grávida, mas o teste deu negativo. Criei esperanças, mas não era a hora. Com o emprego e o

casamento, ainda teríamos tempo e poderíamos esperar.

— Você está bem? — Emma perguntou, aparando-me e ajudando-me a me equilibrar.

— Já tem um tempo que estou cansada, com dores de cabeça, tonturas.

— Você pode estar...

— Grávida? — eu completei seu pensamento e balancei a cabeça em negativa. — Deu negativo. Também pensei...

— Falsos negativos existem, amiga.

— Eu sei, mas tenho ficado doente o tempo todo. Dor no corpo, febre. Acho que é o estresse do novo emprego e terminar a universidade...

— Podem ser os preparativos, não?

— É, falta pouco — respondi e vi pontos pretos a minha frente, a visão turva deixando-me nervosa. — Ava tem me ajudado muito. Não sei se conseguiria, com todas as coisas que precisamos resolver para o casamento.

— Vai ser lindo! — Emma afirmou com um sorriso.

— Sim! Você já deu uma olhada na visão da nova casa de Matt? É ao leste da praia de Santa Monica, com a visão de toda a Malibu. Vamos montar um altar ali e fazer uma pequena recepção.

— Ava e James não quiseram chamar mais gente?

— Já temos mais de cinquenta convidados, e está ótimo para mim. Nós dois vivemos juntos há dois anos, não? Não vai mudar muita coisa.

— Sim, mas Jason está louco para te ver caminhar de branco para ele.

— Ele me disse o mesmo — comentei com um sorriso doce nos lábios e pensei em todas as vezes que ele comentou aquilo. — Mas acabei a UCLA, deixei os empregos esgotantes e só tenho apenas um. Estamos quase lá. Falta pouco para me tornar Elisabete Hunt.

— É um nome que combina com você.

— E com você também — zombei, sentindo-me melhor, e dei uma cotovelada brincalhona. — Emma Hunt é realmente um nome muito bom.

— Ora, Lizzie! Chega!

— O que é? Até você, amor? — Jason apareceu de repente e se juntou a nós na conversa.

— Emma que não quer aceitar que o sobrenome Hunt também fica muito bonito no nome dela. Nós precisamos de uma aposta — anunciei. — Quanto tempo até esses dois se entenderem?

— Lá vamos nós de novo... — Jason comentou e riu da expressão contrariada da melhor amiga de Logan.

— Sabe o quê? A hora é de comer e preciso correr até a salada de batatas de Lizzie, porque Matt costuma atacá-la quando colocamos a mesa — Emma

brincou, afastando-se de nós, e caminhou até a sala de jantar.

— Ei, eu ouvi isso! — Matt gritou e nós dois caminhamos para a mesa.

— Você gostou mesmo? — perguntei ao irmão do meio dos Hunt com um sorriso.

— Não conte para mamãe, mas sua salada de batatas é incrível! — Matt replicou.

Nós comemos, rimos e dançamos. Eu percebia a sorte de ter encontrado a família Hunt na minha vida. Era a primeira vez em muito tempo que uma onda de coisas boas acontecia comigo e nada de ruim me alcançava. Foram os melhores dois anos da minha vida. Era uma pena que eles estivessem prestes a acabar.

Já era janeiro e o calor em Los Angeles era insuportável. Sai para fazer algumas compras para a casa depois do trabalho e o peso das sacolas, somado ao suor, deixava-me incomodada. Meu resfriado não passava e as febres e calafrios continuavam a me perturbar. Jason dizia que precisava procurar um médico, mas era algo tão bobo que se resolveriam com alguns analgésicos. Entrei com as compras, cantarolando uma música que tocava no meu Spotify,

quando percebi que havia algo estranho. A porta estava entreaberta e o ar, pesado. Olhei para os lados e a bancada da cozinha parecia remexida. Virei-me para sair novamente, tentando não fazer barulho ao mesmo tempo que ligava para a polícia.

— Nem pense nisso. Vim ter uma conversa — a voz anunciou. Ao virar a cabeça em direção ao som, vislumbrei alguém que achava que nunca mais veria. Danny estava mais velho, mais tatuado, mais assustador. Fazia bons cinco anos que não via meu padrasto. No último, soube que estava preso.

— Como entrou aqui? — indaguei assustada enquanto tentava dedilhar qualquer coisa no celular como socorro. Precisava sair da casa. Ele mediu meus movimentos e se aproximou. Não tinha rota de fuga.

— Esses dias, estava vendo televisão — ele comentou venenoso e um olhar ameaçador — e encontrei a merdinha da minha enteada andando com pessoas muito melhores que ela. Preciso de dinheiro e você vai me dar.

— Do que está falando, Danny?

— Olhe ao redor. Parece que se deu muito bem, com aquele riquinho metido a besta. Tenho vigiado você por aí. Ele parece ter dinheiro, andando de carros importados. Esse anel caro em seu dedo... — ele continuou e grudou-se a mim, sussurrando contra meu rosto. — Um milhão até sábado. Estou falando sério.

— Por que eu faria isso, Danny? Você é um bandido de merda que vem aqui me assustar e...

— Você tem até sábado ou vou fazer você arranjar o dinheiro. Você conhece seu querido padrasto, Elisabete — ele completou e puxou uma faca do bolso da sua calça. Ele encarou a lâmina como um espelho e aproximou a arma de meu rosto. *Perto demais*. Engoli em seco e olhei para o metal, percebendo que Danny poderia fazer o que quisesse comigo sozinha no apartamento.

— Você acha mesmo que ele vai me dar alguma coisa? — tentei racionalizar com ele. — Não sabe como são essas pessoas? Sou um brinquedo para ele! Pedirei o dinheiro e serei jogada na rua, pelo amor de Deus!

— Eu vi como ele te olha. Ele se importa com você. Você tem até sábado.

— Eu sou descartável, nunca vou conseguir nada! — repeti, engasgada. — Pegue algo da casa, ele não vai sentir falta.

— Eu já peguei, coração. Mas quero o dinheiro grande, não essas mixarias. — Ele estendeu algo que parecia muito familiar. Ele se afastou, e dei um passo para trás quando Danny jogou um objeto sobre a bancada. Ele me encarava como se esperasse minha reação.

Meus olhos caíram sobre as mãos do meu padrasto, ensanguentadas como

se tivesse batido em alguém. Examinei o item à minha frente e congelei. Era o relógio que Ava deu para Jason aos 18 anos. “Para Jason” dizia simplesmente no verso, virado para mim. *Ele chegou perto de Jason. Ele o machucou. Ele... merda, merda, merda.*

— O que você fez? — indaguei e me estiquei sobre a bancada, agarrando o relógio. Precisava sair dali e conseguir um jeito de deixar os Hunts seguros.

— Ele está bem, sua idiota. Só dei um susto. Não brinque comigo, pode vir mais de onde esse saiu — Danny falou com um sorriso cruel. — Você tem uma semana.

Ele saiu pisando duro e batendo a porta principal com força. Eu corri atrás dele e tranquei a entrada. Me encostei na porta e escorreguei até o chão. Esse era nosso final, podia sentir. Eu precisava afastar Jason de Danny. Os Hunt de Danny.

Precisava afastar Jason de mim.

CAPÍTULO 11

Lizzie

Chorei contra a porta até minha respiração parar, meu peito doer e a dor crescer dentro de mim. Precisava ver Jason e saber se ele estava bem. Ainda era três da tarde e teria metade de um dia inteiro sozinha, já que só dei aula no período da manhã. Encarei-me no espelho e, quando me senti bem o suficiente para sair, chamei um carro para me levar até a Hunt Enterprise. Os seguranças e atendentes já me conheciam, portanto subi direto para o escritório do meu noivo.

— Lizzie, que bom que está aqui! — Diana me cumprimentou em um tom urgente assim que sai do elevador. — Você precisa colocar bom senso na cabeça daquele menino.

— O que... o que aconteceu? — perguntei, assustada.

— Jason está machucado e se nega a ir para o hospital... olhe! — ela me apontou para o corredor e o observei. Ele tinha um pano na cabeça e sangue seco em sua camisa.

— Lizzie, o que faz aqui? — ele indagou, como se desejasse que eu não visse seu estado.

— O que... o que aconteceu com você?! — questionei, tremendo conforme me aproximei dele.

— Foi tudo muito rápido. Sai do carro e um homem pulou sobre mim e me deu socos. Eu reagi, mas ele me jogou no chão e bati a cabeça. Ele levou meu relógio, meu amor. O que minha mãe me deu...

— Mas você está bem?

— Me sentindo um merda por ter sido assaltado. Era como se ele quisesse me ferir de propósito... — ele comentou, pensativo. — Mas estou bem. Vem cá.

Jason puxou-me para seus braços e relaxei ao tocar nele. Ele parecia bem. Poderia denunciar Danny para a polícia, mas não sabia onde achá-lo ou o que

faria em seguida. Ele procuraria vingança e os Hunts seriam o alvo. Eu precisava ir embora.

— Precisa contratar seguranças para você, toda sua família. Olha o que aconteceu... — eu resmunguei, pensando que aquilo talvez ajudasse a protegê-los.

— Calma, meu amor. Los Angeles é violenta. Fui vítima dessa vez e...

— NÃO! NADA PODE ACONTECER DE NOVO! — reagi com um grito descontrolado, e Jason me encarou com preocupação. — Por favor, pense nisso.

— Ei... — Ele segurou meu rosto. — Sei que está com medo, mas estou bem. Vai ficar tudo bem.

— Não vai, Jason.

— É um ferimento pequeno.

— Por favor, pense sobre a segurança... por favor... — implorei, sentindo as lágrimas voltarem aos meus olhos. Jason me abraçou e decidiu me acompanhar até em casa. Ele se negou a ir ao hospital, então cuidei de seu corte com um kit de primeiros socorros.

Os dias passavam e não conseguia pensar em uma forma de sair daquela situação sem me afastar de Jason e sua família. Danny era violento, batia na minha mãe e em mim, e dar dinheiro para ele uma vez significaria uma vida

de ameaças. Ele machucaria qualquer um para provar seu ponto. Eu precisava pará-lo. Tentar denunciá-lo de alguma forma, fazê-lo sair de nossas vidas, mas ele me vigiava a todo tempo. O vi duas vezes do lado de fora do prédio e outra em frente à escola. Se eu pisasse em uma delegacia, significava que alguém da família seria morto. Era uma sentença.

Jason viajaria a Nova York para tratar de alguns contratos e era o momento ideal para iniciar o plano. O negócio cresceu na Costa Leste, e meu noivo passava cada vez mais tempo em reuniões de vídeo, telefonemas e visitas eventuais. Nos últimos dias, eu o observava dormir. Meu emocional estava frágil, sentia-me doente o tempo todo e chorava por qualquer motivo. Me fazia de forte quando ele estava comigo, mas, longe de Jason, era uma confusão de emoções. Dizia que o amava o tempo todo, até mesmo quando ele estava dormindo. Um plano foi se formando em minha cabeça, e eu precisava falar as palavras enquanto ele me olhasse com aqueles olhos brilhantes e me respondesse de volta. Com o coração inteiro, sem a traição e desconfiança pairando sobre ele. Queria gravar esse Jason em minha mente para sempre.

Meu prazo se encerrava em quatro dias e eu precisava ser rápida. Havia aceitado meu destino. Quando estava sozinha em casa, arrumava as coisas. Jason partiria pela manhã e ficaria três dias fora. Preparei um jantar e senti minha garganta se fechar sabendo que seria o último. Jason me beijou

levemente e seguiu para o banheiro. Assim que ouvi o barulho do chuveiro, segui-o e tirei minha roupa, entrando no box.

Assim que me viu, Jason sorriu com seu sorriso torto e safado. Beijei-o profundamente, puxando-o para mim. Ele me levantou e, em um instante, guiou seu membro para minha intimidade. Nós continuávamos esquecendo as camisinhas em momentos como esses e havia passado a tomar anticoncepcional. Foi intenso, seus olhos nos meus conforme entrava e saía de mim. A cada investida, ele sussurrava meu nome com seus olhos azuis brilhantes tão sérios. Seus quadris empurraram em mim, cada vez mais rápidos e com mais força. Atingi o clímax com um gosto amargo na boca, querendo chorar grudada a seu peito. Jason gemeu em meu ouvido, escondendo seu rosto em meu pescoço, enquanto a água quente caía sobre nós dois.

— O que aconteceu? — ele me perguntou e segurou meu queixo, como se não quisesse que eu escapasse de seu olhar.

— Eu te amo.

— Também te amo, Liz. Mas não é só isso... — ele disse por me conhecer tão bem — Algo aconteceu.

— Não consigo ficar sem você — confessei, ainda amarga pelo que me aguardava no futuro. Não queria, mas precisava partir.

— É uma viagem rápida, vou estar de volta antes que você perceba.

— Eu sei, mas... — choraminguei e me interrompi. Não tinha palavras.

Alguns minutos depois, saímos do chuveiro e jantamos um macarrão simples. Vimos um pouco de televisão, e o atraí para a cama. Fizemos amor a noite toda, e pela manhã, muito cedo, ele me beijou levemente ainda na cama e avisou que precisava ir embora.

Não fechei os olhos durante toda aquela noite. Ouvi Jason bater a porta, e abracei meu corpo em posição fetal, chorando novamente.

Algumas horas depois, terminei de me arrumar e aluguei um Airbnb. Com o carro de Jason, dirigi até o apartamento alugado com minhas coisas no porta-malas. Ao contrário da primeira vez na casa dos Stuarts, eu teria o que levar, coisas que compramos e escolhemos juntos. Decidi deixar tudo para trás, a não ser meus itens pessoais, como um rato em um naufrágio, levando apenas roupas e documentos. Antes de partir, não resisti e peguei um retrato nosso. Encarei meu anel de noivado, sem conseguir deixá-lo para trás também. Doía tirar de meus dedos, mas era mais seguro mantê-lo longe de vista. Coloquei-o em um colar que descansava em meu colo, o símbolo de nosso amor, de Jason, perto de meu coração.

Agradei a Deus que Danny não estava em frente ao apartamento quando saí, mas esperava que ele me seguisse. Fazia parte do plano. Ele precisa me

encontrar depois que estivesse tudo pronto.

Com tudo arrumado, mantive apenas uma mochila no apartamento de Jason para a cena final. Ele me ligou e fingi estar bem, mas criava desculpas para desligar. Não queria ficar tempo suficiente ouvindo sua voz porque tinha medo de quebrar, de chorar, de deixar a verdade escapar. Eu dormi em nossa cama, com suas roupas, agarrando-me aos últimos momentos antes do caos. Três dias em agonia.

Quando Jason voltou para Los Angeles, estava pronta e arrumada. Assim que a chave fez barulho na fechadura, observei o tremor em minha mão, sabendo que era inútil tentar controlá-lo. Jason me sorriu da porta e encarou minha mochila em confusão.

— Oi, meu amor. Está tudo bem? — ele indagou e tentou me beijar, mas virei o rosto, como se não suportasse tocá-lo.

— Precisamos conversar — anunciei.

— O que está acontecendo? — ele perguntou, descansando sua mala em um dos cantos da sala e encarando-me curioso.

— Não quero mais nada disso — expliquei, fugindo de seus olhos, e percebi que não estava sendo convincente. Levantei o rosto, empinando meu queixo antes de tentar mais uma vez. — Quero acabar nosso noivado.

— O quê?! — Jason exclamou e tentou se aproximar, mas levantei minha

mão, afastando-o de mim. Ele passou a mão no cabelo, bagunçando-o, e me senti mal por fazê-lo sofrer depois de chegar tão cansado.

— Você, essa casa, nosso casamento... Você é um capacho da sua família. Nunca vai poder me dar o que eu quero — continuei, com a voz dura.

— O que está acontecendo, Liz? Eu te conheço. Não sei o que está acontecendo, mas essa não é você. Estava tudo bem dias atrás!

— Não estava tudo bem, não está há algum tempo. Eu tentei, mas... — deixei as palavras morrerem e dei de ombros. A mentira corroía, mas era necessária.

— É por isso que estava tão estranha antes de eu viajar?

— Eu... eu conheci alguém — disparei e observei o olhar incrédulo de Jason. Ele parecia sentir uma dor física, se contorcendo com se acabasse de dar um sono nele. Segurei minhas mãos para não tentar abraçá-lo.

— Você o quê?!

— Estou indo embora. Eu... eu te amei... foi bom. Mas quero mais, e ele pode me dar.

— DO QUE DIABOS VOCÊ ESTÁ FALANDO? — Jason gritou e notei as lágrimas em seus olhos. Eu queria chorar, mas precisava ir embora. Precisava terminar com aquilo.

— Ben tem dinheiro, contatos, é rico...

— TAMBÉM SOU, MERDA! — ele gritou mais uma vez e passou a andar de um lado para o outro confuso, com minhas declarações.

— Não como ele. Nunca mais vou passar por nada e...

— O que está acontecendo? — ele me interrompeu mais uma vez. Ele me conhecia bem demais e sabia que havia algo a mais em minhas palavras.

— Acabou, Jason. Estou sendo honesta. Consegui alguém melhor. Deixe-me em paz.

— É só isso? — ele questionou, e não respondi. Peguei a mochila a meus pés e coloquei nas costas, depositando minha chave na mesa da cozinha.

— Eu... eu espero que volte a ser feliz, Jason. Te amei tanto... Tanto.

— Mas não o suficiente para ficar... Para não me trair... Você estava transando com ele e comigo, é isso? — ele perguntou em um sussurro dolorido. Seus olhos estavam vermelhos e as lágrimas caíam tímidas por sua bochecha. Eu tinha destruído Jason.

Saí como uma covarde e, assim que fechei a porta, ouvi algo se espatifar. Pedi um carro para o Airbnb e, no caminho, bloqueei todos os contatos de Jason e da família Hunt. Pedi demissão da escola, contando com minhas economias para levar-me para longe de Los Angeles. Talvez ele ou alguém reparasse quão esquisita era minha história e do tal Ben. Deixei pistas para trás que garantiriam minha mentira.

Queria sumir no meio da multidão. Queria ser a sombra que eu sabia que me tornaria ao não ter Jason.

Danny enviou mais uma mensagem avisando que eu tinha 24 horas. Precisava me embriagar, mas não queria me tornar um alvo fácil para meu padrasto. Caí em um sono pesado e cheio de pesadelos depois de chorar abraçada a travesseiros cheirando a mofo. Não dormi muito e de madrugada minha cabeça estava pesada, como se tivesse de ressaca. Observei o céu clarear do lado de fora a espera do passo final do plano.

Quando alguém bateu na porta na manhã de segunda-feira, instintivamente eu soube que era Danny. Tinha perdido o prazo e ele veio me buscar. Ele era a única pessoa capaz de me seguir. Digitei 911 rapidamente em meu celular e olhei pelo olho mágico. Esperei alguém atender do outro lado enquanto o ouvia forçar a porta.

— Vamos, Elisabete, sei que está aí...

— *911, qual é a sua emergência?*

— Meu padrasto está do lado de fora do apartamento que estou hospedada e está me ameaçando. Ele está forçando a porta. City Center, 404, na esquina da Lucas Ave com a sétima. Venham rápido.

— ELIZABETE! — ele gritou do outro lado da porta com ainda mais força. Apertei o celular entre os dedos e sabia que a atendente ouviu a voz

dele.

— *Aguente firme, senhora, chegamos em oito minutos.*

— Me ajude! Me ajude, por fa...! — a porta se arrebentou ,e Danny veio direto para mim, agarrando meu pescoço.

— Cadê o meu dinheiro, puta?!

— Ele me man... mandou em... embora — informei com dificuldade, sentindo-me sufocar. — Não te... tenho dinheiro...

— VAGABUNDA! — ele gritou e empurrou-me para trás.

Caí de frente, com a barriga virada para o chão e quase de joelhos. Tentei engatinhar porta afora, mas Danny me alcançou, sacudindo-me com força. Lembrei-me das aulas de defesa pessoal e pisei em seu pé, seguido de uma joelhada em sua genitália. Quando ele me soltou, corri, enquanto ainda ouvia seus berros. Cheguei ao final do corredor, mas alguém se jogou sobre mim, pressionando algo afiado em meu quadril. Danny segurou meu rosto contra o carpete e, pela visão periférica, enxerguei sangue por todos os lados. Meu sangue. Punhalada atrás de punhalada, até desmaiar de dor.

Recobrei a consciência sentindo dor. Abri os olhos em um lugar iluminado, diferente do apartamento alugado.

— Olá, Elisabete. Tudo bem? — ouvi a voz da médica a meu lado. Estava de bruços com a mulher me examinando de perto e um lençol sobre mim. —

Que bom que acordou. Já era sem tempo.

— Onde estou? Há quanto tempo estou aqui? — perguntei em um fio de voz.

— Saint Andrews e há poucas horas. A polícia te achou desacordada e com sete facadas nas costas. A pessoa que fez isso foi presa e você está segura agora — ela informou e esperou que eu absorvesse as informações. — Querem falar com você. Está fora de perigo. Conseguiram te trazer a tempo, antes de acontecer algo pior.

— Quanto tempo vou ficar aqui? — indaguei com dificuldade. — Minhas coisas estão naquele apartamento.

— Podemos acionar a polícia para resolver a questão — a mulher falou. — Estou aqui, porque algo chamou atenção em seus exames de sangue. Nós vamos ter que refazê-los.

— Alguma complicação?

— Nada a ver com seu ataque — ela informou. — Vou preparar tudo, ok? Tem alguém que queira chamar?

— Eu... não. Não tenho família.

— Tudo bem. Um policial deixou aqui o celular que estava em sua mão quando foi encontrada. Todo o resto você consegue resolver depois. Uma enfermeira virá te ver daqui a pouco, tudo bem?

— Obrigada — eu murmurei para a médica, que saiu em seguida.

Olhei para o aparelho descansando ao lado da maca e esforcei-me para pegá-lo. Tinha uma mensagem de Emma e outra de áudio de um aparelho desconhecido. Devia ter esquecido de bloqueá-la. *Como pode fazer isso com Jason?*, ela dizia. Talvez as coisas pudessem se resolver... talvez com a prisão de Danny... A mensagem seguinte caiu como um balde de água fria em minha cabeça, sabendo que fiz a escolha certa.

Vou observar você mesmo de longe. Vou fugir, vou sair e, quando te encontrar, acabo com você, seu namoradinho e toda a família dele.

A voz de Danny escorria ódio e rancor. Ele tinha usado seu direito de um telefonema para isso? Por que tanto ódio? Não poderia chegar perto de Jason nunca mais. Danny estaria sempre olhando de longe, e eu sempre teria medo de que alguém os ferisse. Como as coisas podiam se esvaír de um dia para o outro, como areia entre os dedos? Eu só teria lembranças, memórias felizes com um sabor amargo. Mas teria também a certeza de que, como estivesse e com quem estivesse, Jason estaria bem, seria feliz. Garantiria isso até o final dos meus dias.

Alguns exames depois, a médica conversou comigo de forma séria. Leucemia aguda. Rápida, talvez letal. Eu chorei, me desesperei, percebi quão sozinha estava e quão longo seria aquele tratamento. Eram muitos “e se?” na minha cabeça, muitas coisas que rondavam meu pensamento, e a cada noite eu fechava os olhos e pensava em Jason e no que poderia ter sido se não fosse tão covarde, se tivesse contado a ele, se tivesse ido à polícia desde o começo.

Eu brincava com o meu anel no pescoço, tentando ser positiva, mas estava me matando aos poucos. Foi como Emma voltou à minha vida, foi como, apesar de nunca ter contato a verdade, ela ficou comigo e me apoiou. Com ela, eu tinha um teto e consegui um auxílio social que me garantia algum dinheiro além dos trabalhos temporários que arranjei na internet. Fui vivendo, melhorando e piorando, e desejando a vida que eu não podia ter. Eu apenas sobrevivia. Meu coração batia longe de mim. Já não tinha pelo que lutar, pelo que desejar. Emma me disse que Jason mudou, que me odiava e não podia ouvir meu nome. Eu merecia e me sentia cada vez mais morta, isolada. Um dia, fiz Emma me prometer que estaria lá quando acontecesse. Uma amiga, alguém para quando desse o último suspiro, quando meu caixão baixasse no final de tudo.

— Eu não quero morrer sozinha... — expliquei com olhos cheios de lágrimas para Emma, que balançou a cabeça concordando.

Elisabete Alvarez, que um dia quase foi Lizzie Hunt, não faria falta a

ninguém. Mas eu morreria sentindo falta de alguém que vivia na minha memória, como um filme que não parava de passar. Mesmo que fechasse os olhos.

CAPÍTULO 12

Jason

Eu entrei em negação, não entendendo o que tinha acabado de acontecer. Quebrei um jarro na porta e tive vontade de quebrar mais coisas. Lizzie saiu com uma mochila, então ela voltaria pelo resto, certo? Caminhando pela casa, percebi meu engano. Seu computador e livros se foram, sua metade do armário estava vazia. A pintura colorida que era de sua mãe já não estava na parede, assim como uma das nossas fotos em cima do aparador da sala. Ela se preparou? Aproveitou a viagem para tirar suas coisas? Caminhei pela sala desorientado e tentei ligar para seu telefone, mas sem conseguir completar a

ligação. Entrei em suas redes sociais, tentei mandar mensagens e e-mails. Eu... eu precisava entender. Ela não estava disponível em nenhum lugar, seu perfil apagado, o e-mail voltava. Liz me bloqueou?

Como alguém passava quase três anos com uma pessoa e dedica apenas dez minutos de conversa para terminar tudo? A casa parecia vazia, silenciosa demais, já não era um lar. *Eu te amei*, ela me disse. EU TE AMO, PORRA. NO PRESENTE.

Mexi em suas coisas em busca de algo e encontrei, na cômoda ao lado da cama, camisinhas e alguns itens de hotéis da região. Nós não usamos proteção, porque Lizzie usava anticoncepcionais. Ela não negou que estava comigo e com o tal Ben ao mesmo tempo. Eu estava em pedaços. Lizzie tinha uma vida dupla, saindo com outro pelas minhas costas. Minha noiva me traiu de uma forma cruel e covarde. Mesmo assim... Mesmo assim, precisava falar com ela. Ter uma última chance. Talvez ela só tivesse confusa. Liz tinha apenas 22 anos, tão jovem... tão... MERDA!

Saí sem destino e passei por todos os lugares que tinham algum significado para ela. Fui ao UCLA, ao Isla Florida, ao restaurante de Carlos, todos os seus antigos trabalhos, o Observatório Griffith e outros lugares que ela gostava de passear, mas Lizzie não estava em lugar nenhum. De madrugada, mesmo cansado de tentar ligar, não consegui conciliar o sono. Bebi tudo que tinha em casa até às sete da manhã e saí novamente. Não

estava no meu melhor juízo, ainda estava com o terno que usei na viagem, amassado, com os olhos injetados e a barba por fazer. Sei que estava assustador.

Parei em frente à escola que ela lecionava e todos me olharam. Fiquei parado por mais de meia hora, quando um segurança me abordou.

— Preciso que o senhor saia. Vou chamar a polícia se continuar aqui.

— Estou esperando Elisabete Alvarez, ela dá aula nesta escola.

— Sei quem é, mas ela não trabalha mais aqui, saiu na semana passada — ele informou. — Você precisa ir embora.

— Ela foi demitida?

— Se demitiu. Ela não está aqui, nem vai chegar. Por favor, vá embora — ele anunciou firme, e balancei minha cabeça bêbada em concordância. Caminhei para o meio-fio e sentei-me, colocando as mãos na cabeça. Não tinha ideia de quanto tempo passei ali, mas o sol já estava alto quando o efeito da bebida começou a passar. Fui até uma loja de conveniência e comprei meu peso em álcool antes de dirigir para casa. Precisava tirá-la da minha cabeça, mas, a cada vez que fechava os olhos, a via sorrindo para mim.

No meio da tarde, meu celular começou a tocar. Logan, Matt, Emma e meus pais tentavam a todo custo entrar em contato comigo. Algumas horas depois, ouvi batidas na porta e passos, mas continuei enfurnado em meu sofá.

Bebia direto da garrafa, observando as paredes do apartamento. O dia clareou e escureceu e mudei pouco de posição, as lágrimas no meu rosto e o nome de Lizzie em meus lábios.

Estava no chão da cozinha com as mãos enfiadas no rosto quando um barulho forte me assustou. Logan e Matt tinham arrombado minha porta e me encaravam com pena.

— O que aconteceu? — meu irmão mais novo perguntou, mas não respondi.

Os dois me pegaram como um boneco de pano. Ainda de roupa, sentia a água gelada do chuveiro, mas não queria que a realidade voltasse. Estava confortável em minha névoa bêbada e me negava a encarar um mundo sem Lizzie, em que eu estivesse sóbrio. Vomitei, chorei e falei coisas sem sentido até cair em um sono pesado e acordar com ambos me olhando preocupados. Em algum momento, eu contei o que aconteceu e pedi para não falar mais a respeito.

Dias depois, magro e abatido, olhei-me no espelho e decidi que tinha acabado. Fui ao primeiro almoço em família, e, assim que me viu, minha mãe correu e me abraçou. Antes que qualquer um deles dissesse qualquer coisa, eu anunciei:

— Ela me traiu e foi embora. Gostaria que não falassem dela, o nome dela

ou qualquer coisa que lembre que ela esteve aqui. Ela me machucou e não merece mais um minuto dessa família. Por favor, tentem isso por mim.

Todos balançaram a cabeça afirmativamente e seguimos a vida, algumas semanas nos esforçando para não falar dela e aos poucos esquecendo que algum dia Lizzie esteve ali. Eu me tornei alguém diferente, que tinha sido quebrado, sério, que pouco ria ou que fosse aberto como era antes de ela aparecer na minha vida. Dediquei-me a Hunt Enterprise, e nosso negócio virou um sucesso às custas de catorze horas de trabalho e minha mão de ferro. Seis meses depois, comecei a ir a Nova York com mais frequência. Eu tentei encontrar outra mulher, mas não fui capaz. Entrava em boates e dançava com mulheres, elas se encostavam em mim, talvez tentavam me beijar, mas nunca ia além disso. Era o cheiro errado, o sabor errado, a pessoa errada. Não estava pronto. Um dia, deixaria minha mágoa e rancor de lado e conseguiria deixar de ser um celibatário que bebia sozinho, tentando esquecer.

Ficava cada vez mais tempo em Nova York, longe da minha família e de suas perguntas curiosas, até que algo aconteceu. Ashton Hunt, meu pai biológico, morreu, e descobrimos que tínhamos duas irmãs que nunca conhecemos. Coloquei meu tempo e esforço em achá-las e trazê-las para a família e comecei a fazer as pazes com estar na companhia de pessoas que me amavam, com uma rede de apoio que nunca me deixaria em paz, mesmo com

sua curiosidade elevada.

No meio do caminho, achei minha irmã favorita. Victoria combinava comigo, com o meu humor, com a dor que eu carregava dentro de mim. Ela foi tão desconfiada na primeira vez que nos viu, mas de repente eu era o irmão mais velho e confidente, enquanto todos os outros irmãos estavam felizes. E quando ela finalmente encontrou alguém, me alegrei como um idiota por ser o único solitário.

Eu os vi acharem seus maridos e esposas, os vi fazerem burradas e se arrependerem. Em todo esse tempo, eu demorava a dormir, mas, ao fechar os olhos, eu a via. Todas as noites eram do mesmo jeito: deitar e não dormir. A insônia tinha sido minha amiga desde que... desde que... Bem, desde que voltei a dormir sozinho. Eu já não sabia mais como fazer isso e meu corpo se negava a cooperar. Dois anos e ainda sentia falta do corpo dela enrolado no meu, da pele macia que eu acariciava antes de pegar no sono, do seu cheiro servindo como guia para os braços de Morfeu. Caí na tentação de beber até dormir, mas, assim como tentar usar outras mulheres, era uma coisa que decidi parar de tentar depois dos efeitos colaterais que caíram sobre mim. Eu rolava na cama, às vezes por minutos, às vezes por horas. Desajeitado e querendo um momento que já não estava mais lá. Quando, finalmente conseguia dormir, ela aparecia. Era sempre a última coisa que eu pensava quando perdia a consciência.

Eu quis que parasse, mas nunca aconteceu. Me resignei a ter Lizzie por poucas horas. A minha Liz, não a estranha do dia final. A mulher com quem eu deveria passar o resto da minha vida, ter filhos, netos, que estava tatuada em minha costela. Era transportado para essa fantasia até a manhã seguinte, quando me crucificava por afundar-me cada vez mais na falta que ela me fazia. Quebrado. Ferido. Só dependia de mim esconder o que passava de verdade dentro de mim. Minha família não merecia sofrer comigo e por mim. Entrei em uma concha de seriedade. Já não sabia a graça das coisas, só sentia os dias passando ao meu redor. Sempre faltaria uma parte de minha alma e precisava me acostumar. Quando Lizzie foi embora, uma parte do Jason que eu costumava ser foi embora com ela, e eu tinha receio de que ele nunca mais voltasse.

Uma Emma muito grávida convidou-me para almoçar com ela e Logan. Passava cada vez mais tempo em Los Angeles para cuidar mais da minha família e estar presente. Meu irmão e sua melhor amiga haviam ficados juntos — finalmente — e, apesar da minha vitória na aposta, nos pegaram desprevenidos com a surpresa de que se casaram (por acidente) em Las Vegas.

— Emma, parece que vai explodir! — cumprimentei e dei um beijo suave em sua bochecha, enquanto ela tentava desajeitadamente sentar-se na cadeira. O garçom nos serviu água e deixou o menu, que Logan parecia estar estranhamente interessado, sem me encarar.

— Delicado como um elefante, hein? — Emma brincou e se ajeitou finalmente. Ela deu um suspiro satisfeito e me encarou. — Obrigada por vir nos encontrar. Tenho algo para contar e pode ser difícil...

— O que aconteceu? — perguntei, encarando primeiro Emma e depois Logan, mas ambos fugiram do meu olhar.

— Nós precisamos contar algo sobre o casamento — Logan comunicou.

— Lizzie estará lá — minha cunhada completou, como se estivesse arrancando um curativo.

Lizzie!?

— Por que ela estaria lá?

— Ela é minha amiga e minha madrinha — Emma falou e olhou para o chão novamente, ajeitando seu óculo, como se estivesse sem jeito. Logan fez uma careta como uma desculpa, mas nenhum dos dois continuou.

Eu me levantei devagar, sentindo a veia do meu pescoço saltar. Estava prestes a perder meu temperamento, irritado pelo poder que seu nome tinha sobre mim.

— Que tenham um bom casamento — murmurei, quase cuspinhando as palavras —, porque não estarei presente.

— Jason! — Logan gritou e correu em minha direção, circulando-me quando cheguei à porta do restaurante.

— Logan, me deixe ir... — sussurrei feroz e com o olhar duro.

Por que ela estaria lá?

— Coisas aconteceram... circunstâncias... — meu irmão mais novo tentou justificar. Tinha vontade de socá-lo pelo que me fazia sentir. *Não quero sentir, não quero pensar, não quero lembrar.* — Vamos nos casar daqui a um mês. Aceleramos tudo e quero que esteja lá. Pode ser rápido, poucos minutos. Mas somos uma família, Jason... por favor...

— Pensasse nisso antes — respondi e coloquei a mão em minha cabeça, sentindo a dor aparecer.

Ele balançou a cabeça satisfeito e deixou-me ir. Quando voltei para casa, fiz minhas malas e abandonei o apartamento. Ainda era o mesmo em que morávamos juntos. Senti a tentação de vendê-lo muitas vezes, mas ainda não estava pronto. Quando as coisas ficavam confusas, eu fugia para Nova York. Eu poderia trabalhar tanto de Los Angeles quanto da *Big Apple*, e usei a cidade como desculpa por mais vezes do que poderia contar. Ver meus irmãos felizes me deixava feliz para caralho, mas com a sensação de vazio.

Deveria ser eu também . Já teríamos um... não, teríamos dois filhos. Uma Liz tão grande quanto Emma. Era o sabor da vida que eu não teria e que descia ácida no estômago.

Desembarquei em Nova York e comecei a trabalhar, evitando pensar em qualquer outra coisa que não fossem os negócios. No dia seguinte, chamei Blair para almoçar. Era impressionante como ela tinha uma agenda tão louca quanto a minha no setor de cinema. Sempre que podia, tentava roubar alguns minutos com ela e Victoria. Blair era a irmã sensata, a que nos ouvia de coração aberto e sem julgamentos. Tinha me acostumado rapidamente a ela e a buscava sempre que algo estava me incomodando. Desde que se casou com Jack Evans, ela alternava em projetos em Hollywood e Nova York, sempre com o marido na cola.

Blair marcou em uma *delicatesse* no final da Quinta Avenida. Quando me viu, ela se levantou para me abraçar. Com seu cabelo vermelho em um coque, uma calça jeans e uma camiseta de banca, Blair era tudo o que Victoria, sua irmã gêmea: não era: onde uma era básica, a outra era exuberante, completando-se como o dia e a noite.

— Não sabia que estava em Nova York — ela me informou.

— Foi uma decisão de impulso.

— Por quê?

— Eu... ah... Minha ex-noiva. Emma a convidou para o casamento — confessei e me sentei à sua frente. Ela e Victoria sabiam por alto sobre Liz, porque mesmo depois de dois anos, evitava ouvir seu nome.

— Por quê? — ela questionou de novo e suas palavras eram como eco da pergunta que eu também me fazia.

— Não sei. Vim embora e não quis saber. Não perguntei — suspirei, derrotado, com vergonha de um assunto tão pessoal. — Ela vai ser a madrinha.

— Como isso é possível?

— Nem nos meus sonhos mais loucos saberia responder.

— E o que você vai fazer?

— Não ir.

— Ah, não, Jason — ela suspirou, como se tentasse procurar as palavras para me convencer. — É o casamento do nosso irmão, você precisa ir.

— Mas ela...

— Fique longe dela — ela sentenciou, me interrompendo.

— Não consigo.

— Como “não consegue”?

— Eu vou vê-la e tenho medo de como vou reagir. Eu a odeio e a amo na

mesma intensidade, Blair — revelei com acanhamento e esfreguei a mão em meu rosto. — Ela tem poder sobre mim.

— Não a deixe ter — ela disse, simplesmente. — Chegue atrasado, vá embora cedo, sei lá. Mas beije Emma e seu irmão, tire algumas fotos e não fique perto dela.

— Não é tão fácil.

— É claro que é fácil. Você não é o único que foi enganado, que sofreu. Se junte ao clube dos corações partidos, irmão. Posso estar com você em todos os momentos e sei que Matt e Vic também estarão. — Ela estendeu a mão e deu um aperto suave. Seu celular vibrou na mesa e ela encarou o nome na tela com um sorriso. — Falando dela...

Blair atendeu nossa irmã, enquanto eu pedia nossos sanduíches. Quando voltei a prestar atenção nela, ela tinha lágrimas nos olhos e um sorriso leve nos lábios. Eram emoções demais em poucos segundos. Mordi meu sanduíche e esperei.

— O que foi tudo isso? — perguntei quando ela colocou o telefone de lado.

— Você está com seu passaporte? — ela me indagou, simplesmente.

— Sempre. Por quê?

— Vamos para a Grécia. Vic decidiu se casar com Liam.

Eu sorri com a informação. Minha irmã, minha companheira de solidão, tinha encontrado sua felicidade.

Alguns dias depois, estava em Zakynthos, conduzindo minha irmã para o altar. Ela estava feliz e eu estava feliz por ela. Dividir aquele momento me fez ver que não deveria perder uma data tão importante para Logan e Emma, por mais magoado que eu tivesse. Evitar Lizzie era um capricho dolorido, mas apenas meu.

Quando voltei para os Estados Unidos, me isolei de minha família. Não atendi telefonemas ou falei de outro assunto com meus irmãos que não fosse sobre trabalho. Eles estavam acostumados ao lobo solitário que me tornei. Emma tentou marcar um encontro entre Lizzie e eu, mas me neguei. Passei a não dormir e voltei a beber, como se a fortaleza que tinha conseguido construir estivesse desmoronando aos poucos. No dia do casamento do meu irmão mais novo, me arrumei com esmero, ajeitei meu terno e estilizei meu cabelo rebelde para trás com gel. Olhos azuis muito frios encaravam-me e mostravam o meu estado de espírito atrás das olheiras de cansaço.

Eu me atrasei — mais do que os noivos — e entrei por uma porta lateral no momento que o pastor abençoava Emma e Logan. Meu irmão me deu um olhar agradecido antes de voltar sua atenção para o cerimonialista. Examinei os arredores e vi minha mãe com olhar desaprovador para mim e Matt e sua esposa Sarah cumprimentando-me com a cabeça.

Meu olhar foi atraído para ela. Muito mais magra e de cabelos muito curtos, quase careca. Um sorriso leve nos lábios, e minha mente voltou para todas as vezes que eu vi um parecido em sua boca. Como se tivesse sido puxada pela força do meu olhar, ela me encarou. Seus olhos se arregalaram e uma lágrima silenciosa escorreu de seus olhos. Ela murmurou “Jason” e tudo ficou quieto por alguns segundos. Ela me observou assim como eu, como se mapeasse cada coisa nova dos últimos dois anos. Saí de meu transe quando as pessoas aplaudiram e Emma e Logan se beijaram. No automático, acompanhei os outros, enquanto Matt aparecia do meu lado, puxando-me pelo braço.

— Não faça nada de estúpido — ele murmurou em meu ouvido. Lizzie me seguia com o olhar da mesma forma que eu fazia com ela.

Que tipo de feitiço ela jogou em mim?

CAPÍTULO 13

Lizzie

Eu acompanhei quase de camarote o relacionamento de Logan e Emma. Antes, quando eram apaixonados um pelo outro mas escondiam o sentimento, e agora, quando finalmente deram uma chance à paixão e perceberam que eram perfeitos um para o outro.

Logan soube da minha existência na vida de Emma em um dia que nos encontramos por acaso no apartamento dela. Imediatamente ele me atacou, leal a seu irmão. Quando contei o que estava acontecendo comigo, ele baixou

a guarda, e era esse o meu medo. Não queria que Jason soubesse desse jeito. Que ele me procurasse por eu estar doente. Pelo pouco que vi pela televisão e por revistas, ele tinha se tornado sério, ranzinza, alguém que não parecia feliz. Emma me dizia o mesmo, que o rompimento do noivado o influenciou mais do que eu era capaz de imaginar.

Eu sentia saudade o tempo todo e pensava em quão diferente seria a minha batalha contra a leucemia se ele e sua família estivessem ao meu lado. Quando a doutora Hellen da emergência me encaminhou para a oncologista Sadie Jones, eu tremi. Era uma leucemia aguda e, como foi diagnosticada cedo, tinha muitas esperanças de sobrevida. Precisávamos ser rápidas no tratamento, porque era uma doença agressiva que se desenvolvia rapidamente. Todas as febres e tonturas que tive eram sinais claros que ignorei.

Comecei a quimio semanas depois de diagnosticada. Estava sozinha, desempregada, entrando cada vez mais em dívidas para pagar pela minha saúde e chorando o tempo todo. Estava sempre triste. Esquecia de comer todo o tempo, dormia mais do que deveria. Estava maltratando minha já maltratada saúde, eu sabia, mas ao mesmo tempo me perguntava para quê. Por que precisava lutar?

A primeira rodada não deu certo, tampouco a segunda. Entrei na lista de casos para um possível tratamento experimental. Tentava tomar meus

remédios em dia, porém mais sobrevivia do que outra coisa. Estava sempre cansada, com dor, sentindo-me mal. Pensei algumas vezes em suicídio, mas Jason sempre aparecia no fundo da minha mente. Não queria deixar o mundo desse jeito. Quando encontrei Emma no hospital, tive um momento de simpatia. Ainda estava sozinha, mas tinha um pouso, um lugar para voltar. Se ela era minha amiga antes, hoje era alguém essencial. Não sabia que ela se sentia da mesma forma até me convidar para ser sua madrinha de casamento.

Eu trabalhava de casa, em meu computador, e esperava ser chamada pela doutora Amber. Ela e eu sabíamos que minha única esperança era um transplante de medula, mas eu estava cada vez mais fraca. O tratamento custava caro, e minha médica buscava meios de conseguir que ele fosse custeado. Ela tentava e eu esperava, como uma maratona da morte sobre o que chegaria primeiro. Se o doador não aparecesse logo, ou eu morreria primeiro, ou estaria muito mal para fazer o procedimento e morreria em seguida. O tempo estava contra mim. O tratamento experimental poderia prolongar as coisas, mas às custas de milhares de dólares que eu não tinha. Estava na fila há muitos meses e ninguém compatível tinha aparecido. As esperanças eram muito, muito pequenas.

Em meus sonhos, ligava para Jason e contava a verdade. Fiquei tentada quando soube da morte de Danny na cadeia, mas era uma mulher condenada e com poucos meses de vida pela frente. Jason era o amor da minha vida, mas

ele teria uma vida longa em que eu me tornaria apenas uma lembrança amarga. Danny me aterrorizou por anos. Ele gostava de me ligar, as vezes não falando nada, as vezes com ameaças vazias. Não importava quantas vezes mudasse de número, ele me encontrava depois de algumas semanas. Na cadeia, ele conseguia o privilégio de ligar para pessoas de tempos em tempos e usava-o exclusivamente para não me deixar esquecer. Foi como um peso saindo das minhas costas quando fui avisada da morte do meu padrasto pelos agentes prisionais.

— Você vai ser minha madrinha — Emma me informou em uma de suas visitas. Quando não estava cansada demais, estava sempre afundada em uma tradução para o espanhol, revisão ou qualquer coisa que envolvesse texto e que pudesse fazer à distância.

— Pare de ser louca. Você vai se casar com a família que me odeia — respondi e beberiquei meu café, observando-a acariciar a barriga.

— Eles vão ter que aceitar — ela retrucou e deu de ombros. — Eu quero você lá. Vamos adiantar o casamento...

— Para que eu não tenha morrido até lá? — brinquei, mas senti uma dor no peito com a expressão horrorizada de Emma.

— Pare de fazer piadas com isso, ok? Me magoa.

— Desculpe, Emma. Mas não consigo entender.

— Você me apoiou quando eu precisei e quero você comigo quando me casar, é muito simples.

— Mas Jason...

— Ele vai se comportar. Matt e Logan estarão de olho nele. Por favor, Lizzie.

— Tudo bem, tudo bem... — concordei com um suspiro, tentando enterrar o medo de ver Jason novamente depois de tantos anos, sendo agora uma mulher tão diferente da que ele conhecia. — Preciso ficar sentada o tempo todo de qualquer jeito. Já nem consigo ficar em pé mais do que alguns minutos e vou ter que sair cedo.

— E vamos dançar uma música. Eu, você e o bebê. Depois morreremos de cansaço — ela completou com uma risada.

Na reta final da gravidez, Emma só reclamava de cansaço, inchaço e dores pelo tamanho do bebê. Era divertido acompanhá-la. Ela falou dos preparativos e de como escolheu um vestido para mim. Uma pessoa iria até o apartamento para ajustá-lo, já que eu ficava cada vez mais preocupantemente magra, e me entregaria com as correções necessárias.

No dia do casamento, me arrumei, pronta para estar lá para Emma e Logan. Ele de fraque e parecendo um modelo de revista, e ela gloriosa com sua barriga, um vestido branco simples e uma tiara de flores, parecendo

brilhar de felicidade.

Jason não apareceu até o início da cerimônia. O resto da família Hunt observava-me com dor e hostilidade, como se minha presença os machucasse. A cerimônia se desenrolou até que Jason surgiu no fundo do salão e caminhou até o pequeno altar, colocando-se ao lado do irmão, o cumprimentando. Ele observou seu entorno até que seus olhos afiados me encontraram e pude sentir a força que emanava deles. Seu nome escapou de minha boca e uma lágrima solitária caiu por minha bochecha antes que pudesse tentar respirar profundamente para me acalmar. Ele apertou os olhos, sem parar de me observar, até que Matt o puxou pelo braço.

Ele se sentou com a família, na mesa em que os noivos estavam posicionados. Emma me queria ali também, mas me neguei. Tinha uma mesa lateral de onde via as pessoas dançando, comendo e se divertindo, enquanto eu tentava me manter sã, apesar de sentir o peso dos olhos dele sobre mim. Surgindo do nada, Jason parou na minha frente e estendeu a mão. Foi como se um flashback daquele primeiro toque voltasse, a dança no Isla Florida, sua mão nunca deixando a minha, o formigamento e a energia. Tudo surgiu em minha mente.

— Me concede essa dança?

— Jason, não acho... — respondi baixinho, observando-o de perto. Ele parecia tão igual e tão diferente da mesma maneira. Duro, cruel. *Fui eu que*

causei aquilo?

— É hora da dança dos padrinhos — Jason anunciou, ignorando minha resposta. Ele puxou-me para seu corpo e me senti tombar sobre ele. Apertei seus braços, tentando me estabilizar, mas ele parecia não ter um pinga de delicadeza no corpo. Estava frágil demais para este tipo de coisa e sabia que se ele me soltasse, cairia no chão como um saco de batatas.

— Não faça isso, por favor... Não estrague o casamento do seu irmão por mim. Podemos conversar em outro lugar. Não faça deste dia uma lembrança ruim.

— Mas não quero conversar com você. Não quero ouvir sua voz. Você não quer uma cena? Pois é o que vai ter — ele explicou, mas eu não tinha forças para acompanhá-lo.

Tinha se passado uma vida inteira desde que fizemos um espetáculo na pista de dança. Só queria que ele me deixasse em paz. Jason me encarou duro por alguns segundos, e sentia-me cada vez mais tonta. Conhecia os sintomas. As mãos suadas, a respiração difícil. Iria desmaiar.

— Onde ele está? Ele te abandonou? Como se sente sendo abandonada por alguém? Seu Ben no final das contas não serviu de nada? — ele continuou, tentando preencher meus silêncios. Suas palavras machucavam como agulhas, uma a uma em meu coração frágil — Valeu a pena? Valeu a pena ter

sido uma sacana? Uma... uma...

— Jason... — sussurrei, tentando chamar a atenção dele. Sentia que iria desmaiar a qualquer momento.

— É a verdade, querida. Eu era sua conta bancária, e você quis mais. Agora está assim, magra, maltratada. Valeu a pena?

— Não... es... estou bem — falei, tentando puxar o ar para meus pulmões. Era difícil e sentia-me enjoada pelos passos de dança.

— Eu estou melhor do que nunca. Não lida bem com a verdade?

— Jason... me desculpe... não me odeie — murmurei fraco. E, então, tudo ficou escuro.

CAPÍTULO 14

Jason

— Lizzie! — Emma gritou atrás de mim, enquanto tentava segurá-la nos meus braços. Lizzie desmaiou e caiu desajeitada, como uma boneca de pano.

Ouvi a esposa de Logan correndo antes mesmo de vê-la, a música interrompida e os passos rápidos para perto de mim. O casamento acontecia em um salão pequeno, mas estávamos entre a música, a decoração e a comida em um espaço cheio com mais de cinquenta pessoas. Precisava sair do meio

da agitação. Olhei a meu redor e lembrei que vi mais de uma vez Logan e Emma irem e voltarem dos fundos do local. Poderia apostar que havia alguma sala de descanso longe da vista dos convidados.

Levantei-a em meus braços e caminhei em direção a sala, sabendo que Emma vinha como um raio atrás de mim. Assim que atravessei a porta, encontrei um sofá pequeno, onde deposei Lizzie com cuidado. Poderia tê-la ferido sem perceber na pista de dança. Eu era um babaca.

— Você é um idiota! — Emma gritou, como se lesse meus pensamentos. Vi sua mão vindo até meu rosto, mas não quis desviar, sentindo a dor do tapa irradiando dentro de mim, como se precisasse daquilo. — Ela está fraca, seu idiota! Eu a forcei a vir! Eu...

— Qual é o seu problema, merda?! — meu irmão berrou em seguida. — Ela não está bem!

— O que ela tem? — perguntei, examinando sua magreza e a expressão abatida. Antes, ela era linda, curvilínea, exuberante. No fundo do meu cérebro, eu sabia, havia algo errado. *Por favor, que não seja...* — Ela estava ali e, no minuto seguinte, não estava. Desmaiou rápido como... como se estivesse doente.

Sentei-me na ponta do sofá com Lizzie, atraído por sua presença a tão poucos centímetros de mim. Fazia tanto tempo desde a última vez... Minhas

mãos coçavam por tocá-la. Passei os dedos pelo meu rosto e senti a queimação do tapa. Analisei meu irmão e minha cunhada, esperando uma resposta de Emma e Logan, que se entreolharam.

— Jason... — Logan começou e parou, como se não soubesse o que falar em seguida.

— Que foi? O que aconteceu? — levantei-me e caminhei em direção ao meu irmão, sentindo a irritação crescer. Nós nos encaramos por alguns segundos, mas ele tinha o olhar perdido, como se não soubesse como contar o que estava acontecendo. Desde que entrei naquela maldita festa, parecia um ser irracional. Eu disse que não viria e deveria ter mantido minha promessa.

— Ela está doente, Jason — Logan sussurrou muito perto de mim e evitou meu olhar.

O quê?! Cambaleio para trás e olho para Lizzie no sofá. Eu vi pena e lágrimas não derramadas em meu irmão e minha cunhada.

— O que você está dizendo? — indaguei, querendo ouvir novamente. Como era possível? Ela era nova, saudável! Não deveria estar doente.

— Câncer — Emma explicou, com um suspiro derrotado. — Lizzie não faz nenhum tratamento há um tempo. Diz que dói muito, que não tem para quem voltar, que é uma perda de tempo...

— Não... — eu a interrompi, percebendo minha voz aumentar em um

decibel. Isso não podia estar acontecendo. — Não! NÃO!

Eu precisava... eu queria... Caminhei de um lado para outro da pequena sala. Respirava com dificuldade, não querendo olhar para Emma e Logan, enquanto meus pensamentos voavam e seus olhares grudavam em mim com preocupação. Passei a mão no rosto e tentei pensar, mas minha mente estava em branco com a revelação. *Como Liz podia estar doente?*

— Por isso nos casamos tão rápido. Era para ser depois que a bebê tivesse nascido, mas fiquei com medo que ela... — Emma hesitou. — Que ela partisse antes. Ela é importante para mim. É por isso que você não deveria perturbá-la. Ela não queria vir, mas eu a obriguei. Ela não queria ver você...

— Desde quando ela está doente? — perguntei, tentando manter o tom de voz baixo. Precisava me acalmar, ter minha atenção total.

— Há um par de anos. Ela começou o tratamento, mas não deu resultado. Ela ficou fraca, com dor, perdeu os cabelos. E então um idiota como você vem humilhá-la desse jeito — Emma completou com o tom irritado, e sei que mereci.

— Eu não sabia...

Sentei-me no sofá novamente, minhas mãos em meu rosto. Senti o mundo desabar. Eu era desprezível, um idiota que queria vingança contra uma pessoa do passado que estava frágil e doente. Minhas mãos desceram por sua cabeça,

fios curtíssimos onde antes havia cabelos fartos. Ela perdeu peso, parecia minúscula.

— Eles disseram que a menos que ela consiga um doador de medula, não conseguirá sobreviver mais do que alguns meses — Logan explicou e colocou a mão em meu ombro em uma espécie de conforto. — Sei como ela é importante para você, mesmo você fingindo que não.

— Ela é meu tudo, Logan. Metade da minha alma — respondi e ouvi minha voz quebrar. Senti a umidade em meus olhos, mas estava além de tentar esconder o que sentia no momento. — Quando ela foi embora, algo se rompeu e me transformei nesse idiota que sou, nesse infeliz que a fez sofrer naquele salão. Me quebrou saber que ela preferia viver com outro, mas eu sabia que ela estaria feliz. Não suporto a ideia de existir em um mundo em que ela não esteja viva.

— Eu vou buscar as coisas dela para levá-la em casa assim que acordar — Logan anunciou.

— Posso ficar aqui? — Eu parecia uma criança implorando. Emma lançou um olhar de advertência para mim e outro para Logan, que a seguiu até a porta enquanto balançava a cabeça afirmativamente.

— Se ela acordar, não a magoe — ela pediu.

— Nunca mais... nunca mais — respondi e ouvi a porta fechar. Mais do

que para eles, precisava dizer essas palavras para mim mesmo.

Eu tinha me transformado em um desconhecido nos últimos dois anos. Havia deixado que a raiva me cegasse, sem lutar contra o que estava acontecendo. Pensei nela doente e sozinha. *As coisas eram diferentes agora?* Foi como se um interruptor acendesse dentro de mim. A voz de Logan dizendo que ela tinha poucos meses, Emma explicando que o casamento foi acelerado por medo de que ela não estivesse lá depois que o bebê nascesse.

Existem alguns momentos na vida em que a cautela precisava ser jogada pela janela. Observando Lizzie desacordada, acreditava que era um desses. Ela me magoou, machucou-me tanto que tudo o que fiz nos últimos dois anos foi fingir que a odiava ou não me importava. O Jason de sorriso fácil morreu e deu lugar a uma pessoa séria, exigente e ácida. Mas Lizzie estava sozinha, doente, frágil, e eu não podia abandoná-la. Se ela quisesse, eu estaria lá. *Merda... se ela não quisesse também.* Eu a vigiaria, a obrigaria a comer, a dormir, acharia um doador nem que fosse a base da força. Só precisava que estivesse saudável. E, se no final disso, Lizzie decidisse ir embora novamente, teria que aceitar, mas não sem luta. Há dois anos, quando ela sumiu, me conformei muito rápido. Ela se tornou incomunicável e eu bebi meu peso em álcool. De repente, tinha se passado quase um mês sem ela e eu estava miserável.

Às vezes, pensava que tudo o que aconteceu foi estranho, que não

combinava com a personalidade de Lizzie e que éramos felizes até dias antes de terminarmos. A decisão de ir embora com um homem mais rico não se encaixava à mulher com quem dividi minha vida por tanto tempo. Eu deveria ter feito tanta coisa diferente... Ter contratado um detetive particular, acionado minha família, tê-la perseguido assim que saiu. Fazê-la falar.

Mas não, eu só fiquei puto, quebrei coisas e, então, era uma pessoa miserável. Desta vez, não. Eu era o CEO da Hunt Enterprise, as pessoas tinham medo de mim, de uma palavra minha, de um olhar meu. Usaria isso a meu favor. Faria Lizzie falar sobre o que tinha acontecido e garantiria que dessa vez ela tivesse motivos para ficar. Liz era minha, e, por mais idiota que parecesse por aceitá-la assim, facilmente e sem uma desculpa ou explicação, era simples: a amava demais para fingir que não me importava.

Liz era minha e ela precisava acordar para que eu dissesse novamente essas palavras.

CAPÍTULO 15

Lizzie

— Isso, meu amor, acorde para mim — abri meus olhos e encontrei Jason pairando à minha frente. Ele tinha um olhar amoroso e observava-me, sentado no sofá. Era isso... eu tinha morrido. *Droga*.

— Ah, eu sou uma pessoa horrível — estiquei minha mão e coloquei meus dedos em sua bochecha. Jason fechou os olhos com o toque, colocando sua mão sobre a minha.

— Não, você não é — ele respondeu com sua voz rouca que eu tinha

saudades de ouvir.

— É claro que sou. Eu morri no casamento da minha melhor amiga. Isso é terrível! — anunciei, e ele me encarou desconsertado. De repente, Jason riu. *Como ele ousava rir de mim? Ele era minha imaginação!*

— Você não morreu. Só estava desacordada.

—É impossível, tenho certeza de que morri — resmunguei mais para mim mesma do que para ele. Tentei me levantar, mas, mesmo morta, meus movimentos ainda eram difíceis e doloridos, como antes. *E aquele blábláblá de abandonar o corpo físico? Não deveria estar melhor?*

— Você está viva, posso garantir — Jason explicou e entrelaçou nossas mãos em seu rosto, dando um suave aperto. — Pode sentir isso?

— Eu sei que estou morta, meu amor. — Suspirei, derrotada. — Você não estaria aqui se isso fosse real. O Jason de verdade me odeia. Se você está aqui, eu morri e finalmente estou dentro de algum devaneio. Seu cabelo está maior, você tem uma barba por fazer... É um pouco diferente, mas devo ter guardado a sua última imagem.

— Liz, você não está morta — ele informou baixinho, como se estivesse explicando algo a uma criança. — Você está aqui e eu estou aqui.

— Jason...? — questionei, confusa. *Aquilo estava acontecendo mesmo? Onde estava?* Olhei a meu redor, verificando que estava em um sofá.

— Você desmaiou na pista de dança. Emma e Logan gritaram comigo e me contaram sobre você. — Ele suspirou. — Por que não me contou que estava doente? Eu sei que faz um tempo... Mas por que não me procurou?

Era ele de verdade. Senti meu peito se apertar por tê-lo tão perto. Reparei em seus traços. Jason estava mais velho, com linhas duras no rosto. Um cabelo maior que insistia em cair um pouco para o lado e uma barba por fazer. Ele parecia maior, mais sarado, com mais músculos. O meu Jason era mais arrumadinho, sempre impecável e com as tatuagens escondidas por suas roupas sociais. Esse parecia ter os olhos injetados, meio loucos, como na pista de dança... como... As lágrimas começaram a cair assim percebi que ele não era um produto da minha mente. Com os dedos, lentamente, tracei os ângulos de seu rosto, de que eu tive tanta saudade. Sentia meu corpo vibrar sem forças enquanto apertava o rosto dele na palma das minhas mãos.

— Eu vou morrer — sussurrei em meio ao meu choro.

— Você não vai — Jason respondeu quase em um sussurro. Ele me olhou feroz. Seus olhos também estavam cheios de lágrimas e vi uma escorrer de seu olho azul brilhante. — Você não vai, está me entendendo? Eu não vou deixar.

Jason uniu sua testa a minha e acariciou meus braços ternamente. *Como antes. Como sempre.* Meu choro diminuía de intensidade conforme entendia que tive meu perdão antes de partir. Estava tranquila em morrer com as

minhas lembranças sem fim dele e algumas da minha infância. Só me arrependia de tê-lo magoado. Se ele entrasse em minha vida novamente, minhas decisões voariam pela janela. Jason era meu mundo e continuou sendo mesmo depois de tudo que aconteceu. Continuará para sempre.

— Eu ainda te amo. Eu sempre te amei e nunca parei — revelei sem conseguir controlar minhas palavras. Ele me encarou solene e piscou, deixando as lágrimas caírem — Aquilo... aquilo foi...

— Depois... — ele pediu e sua mão livre cobriu minha boca.

— Eu não quero que você sofra.

— Sofri sem você, mas agora te tenho de volta. Você vai procurar o tratamento e vamos ficar bem — Jason respondeu, como se quisesse garantir, mais para ele do que para mim, sua afirmação.

— Jason, não é só isso. Não é fácil desse jeito.

— Eu sei, e vamos enfrentar o que vier pela frente.

— Não tenho o que enfrentar. Só esperar o final.

— Não! — ele negou com a voz quebrada. — Emma disse você não tinha para quem voltar, mas adivinha? Agora você tem, e eu vou te acompanhar em tudo. Deve haver algo, um tratamento, qualquer coisa!

— Preciso de um transplante, mas não apareceu um doador. Tenho pouco tempo.

— Nós vamos encontrar alguém. Não é justo que não apareça.

— A vida não é justa...

— Não, mas você não merece, nem eu. Quero ter fé. Eu te perdi há dois anos, não posso te perder de novo. Tudo tem uma razão. Você estar aqui neste casamento, hoje... Deveria voltar para a minha vida. É um sinal.

— Jason, me desculpa. Me desculpa por agora, por anos atrás...

— Você vai me contar o que aconteceu no momento certo. Agora, não é o que eu quero — ele comentou com intensidade e se aproximou, unindo nossos lábios. Sentia-me fraca e com dores, mas ele era meu elixir. Beijei-o com as forças que eu tinha, com anos de saudade entre nós.

— Eu deveria perguntar o que é isso? — James Larson, o pai de Jason, pigarreou da porta.

Separei-me dos braços de Jason, criando um espaço entre nós. Ele permaneceu abaixado perto do sofá, mas senti vergonha. Ao lado de James, a mãe, Ava, também parecia desconcertada. Os irmãos de Jason e seus respectivos parceiros eram o resto da plateia, que não escondiam a boca aberta sobre a cena. Era uma turma grande, incluindo pessoas que nunca vi pessoalmente.

— Isso significa que vamos ter outro casamento — Jason respondeu para eles e me olhou com um sorriso torto nos lábios. Pela primeira vez desde que

descobri a doença, eu queria e rezava fervorosamente para que ficasse bem.

— Nós vamos? — indaguei curiosa com sua afirmação.

— Temos que compensar esse tempo perdido.

— Preciso confessar algo — informei e puxei o colar de meu pescoço. — Nunca tirei seu anel de noivado.

— Você nunca deixou de ser minha noiva? — Jason encarou-me confuso. Seu sorriso contido era algo que não conhecia, como se ele não soubesse mais usar os músculos como antes.

— Sempre perto do meu coração — confirmei.

— É hora de colocá-lo de volta no seu dedo — Jason anunciou. Ele pegou o cordão de meu pescoço, puxou o anel e o recolocou em meu dedo anular.

Olhei ao redor e vi vários níveis de desconfiança e descrença entre aquelas pessoas. Não me importava. Eu o tinha de volta, apesar do meu medo e vergonha. Por semanas, meses ou anos, ele seria meu. Da mesma forma repentina com que parti, o tinha de volta em meus braços. Se tivesse uma segunda chance, a agarraria com unhas e dentes por quanto tempo ela durasse.

CAPÍTULO 16

Jason

Logan tinha a bolsa de Lizzie e me entregou com um olhar de alerta. Todo o álcool que ingeri antes da cerimônia parecia ter evaporado de minhas veias, mas não podia colocar a vida de Liz em perigo. Pedi um carro por aplicativo e olhei para ela.

— Vamos? — questionei. Minha família ainda estava embasbacada com a cena. Eu sabia que eles não me deixariam em paz e deveria aproveitar os momentos de choque para fugir com Liz.

— Para onde? — ela me indagou.

— Casa. Você precisa descansar.

— Casa?

— Minha casa... nossa casa — corrigi. — Eu ainda moro lá.

— Você não se desfez do apartamento? — ela me questionou com emoção nos olhos.

— Está lá do jeito que você deixou. A mesma tomada ruim, o rodapé lascado. Não consegui me desfazer dele. Quer ir para lá? — Lizzie me encarou por alguns segundos e confirmou com a cabeça.

Emma se aproximou da amiga e abraçou-a com força. Peguei Lizzie no colo, colocando sua bolsa em seu braço, e, quando chegamos à saída, o carro já está à nossa espera. Emma, Logan e todos os demais apenas observam enquanto eu colocava Lizzie gentilmente no veículo e entrava em seguida.

— Nós precisamos conversar — ela comentou quando o carro deu a partida. O dia escurecia do lado de fora, e entrelacei nossas mãos, sedento por seu toque.

— Nós vamos. Podemos assim que chegar. Quero saber sobre a doença, Liz. Eu quero...

— Isso tudo é só por que estou doente? Se isso é pena, culpa ou qualquer coisa, não quero isso de você, entende?

— Nem de longe... Temos tempo para recuperar. Você disse que não sabemos quanto. Quero começar logo — expliquei, e Lizzie encostou sua cabeça em meu ombro. Se alguém me contasse que meu dia terminaria desse jeito, xingaria de dez jeitos diferentes.

Ainda sentia aquela hesitação no meu peito quando a olhava, mas tentava acalmar meu coração para o que viria pela frente. Era um misto de ódio e amor que eu precisava aprender a controlar. Uma hesitação que se negava a sair do meu pensamento.

Quando chegamos ao apartamento, Lizzie se negou a voltar para meu colo. Ela pegou minha mão e lentamente caminhou comigo. Nossa ligação fazia uma energia, que eu não lembrava ter, fluir dentro de mim, um sentimento forte de estar ligado a outra pessoa. Nós entramos na casa, e ela foi direto para o sofá, andando com passos planejados e com calma para se sentar.

— Você foi embora por que estava doente? — perguntei o que rondava minha cabeça pelos últimos minutos sem meias palavras.

— Não sabia que estava doente quando fui embora... — ela suspirou e colocou o rosto entre as mãos. — Foi outra coisa... Mas por favor... Vamos começar do zero, não quero falar disso.

— Você precisa falar, é importante — respondi, lacônico, e caminhei para

ela, sentando-me a seu lado. Tentei parecer menos feroz, mas sei que era maior e mais intimidade. Passei meu tempo na academia tentando exorcizar todo o tipo de coisa negativa que tinha dentro de mim. — Mas primeiro quero saber o que você tem.

— Leucemia aguda — ela explicou. — Lembra os resfriados, febres e tudo o que estava sentindo? Era isso. Já estava mal há algum tempo, mas descobri semanas depois.

— Ele desistiu de você por causa disso?

— Jason... Nunca houve um “ele”. Você já deve ter percebido. Tive meus motivos na época, mas nenhum deles envolvia te trair. Nunca seria capaz — ela declarou e senti meu coração errar uma batida. Não conseguia lidar com essa afirmação e fingi não ouvi-la.

— E o que é leucemia aguda? É diferente da leucemia comum?

— Um tipo de câncer que se espalha muito mais rápido.

— E qual é o tratamento?

— Remédios, quimio e, em alguns casos como o meu, apenas o transplante de medula. Minha quimio não deu resultado. Minha médica está estudando um processo experimental, mas ela ainda não me chamou. É uma forma de aumentar meu tempo, mas nada é certo.

— Por que não começou o tratamento?

— Verba principalmente, mas também não tinha condições físicas. Quando ela me chamou, estava muito debilitada. Agora estou melhor, mas não a procurei novamente.

— Um vento mais forte pode te derrubar, Liz.

— Já estive muito pior, pergunte para Emma.

— Esse tratamento pode ajudar você, mas o que importa mesmo é um transplante?

— Sem ele, não devo durar mais do que alguns poucos meses — ela falou e me encarou muito séria. — Você precisa se preparar se quiser participar disso.

— Por que você está tão certa que vai morrer? — indaguei com rancor na voz — É o que você quer, Liz?

— É O QUE PODE ACONTECER! — ela retrucou falando mais alto. — Jason, estou doente há algum tempo, a quimioterapia não funcionou. Estava bem com qualquer final que tivesse, mas agora... agora com você...

— Você vai lutar, querida?

— Tenho medo de que não seja suficiente... — ela sussurrou, derrotada.

Puxei-a para meu colo e a abracei, acariciando seus cabelos curtos. Tinha muito o que pensar, mas não queria que ela saísse de meus braços. Lizzie se enrolou sobre meu peito e, quando notei, estava dormindo. Me levantei ainda

com ela nos braços e a deposei na cama, ajeitando-a. Uma lembrança doce das primeiras vezes em que fiz isso veio à minha mente, com Liz completamente esgotada dos trabalhos e da universidade sendo roubada pelo sono. Acariciei seu rosto uma última vez e peguei meu telefone, começando a traçar o plano que estava na minha cabeça.

Fui para sala e, no segundo toque, meu assistente Kevin atendeu. Sentia-me culpado por ser sábado, portanto ele não deveria se preocupar com minhas ligações. Ele ficava em Nova York, já que em Los Angeles tinha as secretárias dos meus irmãos para me apoiar. Ele era mais eficiente em seu dedo do pé do que muitas outras pessoas que trabalharam para mim.

— Kevin, é Jason. Preciso que mapeie e consiga pessoas para fazer testes de compatibilidade de medula.

— O quê!? — ele me questionou confuso.

— Alguém muito especial para mim precisa da doação. Faça o rumor correr, invista em campanhas. Você tem carta branca para o que for necessário. Preciso achar um doador, ok?

— Tudo bem, chefe. Só isso? — Só...

— Também preciso do contato do melhor oncologista de L.A. e que ele esteja disponível na segunda. Me envie a confirmação por mensagem.

Agradei a Kevin e desliguei, mergulhando em tudo o que podia encontrar

sobre leucemia aguda. As pesquisas tinham muitos resultados e todos eles eram preocupantes. Rapidez, sobrevida, mortalidade... Não gostava de nenhuma dessas palavras. Não podia controlar nenhuma delas. Queria gritar, quebrar coisas.

Eu tinha medo. Muito medo. Não queria pensar em perdê-la.

As lágrimas vieram, confusas, quase como uma dor física. Escondi meu rosto em minhas mãos e me descontrolei sobre a injustiça das coisas. MERDA! A dor no peito foi aliviando, o nó passando. Percebi que eu deveria ter descoberto isso há dois anos. Ela deveria ter ido ao médico, eu estaria lá... Não iria perdê-la. Não deixaria isso acontecer. Custasse o que custasse.

CAPÍTULO 17

Lizzie

Acordei desorientada e percebi que não estava na minha cama. Olhei para os lados e foi como se um filme passasse pela minha cabeça com tudo que aconteceu no dia anterior. Levantei-me e percebi que ainda estava com o vestido de casamento. Ele era folgado e confortável. Meu anel de noivado brilhava novamente em meu dedo, mas estava muito largo e tive medo de perdê-lo. Não parecia que Jason havia dormido ali, e meus pensamentos dispararam sobre ele e seu desejo de estar comigo. Assim que entrei na sala, o vi em uma calça de pijama mexendo em seu celular. *Dios... ele estava ótimo.*

Maior, mais definido. Todas as suas tatuagens encaravam-me e lembrei como era traçar cada uma delas com os dedos e a boca. A flor de lis continuava em sua costela.

— Bom dia! – ele disse quando me viu – Tem café. Pedi algumas coisas, você precisa comer.

— Jason... — alertei-o, sentando-me a seu lado. — Você não vai ser minha babá.

— Quando você não come direito? Pode apostar que vou! Tome banho e pegue algumas roupas minhas. Vou preparar as coisas — ele afirmou.

— Por que não dormiu no quarto? Por que não me beijou depois que saímos do casamento?

— Liz... — ele suspirou e virou-se para me encarar. Jason parecia procurar as palavras e desistiu como se não soubesse explicar.

— Eu te falei, não quero estar aqui por pena. Eu te amei. Eu te amo. Foi muito bonito o que tivemos, mas não se sinta pressionado.

— Não é isso...

— Então o que é? — cruzei os braços a espera de explicações.

— Você tem um poder sobre mim — ele confessou. — Na primeira vez, quando nos conhecemos, foi fácil. Foi me tomando aos poucos por inteiro. Agora eu sei como pode ser avassalador, como me torno vulnerável em suas

mãos. Não consigo dizer as palavras sem pensar em tudo que aconteceu.

— Jason, já falei, se isso é um gesto de piedade...

— Não! — ele me interrompeu. — Não é fácil, entende? Eu passei os últimos anos construindo uma pele mais grossa, endurecendo e desconfiando. Assumir que te amo me deixa vulnerável para caralho. Dá medo!

— Fui eu que fiz isso com você... — afirmei e senti as lágrimas caírem. — Me desculpe... me desculpe...

Sussurrei algumas vezes e ele voltou para meu lado, abraçando-me forte e acariciando minhas costas com leveza.

— Nós nunca vamos voltar do ponto que paramos. Coisas aconteceram, foram dois anos. Eu estou diferente e você também está. Mas eu quero tentar. Entende a estranheza de tudo? Um dia, eu não consigo ouvir seu nome e, no outro, vejo você acordar aqui.

— Você tem alguém em sua vida, é isso?

— Droga, Liz, é óbvio que não! Nunca houve mais ninguém... Só você. Eu tentei, mas só... não conseguia. Fui fiel a você esse tempo todo.

— Não precisa mentir para mim...

— É verdade, merda! Você era a única em meus pensamentos. Você ainda é... mas eu olho para você e o que vejo é traição. Agora sei que é uma mentira, mas é um sentimento que me acostumei a ter. Você me deve uma

explicação sobre o maldito Ben não existir. Estou confuso, merda!

— Não houve ninguém mais. Só você... mas se eu te faço mal, se eu te machuco tanto... Quer que eu vá embora? — indaguei e senti os olhos afiados de Jason sobre mim.

— Não! Vamos buscar suas coisas onde quer que elas estejam. É um ajuste. Vou me acostumar a te ter ao meu lado como me acostumei a não ter. Preciso que entenda, não é por mal... é só um ajuste.

— Tudo bem... — Balancei a cabeça, satisfeita com a resposta. Eu sabia que ele não confiaria facilmente. O homem aberto que me levou para sua casa no primeiro dia e me fez ficar não existia mais.

Tomei um banho e coloquei uma camiseta e um short de Jason, que ficaram enormes no meu corpo magro. Nos sentamos para tomar café e continuamos esse balé entre parceiros que são estranhos entre si, mas Jason brincou com minhas mãos e me acariciou levemente. Nós vimos um filme, tomei meus remédios que estavam dentro da bolsa do casamento (nunca saio sem eles), enquanto Jason continuava atento, sem fazer perguntas.

O dia passou rápido apesar do estranhamento, e, quando olhei o relógio, vi que estava tarde. Fui dormir e Jason continuou a trabalhar de seu computador e celular. Notei que essa era mais uma das “diferenças” do novo Jason: ele nunca parava com a Hunt Enterprise. Dez minutos depois que me deitei na

cama, senti seu peso a meu lado, puxando-me para ele, e imediatamente Jason caiu em um sono profundo. Achei graça da situação, mas algo parecido aconteceu comigo. Assim que ele se enrolou em meus braços, senti seu calor e dormi como não fazia há meses. Quando abri os olhos novamente, Jason me encarava tímido.

— Desculpa por ontem... é que, desde que você foi embora, eu não durmo direito — ele revelou com a voz sonolenta.

— E conseguiu dormir bem ontem? — perguntei enquanto acariciava seus cabelos. Ele parecia um menino de olhos inchados.

— Como um bebê... Você também. Já passa de 11 da manhã.

— Você não vai trabalhar? É segunda-feira.

— Ontem resolvi umas coisas para ficar mais tempo com você.

— Não é necessário.

— Claro que é. Vem aqui — ele disse e se aproximou de mim, beijando-me com delicadeza.

Respondi seu beijo insinuando minha língua entre seus lábios. Jason gemeu em resposta. Nós beijamos e brincamos um com o outro durante alguns minutos. Estava sem fôlego, mas valia a pena. Percebia Jason duro contra mim e eu também estava excitada. Sentia-me como uma mulher novamente, longe da doença por esses segundos.

— Nós podemos...? — Jason questionou com o rosto afundado em meu pescoço, dando-me beijos lentos e molhados na clavícula.

— Sim, mas devagar e com calma.

Ele girou nossos corpos, deixando-me por baixo. Passei minhas unhas em suas costas e beijei-o de volta, atraindo-o mais para mim. Jason puxou a camiseta e o shorts de meu corpo, deixando-me nua. Ele chutou para fora a calça do pijama e ficou gloriosamente nu. Jason escorregou por meu corpo, beijando meus seios e a tatuagem de lobo na minha costela. Com a luz do dia vindo da janela, vi sua tatuagem em minha homenagem e passei os dedos reverentemente na flor. Quando ele voltou a devorar minha boca, fechei minhas pernas no quadril dele. Jason tentava não jogar seu peso sobre meu corpo, mas eu não tinha forças para conduzi-lo. Sentia-me frustrada. Ele me segurou, posicionando-se em minha entrada. Quando Jason se afundou em mim, gemi em resposta. Ele acariciou meu corpo e lambeu o ponto sensível perto de meu pescoço, enchendo-me pouco a pouco, em um movimento lento e sensual.

— Jason... eu preciso... — pedi e puxei seu rosto para mim, beijando-o ainda mais selvagem.

Nossos movimentos se aceleraram, um pouco desajeitados pela minha falta de força. Eu gemia a cada investida, tentando chegar mais perto até o ponto de nos tornarmos apenas um. Meu corpo se acendeu pelo êxtase e me

senti viva, brilhante. Gritei seu nome. Jason gozou forte com um gemido estrangulado no travesseiro.

Ele caiu esgotado e rodou nossos corpos, deixando-me por cima. Nossas respirações foram voltando lentamente ao normal. Jason brincou com minha pele, fazendo pequenos círculos. Estava contente e relaxada. Ele também parecia estar, com seus olhos fechados e sua testa sem as linhas enrugadas de preocupação. Sua mão atingiu minhas cicatrizes e Jason endureceu. Me esqueci delas, tão envolvida no momento.

— O que é isso nas suas costas?

— É uma cicatriz.

— Tem mais de uma.

— São sete — respondi e levantei meu rosto, encarando seu olhar preocupado. Afundei-me em seu peito e esperei a pergunta seguinte.

— Você sofreu um acidente? São cicatrizes grandes como se uma coisa... uma coisa afiada tivesse feito isso — ele sussurrou, as últimas palavras mais para si do que para mim. Eu via quão assustado ele estava por essa possibilidade. — O que é isso, Lizzie?

— Nós combinamos que não iríamos falar sobre o passado — eu anunciei e ele suspirou, derrotado. Tinha chegado o momento. Nunca poderíamos estar juntos novamente se ele não soubesse o que realmente aconteceu — Isso

começou antes, antes mesmo de eu terminar com você.

— O que realmente aconteceu quando você foi embora? Você precisa me contar.

CAPÍTULO 18

Lizzie

Tinha imaginado aquele momento tantas vezes e ele finalmente chegou. Jason colocou uma das mãos em meu rosto e obrigou-me a olhá-lo. Senti seus olhos afiados, azuis brilhantes, mas desta vez ele não parecia refletir ódio, mas preocupação, como se ele estivesse completando um quebra-cabeças e precisasse de toda a atenção possível.

— Eu... eu não queria. Senti tanta a sua falta. Se eu pudesse, aquilo nunca aconteceria, mas estava com tanto medo.

— Medo da pessoa que fez isso? — Afirmei com a cabeça e levantei o corpo, sentando-me na cama. Sentia-me exposta nua e agarrei um lençol para cobrir meu corpo. Continuei:

— Você me conheceu como a pobre, sem pai, bolsista. Mas tem algo pior...

— Ter conseguido seus estudos sozinha não é vergonha — ele argumentou e se sentou à minha frente, colocando sua mão na minha. Olhei para os dedos entrelaçados e de novo para os olhos de Jason antes de continuar.

— Sabe quando sua mãe comentou que teve uma história parecida com a minha? O problema é que enquanto sua mãe conseguiu um padrasto bom, que mudou a vida dela, minha mãe arranhou Danny, um bandido, que entrava e saía da cadeia durante todo o relacionamento deles.

— Foi ele? — Eu ignorei o ódio em seu olhar e continuei.

— Um dia, cheguei aqui no apartamento e ele estava me esperando. Disse que soube de você e sua família pela televisão e que eu deveria ajudá-lo. Danny queria dinheiro e, em troca, não machucaria nenhum de vocês.

— Foi por isso que você insistiu tanto em segurança?

— Eu disse a ele que nós não tínhamos nada sério, que você me jogaria na rua se pedisse dinheiro, mas Danny decidiu me dar uma prova que não estava

de brincadeira.

— O assalto?

— Ele te atacou, deixou seu rosto com um hematoma e levou seu relógio. Ele poderia ter ferido todos vocês se eu não tivesse feito algo — suspirei. — Ainda tenho seu relógio, vou devolvê-lo quando pegar minhas coisas.

— Você está me dizendo o que eu acho que está dizendo? — ele perguntou com raiva nos olhos, mas eu sabia que ela não era dirigida a mim, e sim para toda a situação.

— Jason, eu...

— Você inventou a história toda sobre não querer mais estar comigo para me proteger?

Jason levantou-se da cama como se não conseguisse ficar sentado, ouvindo minha confissão. Ele andou de um lado a outro, nu em sua glória, como se não soubesse o que fazer ou falar.

— Ele era covarde, te atacou pelas costas para me apavorar. Eu precisava acabar com aquilo. Inventei aquela história ridícula e terminei com você. Danny foi atrás de mim e chamei a polícia. Ele ia ser preso, mas tentaria de novo. Era importante que eu não tivesse relação com vocês.

— Lizzie! — Ele parecia perturbado pela história.

— Ele apareceu no apartamento que aluguei depois que saí daqui.

Informei a ele que você terminou comigo, mas Danny ficou histérico, invadiu o apartamento e avançou com uma faca. Corri, mas ele me pegou pelas costas várias e várias vezes.

— Eu deveria ter estado com você — ele disse com a mão no rosto, soltando um suspiro estrangulado. — Eu estava tão cheio de ódio, e você só queria me proteger.

— Não sei ao certo o que aconteceu depois, mas acordei no hospital e uma enfermeira me avisou que perdi muito sangue. Danny foi preso, mas me mandou uma mensagem dizendo que fugiria e mataria vocês. Eu só não podia... — me interrompi e engasguei com a lembrança daqueles dias sombrios. — Fui avisada que ele morreu na cadeia há poucos meses. Eu pude respirar fundo pela primeira vez em muito tempo. Acabou.

— Você aguentou isso esse tempo todo. Deveria ter me avisado, ter me procurado quando te avisaram... Antes de tudo isso! — ele falou e avançou pela cama, juntando sua testa na minha.

— Achei que o nosso tempo tinha passado, e eu estava doente.

— Que tipo de homem você acha que eu sou se fizesse isso? Não querer você por que estava doente?

— Eu tinha perdido você, estava mal e esperando a morte. Então você voltou.

— Meu amor, eu deveria ter estado ao seu lado o tempo todo. Me prometa que, daqui em diante, não teremos nenhuma outra mentira.

— Pelo tempo que tivermos...

— Pare com essa merda, Lizzie! Você vai criar nossos filhos e ver nossos netos correrem. Você vai brigar comigo quando eu quiser tomar Viagra e roubar beijos suficientes para nossos bisnetos gemerem de vergonha.

— Você precisa parar com isso, meu amor — expliquei. — Eu não consegui um doador nos últimos anos, seria um milagre que alguém aparecesse. Só de ter conseguido mais alguns momentos com você faz com que tenha valido a pena.

— Eu não mereço você, Liz — ele disse e juntou seus lábios aos meus. — Eu te amo demais. Tanto que não sei explicar.

Levantei-me para um banho rápido, colocando mais uma camisa de Jason — que parecia um vestido —, enquanto ele providenciava a comida. Era como fazíamos dois anos antes, e ainda funcionava. Bebi meu café ao mesmo tempo que Jason explicava que queria me levar primeiro até a casa de Emma, para buscar minhas coisas, e depois a um hospital. Expliquei que já tinha

minha médica, mas dei o braço a torcer ao saber que Jason precisava ouvir da boca de um especialista sobre minha condição.

Assim que chegamos ao apartamento de Emma, Jason fez minha mala, esvaziando meus armários. Eu troquei de roupa, colocando uma calça e uma camisa do meu tamanho. Quando voltei ao quarto, recuperei a caixa onde guardei o relógio entre minhas coisas e o estendi para ele. Jason o colocou no pulso em silêncio e olhou ao redor.

— E pensar que você estava tão próxima esse tempo todo... — ele refletiu e me puxou para um abraço. Fechei meus olhos satisfeita com sua proximidade, agradecida pela oportunidade de tê-lo antes de partir.

Nós saímos do antigo apartamento da esposa de Logan e partimos para o hospital Saint Margaret. Jason conseguiu uma consulta com o doutor Shaw Murray, que, como ele me explicou, era neurologista especializado em tumores e criou uma terapia alternativa. Graças a um milionário chamado Ethan Green, o médico conseguia oferecer um trabalho mais amplo com outros doutores. Doutor Murray era novo, com menos de quarenta anos, e tinha cabelos escuros, porte atlético e olhos atentos. Ele parecia bem-humorado e deixou-me à vontade. Expliquei minha história, meus tratamentos e dei os contatos da doutora Amber. Preenchi uma ficha quilométrica enquanto ele dizia que analisaria meus exames com calma e que entraria em contato.

Mais do que criar esperanças, foi importante para Jason entender a gravidade da minha saúde. Talvez não tivesse solução, e as coisas se agravariam nos meses — até mesmo semanas — seguintes. Apesar disso, ele parecia bem-humorado com a nova oportunidade.

— Você gostou dele? — ele me indagou.

— Ele parece estar estudando bastante sobre câncer. Quando entrar em contato, saberemos.

— Não sei lidar bem com a ansiedade do contato — Jason confessou e me deu um abraço carinhoso, ao mesmo tempo que parávamos ao lado de seu carro. — Acho que deveria procurar a doutora Sadie para saber sobre o tal tratamento experimental.

— Ela me explicou que é um tratamento com versões geneticamente modificadas das minhas próprias células de defesa, estimulando também a produção de anticorpos. São injeções e medicamentos por certo período que ajudam a reconhecer e atacar as células cancerígenas. Tem alguns prós e contras... mas, quando ela ofereceu, me sentia muito fraca e cansada.

— Quais são os contras?

— É um tratamento caro, Jason. Não tenho dinheiro para isso. Doutora Sadie também tinha uma questão com estrutura. Acho que o doutor Murray pode ajudar nisso se eles concordarem em trabalhar juntos...

— Liz... — suspirou, derrotado com a minha resposta.

— Eu sei — respondi com um sorriso. — Conheço você, vai querer pagar por qualquer coisa. Juro que não vou discutir a respeito.

— Me mata saber que, se tivesse me procurado antes, estaria em tratamento.

— Eu te falei, Jason. Ele deve prolongar minha vida, não curar a doença. Eu preciso de um doador.

— Tudo bem... — ele completou, contrariado — Vamos para casa? Quer comer em algum lugar? Nós podemos ir ao Carlos.

— Você ainda vai lá? — perguntei, surpresa.

— Às vezes. O hambúrguer é realmente muito bom — Jason confessou e deu de ombros, um pouco envergonhado.

— Na verdade, queria ir a outro lugar. Você iria comigo ao cemitério? Não tenho visitado minha mãe, porque não confio em mim sozinha.

— Tudo bem. E depois, para casa, porque você precisa descansar.

— Claro, babá! — eu respondi, e Jason fez uma careta, enquanto ajudava-me a entrar no carro.

Nós visitamos o cemitério por alguns minutos. Deixei flores no túmulo de minha mãe e voltamos para casa. Meu coração estava melhor por ter conseguido fazer isso com a ajuda de Jason — afinal, talvez fosse a última

visita.

Entramos em uma rotina calma. Jason trabalhava praticamente de casa e ia para a Hunt Enterprise apenas para reuniões. Nós ríamos, conversávamos e fazíamos amor, como em outros tempos, mas agora de uma forma mais calma e ao mesmo tempo um pouco desesperada pela incerteza do futuro. Entrei em contato com a doutora Amber, e ela me chamou para seu consultório. Ela era uma oncologista de pouco mais de quarenta anos, negra e com um abraço reconfortante. Jason insistiu em me acompanhar e, quando ele entrou no consultório, a médica o encarou de cima a baixo.

— Ora, ora... isso é novo.

— Doutora, quero que conheça Jason, meu noivo.

— Noivo? Você foi rápida, garota!

— Na verdade, bem lenta — Jason riu. — Esse noivado já tem quatro anos.

— Por que você escondeu seu noivo de mim, Elisabete?

— Uma longa história, doutora... uma longa história — eu comentei e ela balançou a cabeça, como se entendesse tudo, antes de continuar:

— Recebi uma ligação interessante de um médico chamado Shaw Murray. Algo que eu precise saber?

— Eu a obriguei a ir vê-lo — Jason explicou. — Há alguma coisa que

podemos fazer entre vocês dois? Algum tratamento compartilhado?

— Ele me ofereceu o hospital para seu tratamento. Então você quer tentar a imunoterapia?

— Sim. Podemos ver os detalhes com calma, mas queria começar assim que possível.

— Ora, ora... parece que o moreno aí mudou outras coisas em você, hein? Nós já conversamos sobre isso e preciso que se lembre bem. Os efeitos colaterais podem ser febres, calafrios, problemas respiratórios, tonturas, vômitos, diarreia, dores, convulsão e problemas neurológicos como perda de equilíbrio e de fala. Você precisa estar ciente, principalmente porque está muito fraca. Previmos quatro sessões quando conversamos a primeira vez, uma por semana.

— E caso um doador compatível apareça? — Jason indagou.

— Podemos interromper e começar a medicação para a transfusão. Não é um problema — doutora Sadie completou.

A médica respondeu às perguntas, principalmente feitas por Jason, e disse que tentaria começar os procedimentos na semana seguinte. Quando saímos do consultório, Jason estava calado e claramente confuso, absorvendo cada palavra da médica. Nós voltamos para casa e tivemos uma noite tranquila, até Jason me perguntar se eu gostaria de almoçar com os Hunt no dia seguinte.

Seria outra batalha: a visita à casa de Ava e James.

Acordei apreensiva pelo meu primeiro domingo com a família depois do nosso rompimento. Assim que entramos na casa, eu via dor e rechaço no rosto dos presentes, ao contrário de todas as vezes que pisei naquela residência acolhedora. A casa foi do caos ao silêncio quando entramos na sala da mãe de Jason. Ele me mantinha ao seu lado o tempo todo, com suas mãos entrelaçadas às minhas, mas sentia a distância emocional que Ava, James e o resto da família colocava entre nós. Não tive o abraço caloroso e doeu receber um cumprimento impessoal.

— Olá, pessoal — Jason cumprimentou e podia sentir seus músculos tensos, como se estivesse irritado com a família. Eu sabia que seria assim, mas ele parecia não entender por que estavam fazendo aquilo. Os Hunts protegiam os seus. Eu magoei Jason e não era mais bem-vinda. Portanto, eles também deveriam saber o que aconteceu; do contrário, nunca superaríamos esse sentimento.

— Jason... — Matt cumprimentou com um movimento de cabeça, deixando bem claro que estava me ignorando.

— Liz, você não conhece minha irmã Blair e seu marido Jack. Explico com mais calma depois, mas descobrimos ela e Victoria há alguns meses. Sarah, a esposa de Matt, também é nova por aqui — ele anunciou, e fiquei impressionada como as coisas haviam mudado. Eu sabia de tudo isso por

Emma, mas ainda assim era impressionante o surgimento de novas irmãs e, o mais assustador de tudo, Matt, o irmão mais mulherengo, casado.

— Vamos comer? — Ava perguntou, quebrando o silêncio incômodo, enquanto todos me encaravam.

Seguimos para a sala de jantar, e Jason pegou meu braço, conduzindo-me até a mesa e ajudando-me com a cadeira. Eu conseguia fazer as coisas com lentidão, mas ele sentia-se protetor desde nosso reencontro. Depois, ele sentou-se ao meu lado e os cheiros dos pratos trouxeram-me lembranças. Estava com água na boca pela primeira vez em meses, anos até.

— Jason, isso no seu pulso é o relógio que perdeu naquele assalto? — James perguntou, e nós dois congelamos com a observação.

— Não... É uma réplica... — Jason comentou em um tom forçado, e olhou para mim.

— Eu o devolvi — respondi ao mesmo tempo, interrompendo-o para tirar aquela discussão do caminho. Nada faria o clima da mesa ficar pior.

Todos me examinaram em aberta curiosidade. Até mesmo Blair e Sarah, que não me conheciam, pareciam confusas com a animosidade do ambiente. Emma tentou sorrir para mim em apoio, mas sua boca estava torcida, como se até mesmo ela tivesse sido pega de surpresa por aquela revelação. Matt encarava-me com ódio. Eu sabia que ele seria o mais difícil de todos. Quando

Jason me contou sobre seu estado nos dias depois de minha partida, meu coração se quebrou. Portanto, Matt viu meu noivo em seus piores momentos depois que fui embora. E ele sempre foi o mais protetor com a família, além de o mais temperamental.

— E você pode explicar como diabos estava com o relógio que meu irmão perdeu sendo assaltado e agredido? — Matt cuspiu de forma lenta e venenosa, apertando os olhos com clara hostilidade.

— Matt... — Jason sussurrou em tom ameaçador. Eu estendi a mão para ele, fazendo um movimento para ele se conter.

— Eu tive um padrasto muito diferente do seu, Ava — confessei e olhei para a matriarca dos Hunt. — Quando me contou sua história, fiquei impressionada como éramos iguais e diferentes. Danny era nojento, entrou e saiu da cadeia diversas vezes, batia na minha mãe, em mim... E então, um dia depois do nosso último Natal, ele me fez uma visita.

— Como assim? — James indagou e se ajeitou, desconfortável, como se soubesse que a nossa conversa iria para lugares ruins.

— Ele invadiu nosso apartamento e pediu dinheiro. Jurou que machucaria Jason e vocês se eu não o pagasse. Danny me entregou o relógio e avisou que faria pior da próxima vez — revelei e senti minha garganta apertar. Olhei para o alto tentando controlar minha emoção. — Quando eu vi Jason

ensanguentado...

— A história que contou para Jason foi uma mentira? — Logan sussurrou a pergunta com voz grave. O silêncio poderia ser cortado com uma faca. Cada um na mesa pensava nas minhas palavras.

— Não! Eu... eu... precisava proteger vocês. Eram minha fa... família — gaguejei e senti as lágrimas começarem a cair. — Ele chegou perto de Jason tão rápido, entrou no apartamento tão fácil... Sabia do que ele era capaz. Nunca nos deixaria em paz, nunca estaríamos seguros.

— Por que não denunciou? — Matt questionou e, apesar de ainda estar desconfiado, vi que seus olhos me encaravam com mais delicadeza, como a sombra do irmão brincalhão que foi comigo um dia.

— Não adiantaria... ele foi preso e me mandou uma mensagem da cadeia. Me ligou ao longo dos anos. Fiz o que deveria ser feito e não me arrependo. Ele não... não ia tocar em vocês. Eu não ia deixar! — afirmei, observando todos a mesa De repente, Ava se levantou, seu rosto banhado de lágrimas, e me abraçou com força.

Seu gesto me fez chorar ainda mais. Seus dedos me apertaram docemente e era como voltar para casa. Ficamos ali por longos minutos enquanto a família nos examina com níveis diferentes de emoção. Jason tinha os olhos vermelhos e encarava-me orgulhoso por minha revelação. Quando consegui

respirar novamente, recebi um sorriso de Emma. Ela finalmente via sentido no que aconteceu ao longo dos anos. Minha amiga dizia todo o tempo que não entendia minhas ações, mas sempre me neguei a revelar a verdade.

— Nós podemos comer? Não temos a salada de batatas de Lizzie, mas estou morto de fome! — Matt pediu e piscou, como se levantasse uma bandeira da paz. Senti alívio ao ver suas expressões suaves e os sorrisos leves e emocionados.

A refeição teve um tom familiar depois disso, com conversas e risos em uma mesa maior do que antes. Ainda faltava uma das irmãs e seu marido, então seríamos doze — treze, se contasse o bebê de Logan e Emma, que nasceria a qualquer momento — em uma mesa repleta de amor. Depois do almoço, nos sentamos na sala e vimos um pouco de televisão. Quando Jason se levantou para falar com o pai, Matt sentou-se em seu lugar com um olhar apologetico.

— Desculpa por aquilo na mesa.

— Você sempre foi o irmão urso, Matt. Se alguém ia me ofender para defender Jason, eu sabia que esse seria você.

— Mesmo assim... — ele disse e colocou sua mão na minha, em um suave aperto. — Você está bem? Emma nos contou sobre a leucemia.

— Muito cansada e ficando cada vez pior — confessei e encarei-o mais

uma vez. — Como é se curar?

— Eu passei muito tempo sendo paranoico com isso. Foram anos achando que era uma cura passageira. Quase perdi minha esposa por isso, sabe?

— É curioso te ver casado.

— Pois eu faria qualquer coisa por aquela mulher e, Deus, entendo mais Jason depois que conheci Sarah — ele explicou com um sorriso. — A quimio é horrorosa, lembro como vomitava, como queria desistir, mas a família não me deixava. Vai dar certo.

— Meu corpo dói e tem horas que só quero desistir e esperar. Estava conformada, mas seu irmão pensa diferente.

— Sei que é sua vida e suas decisões, que o tratamento é pesado e as horas com dor custam a passar — ele sussurrou com emoção —, mas você está de volta e em perigo. Deixe-o ficar ao seu lado. Vai passar.

— Meu caso é muito mais complicado que isso.

— Mas e se não for, querida? Você passou os últimos anos sozinha. Apoio faz toda a diferença.

As palavras de Matt continuaram em minha cabeça muitas horas depois. Depois do almoço, partimos para casa e terminamos o dia de forma preguiçosa, sem saber que a semana seria rápida. No dia seguinte, doutora Sadie ligou para avisar que o tratamento se iniciaria na quarta-feira. Jason e o

resto da família Hunt fizeram exame de compatibilidade, mas enquanto os resultados não saíam, a solução era ganhar tempo com o tratamento. Eu teria poucos dias antes de enfrentar os efeitos colaterais dos medicamentos.

— Em quanto tempo conseguimos uma licença na Califórnia? — perguntei para Jason assim que desliguei o telefonema com a médica.

— Acho que imediatamente. Por quê?

— Quero me casar.

— Como agora? — ele me encarou surpreso e sorriu.

— Sim.

— Ok — ele concordou.

— Apenas “ok”?

— Ah, querida, espero esse momento há tanto tempo que correr até um juiz e apenas assinar uns papéis é tudo o que eu quero. O que me importa é que seja minha esposa e que tenha meu nome — ele respondeu e me olhou com um sorriso suave nos lábios. — É o que realmente você quer?

— Sim, é o que eu quero. Há tanto tempo que dói.

— Seu desejo é uma ordem.

Às 9h da manhã do dia seguinte, com parte da família Hunt presente e com um vestido branco simples que já vi dias melhores, finalmente me casei com o amor da minha vida. A foto simples de uma Lizzie magrela e

sorridente com Jason de terno preto segurando-a contra seu peito seria minha favorita pelo resto da minha vida. Eu tinha olhado muitas vezes para o retrato roubado às pressas, mas agora havia outra imagem que me dava emoção sempre que a via.

Decidimos por não fazer comemoração alguma, porém, ao chegar ao apartamento, Jason puxou-me para seus braços. Ele dançou comigo na sala do apartamento, como na primeira noite que nos conhecemos e em todas as vezes depois disso. Seu corpo estava colado ao meu e uma música calma fluía entre nós dois. Foi mágico. Nós tivemos nossa pequena noite de núpcias, fazendo amor mais lento e calmo, como vinha sendo por minhas dores e cansaço. Com o tratamento iniciando, me conformei a não ver tanto o corpo de Jason pelos efeitos colaterais. Foi como uma despedida, mas rezava a Deus que fosse uma temporária e não uma definitiva.

No final da segunda semana de tratamento, os resultados chegaram. Ninguém era compatível. Jason chorou, mas eu me sentia resignada. Sentia-me doente e enjoada. O fim de aproximava. Alguns dias depois, a doutora Sadie solicitou minha internação. Estava mal demais para ficar em casa.

CAPÍTULO 19

Jason

Fui do céu ao inferno em questão de dias. As coisas não poderiam ser mais injustas do que estavam sendo. Estava animado com o casamento, com o tratamento experimental, de ter Liz ao meu lado depois de tanto tempo. Minhas dúvidas e minha resistência foram jogadas ao vento quando a história real do porquê Lizzie partir veio à luz. Ainda sentia a escuridão e a raiva, mas ela era direcionada ao homem que a feriu. Aquele Jason leve e tranquilo talvez nunca voltasse, mas fiz as pazes com o homem sério e rígido que me tornei. Eu a amava enlouquecidamente e detestava vê-la sofrer.

Kevin, meu assistente, organizou os testes de minha família, amigos e pessoas da empresa que souberam do caso. Até mesmo Diana e o marido foram testados. Nenhuma compatibilidade. O passo seguinte era estender a campanha a desconhecidos, mas temia não ter tempo. No meio do furacão, Victoria e Liam voltaram aos Estados Unidos e fizeram o exame de compatibilidade, então ficamos no aguardo do resultado. A primeira vez que minha irmã me encontrou depois de todo o drama, ela correu para mim e eu chorei em seus braços como uma criança. Tentava me manter positivo e dar forças para Liz, mas me senti quebrar após a primeira sessão do tratamento. Tínhamos acabado de nos casar, ela estava tão feliz, mas, de repente, começou a passar mal, a ter febre, calafrios. Tudo o que esperávamos, mas não estava preparado para o efeito sobre mim.

Ela nunca tinha apetite, definhava na minha frente e, por mais que lhe apoiasse, era perceptível quão magra e frágil ela estava. Seu corpo queria conservar a energia. Ela passou a dormir mais e mais. No final da segunda semana, Lizzie estava quase sempre desacordada. Quando abria os olhos, era para vomitar ou gemer de dor. Minha mãe mudou-se para nosso apartamento para cuidar dela. Meus irmãos e suas esposas iam e voltavam o tempo todo, tentando ajudar de qualquer forma. Eu chorava vendo-a definir. Um dia, ela desmaiou no meio de uma conversa e corri para o hospital.

A doutora Sadie decidiu interná-la. No fim do primeiro dia, Liz teve

problemas respiratórios e foi intubada. Eu sabia que qualquer parada cardíaca ou respiratória poderia ser o fim. Nos poucos minutos que pude visitá-la na UTI, segurei sua mão e chorei. Encarava nossas alianças e tentava não pensar que só teríamos aqueles poucos dias. Me mantive no hospital o tempo todo, acompanhando o progresso de seu quadro. No início do terceiro dia, Sadie e a equipe médica decidiram que Liz estava bem o suficiente para respirar sozinha. Eu percebia que era tudo paliativo, uma forma de melhorar sua condição até o final. Queria gritar a cada vez que a médica falava comigo, mas entendia que ela estava fazendo o melhor para Lizzie.

Depois da extubação, demorou um dia inteiro para ela acordar. Passei as horas seguintes ao seu lado, primeiro na UTI e depois no sofá do quarto do hospital. Minha mãe tentou me tirar de seu lado, mas sentia meu coração apertar por ela não estar em minha vista. Poderia perdê-la a qualquer momento. Quando ela abriu os olhos e encarou-me, vi seus olhos encherem de lágrimas. Estávamos sozinhos e eu me debrucei sobre sua maca, com os cabelos despenteados e um cansaço físico e emocional desgastante.

— Ei... não precisa chorar.

— Eu... pen... pensei... — ela disse com dificuldade.

Sabia o que ela tinha pensado. Eu também pensei. Achei que não veria mais seus lindos olhos castanhos esverdeados. Ela tinha razão todas as vezes em que falou que eu deveria me preparar. Estávamos em um beco sem saída e

eu me negava a lidar com a ideia de que teria que deixar Liz partir. Até quando eu a odiava, não pensava em um mundo sem ela. Os dias passaram lentamente depois disso, comigo e minha família sempre no hospital. Alice nasceu no meio da internação de Lizzie e logo foi testada. Emma chorou quando soube que a neném não era compatível. Liz sorria sem forças a cada nova foto de sua afilhada. Eu beijava e abraçava minha esposa, dizendo tantas vezes que a amava que as palavras ficariam tatuadas em minha cabeça para sempre como uma memória daqueles dias.

— Jason, como ela está? — ouvi a voz de Victoria, tirando-me dos meus pensamentos.

— Na medida do possível... — dei de ombros, com os olhos colados à porta.

Os médicos me pediram para sair do quarto de Lizzie para um exame, mas, como um bom cão de guarda, permaneci nos corredores do Saint Margaret. Era o oitavo dia de internação e estávamos em um dia ruim. Liz ainda ficava desacordada por muitas horas e eu fingia que não sabia o que aquilo significava. A doutora Sadie alertou-me que, lentamente, o corpo dela iria tentar conservar as forças e minha esposa passaria cada vez menos tempo lúcida. Tínhamos pouco tempo.

Vic entrou na minha vida há poucos meses, mas parecia que conhecia-me mais do que meus outros irmãos, como uma alma velha que reconhece outra.

Era uma conexão familiar que me fez ver que ela não seria feliz no primeiro casamento assim como eu não era em todos os dias sem Lizzie. No dia em que conversamos sobre isso, ela me perguntou como eu sabia que nunca me apaixonaria de novo. *Existem verdades que sempre serão certas. Independentemente do que fez, Liz sempre será meu grande amor. Já faz dois anos e eu ainda sonho com ela, ainda a busco na nossa cama. A dor diminui, mas não some.* Se eu soubesse naquela época o que sabia hoje... as lembranças de minhas palavras doíam ainda mais por saber que Liz só queria me proteger.

Victoria tinha o olhar grudado em mim, como se me analisasse com atenção. Andava letárgico e cansado, vivendo de memórias e sabendo que precisaria de muita ajuda quando... se Liz morresse. Eu via a preocupação no rosto de minha família, sabia que seria pior do que na primeira vez. Enterrá-la mataria minha alma. Não queria pensar nessa possibilidade, apesar de ela se aproximar mais a cada novo dia.

— O resultado saiu — ela sussurrou. — Eles pediram para fazer novamente para confirmar. Jason, preste atenção...

Deixei de olhar para a porta de Lizzie e observei minha irmã pela primeira vez com minha total atenção. Ela brincava com o envelope em suas mãos ansiosa e tinha lágrimas não derramadas nos olhos. Eu não queria criar expectativas. Todos tínhamos feito o exame e todos deram negativo. Kevin

me mantinha informado e saiba que inúmeras pessoas foram testadas sem compatibilidade. Da família, faltavam apenas Victoria e Liam, e cada segundo contava em nossa busca.

— E então?

– Deu positivo, Jason. Eu posso doar... — Victoria respondeu com a voz embargada.

Encarei-a atordoado e notei as lágrimas finalmente escorrendo pelos olhos da minha irmã. Senti a tormenta aproximando-se e minha respiração falhar. Ela balançava a cabeça como uma afirmação, debulhando-se em lágrimas. *Deu positivo, Jason. Eu posso doar...* As palavras ecoaram algumas vezes até que começassem a fazer sentido. Me escorei na parede e escorreguei até o chão. Escondi meu rosto entre as mãos e chorei lágrimas soltas que estavam presas em meu peito desde que tudo começou. Era dolorido, difícil, libertador.

Victoria sentou-se a meu lado e me abraçou com força, algo que sabia que era difícil para ela, porque não gostava de tocar outras pessoas. Agradei ao destino, porque, quando ganhei duas irmãs, não sabia que salvaria meu futuro. Salvando-me de mim mesmo e de todas as coisas que faria sem Liz.

— Vic... eu não se... sei... como te... te agradecer — disse com a voz quebrada.

— Muitas vezes eu duvidei da minha vida... do porquê estar aqui depois de tudo o que aconteceu — Victoria revelou com um sorriso leve em meio ao choro. — Minha vida tem sido boa há algum tempo. Com meus novos irmãos, Liam... e hoje, quando peguei esse papel, entendi que o destino é um sacana. Deus me colocou aqui para algo, e esse algo foi para mudar sua vida e a de Lizzie. Você mudou minha vida naquele casamento e agora é minha vez.

— Vic... — tentei continuar, estrangulado.

— Sei que não pode ser o suficiente, que o câncer pode não sumir, mas vou me agarrar na minha fé, Jason, na vontade de fazer Lizzie sobreviver. Você merece ser feliz, meu irmão. Ela também merece. É impossível que um ser divino e misericordioso não permita que vocês dois fiquem juntos depois de tanto tempo. Vocês se amam e precisam viver isso plenamente. Sem medo, sem mentiras. Só Lizzie e você...

— Eu... eu... não sei... — gaguejei, ainda chocado com a possibilidade. — Já não acreditava mais. Esperava o banco de doadores, mas é tão difícil...

— A doutora Sadie conversou comigo quando o resultado saiu. Vão prepará-la. Farei alguns exames e a cirurgia acontecerá assim que possível, porque Lizzie está muito fraca.

— Eu sei... não sei como... eu só...

— Poderia pedir o nome do primeiro filho como Logan — Victoria respondeu com uma gargalhada, embalando-me nos braços e consolando-me —, mas eu só quero que seja feliz, Jason. Tão feliz quanto eu sou, como nossos irmãos são. Eles vão fazer uma punção em mim e devo tomar anestesia. Já conversei com Liam e ele ficará comigo. Estou morrendo de medo, mas vale a pena...

Vic continuou comigo por mais algumas horas até Liam chegar ao hospital. Ela passou pelo procedimento e saiu como uma guerreira. Era algo simples, e 48 horas depois das pequenas punções no osso do seu quadril, minha irmã estava de volta à vida normal. A doutora Sadie começou o tratamento para a transfusão de medula óssea. Era complicado com Lizzie tão mal, mas era um caso extremo. Foram dez dias de medicação que a deixavam doente e enjoada e que eu não poderia chegar perto. Até mesmo pegar em sua mão era um risco, portanto não deixaria nada, nem eu mesmo, estragar a nossa chance.

A medicação estava ali para eliminar a medula óssea e o sistema imunológico de Lizzie, e qualquer doença que eu pudesse transmitir para ela coloria sua vida em risco. Eu a observava de longe, enquanto as enfermeiras iam de um lado a outro. Meus irmãos tentavam me fazer trabalhar ou passar algumas horas em casa, qualquer coisa para me distrair um pouco, mas era impossível abandoná-la no hospital, por mais que Lizzie dormisse o tempo

todo. Eu pedi para me afastar e, pela primeira vez em anos, a Hunt Enterprise deixou de ser minha prioridade. Eu parecia um selvagem, sempre amassado, descabelado, mas me negava a sair da linha de visão de Lizzie.

Uma noite, a enfermeira trouxe a transfusão e foi como se eu começasse a respirar novamente. Ela foi enviada para um quarto de isolamento — muito semelhante ao anterior, mas com uma estrutura mais controlada de fornecimento de água, limpeza e com um banheiro que apenas Lizzie poderia usar. Nada mudou nos primeiros dias, mas, então, ao final da segunda semana após o procedimento, Lizzie passou a ficar mais tempo acordada do que dormindo. Ela me olhava tão frágil, magra e de máscara, que meu coração apertava por não saber se estava tudo bem. Eu poderia acompanhá-la, mas precisava seguir regras rígidas de higiene e desinfestação para permanecer ao seu lado, mesmo que à distância. Mais duas semanas se passaram, e ela estava mais corada, reclamando do tédio com todas as enfermeiras, quando os resultados do primeiro exame chegaram.

A medula pegou.

No começo, eu não entendi o que a doutora Sadie queria dizer quando me falou esses exatos termos. A ficha caiu depois, e mais uma vez chorei pelos corredores do hospital, amparado por Matt e Logan. Meus irmãos, que nunca haviam me visto chorar, ofereceram seus ombros como travesseiro durante aquelas semanas tumultuosas. Seria sempre grato.

O pior tinha passado.

Lizzie chorou longe dos meus braços quando ouvimos a médica explicar sobre o sucesso da transfusão. Ganhamos mais tempo, e eu acreditava que ele seria longo. Lizzie poderia ter uma recaída, mas, quanto mais tempo ficasse sem sintomas, melhor seria. Cada vez que ela externava seu medo, eu falava sobre morrer atropelado saindo do hospital e ela ficava irritada comigo. Mas era verdade: coisas aconteciam, a vida acontecia. Ela teria um longo caminho até a recuperação total, mas o tratamento dera certo. Eu queria beijá-la, abraçá-la, senti-la em meus braços, mas ainda não podia tocá-la.

No final do primeiro mês após a transfusão, a doutora Sadie autorizou que eu pegasse nas mãos de Lizzie. Me sentia um adolescente emocionado por chegar perto da minha esposa. Quando a toquei, foi como se entrelaçar nossos dedos me dissesse que tudo ficaria bem. Como se eu soubesse que as coisas ruins estavam chegando ao fim.

— Oi... — eu sussurrei ao seu lado. *Senti tanto falta do seu contato.*

— Senti saudades.

— Você está corada. As bochechas parecem mais vermelhas.

— É por tocar em você — ela respondeu com uma risada — e toda a comida do hospital que sou obrigada a comer. Tenho que aproveitar que estou com fome.

Sentei-me na cama e Liz agarrou sua mão a minha. Agora que poderia tocá-la, não sairia daquela posição.

— Você deve voltar para casa em algumas semanas. Eu perguntei para a doutora Amber.

— Eu também perguntei uma coisa para ela — ela confessou em um tom conspiratório.

— E o que é?

— Quando poderia beijar você novamente.

— É mesmo? E qual é a resposta?

— Agora. Para sempre.

— Mesmo? — perguntei, surpreendido.

— Sim — ela concordou com a cabeça e grudou sua boca na minha. Saboreei seus lábios de forma lenta e gemi de saudades. Nos perdemos um no outro até que alguém faz um barulho na porta e Lizzie se escondeu envergonhada em meu peito. Minha mãe e meu pai nos encaravam com um sorriso.

— Parece que alguém finalmente foi liberada para ter contato humano.

— Apenas para conhecidos que conhecem os protocolos — Lizzie anunciou e abriu os braços para minha mãe, que correu para abraçá-la.

Apesar de voltarmos para casa, entramos em uma fase de atenção. Os cem

primeiros dias depois da alta eram os mais decisivos. Ainda no hospital, começaram a série de exames médicos, de dentista a neurologista, e o excesso de zelo com a limpeza. Lizzie tinha o sistema imunológico de um bebê recém-nascido e qualquer convívio com pessoas doentes e ambientes lotados poderia botar a perder sua recuperação. A médica informou que deveríamos voltar à nossa vida sexual aos poucos, então esperei a passagem desses primeiros três meses para nos dar tranquilidade. Ainda assim, eu queria beijá-la com tanto desejo que, assim que saímos do consultório com a informação, puxei-a para mim, encostando seus lábios nos meus com força para mostrar toda a saudade que senti.

Ela pôde deixar de usar máscara dois meses depois. Seus cabelos voltaram a crescer e fios escuros começavam a se despontar em sua cabeça. Ela estava cada vez mais irritada, o que era bom, porque significava que Lizzie se sentia bem o suficiente para querer fazer outra coisa além de ficar deitada sentindo dor. Ela não teve nenhuma das reações esperadas, como alterações na pele, tosse, falta de ar, enjoo e vômitos, e, apesar de usar o cateter, não precisou de nenhuma medicação de emergência. Lizzie só estava entediada. Muitos exames, muitos remédios e uma rotina presa ao pós-transplante de medula.

Quando completamos três meses e dez dias, encontrei Lizzie nua em nossa cama. Tinha medo de forçá-la depois de um evento tão traumático, mas minha esposa estava tão necessitada quanto eu. Seu corpo lentamente voltava

ao que era quando nos conhecemos. Eu tinha saudade de suas curvas e, apesar de querer jogar a prudência pela janela, fui com calma para sentir seus limites. Nós voltamos a ser nós mesmos conforme Lizzie recuperava suas forças. Voltei a trabalhar algumas semanas depois, mas Lizzie passou a ficar muitas horas em casa, ainda proibida de sair ao sol e enfrentar multidões. Foi quando ela decidiu que escreveria um livro sobre nós dois e toda nossa história, desde o momento em que nos separamos até nos juntarmos novamente em um momento tão triste.

Um ano passou depois do transplante de medula óssea. Lizzie teria que cuidar da saúde para sempre: alimentação saudável, exercícios regulares e atenção a qualquer sinal de imunidade baixa ou anemia. Nós começamos a malhar e correr juntos, e, quando percebemos, chegamos às maratonas. Comemorávamos pequenas coisas e voltávamos a fazer programas que nos marcaram, como visitar o telhado da Hunt Enterprise ou o Isla Florida. Era o primeiro ano de um casal normal, sem doença, sem padrasto, sem inúmeros trabalhos e com bastante tempo.

— Você imaginou que chegaríamos até aqui? — ela me perguntou.

— Sempre. Cheguei a perder a fé em alguns momentos, mas vivia com a minha certeza. Não deixaria você se livrar de mim tão fácil.

— Nunca iria querer algo assim. Passei tempo demais sem você para saber quão miserável me sentiria. Eu fechava os olhos naquele hospital e sabia que

você estaria ali ao acordar. Você me guiou, Jason, e sempre me trazia de volta.

— É bom saber que não vai a lugar algum — respondi, com um sorriso safado. — Eu te amo, Liz.

— E eu te amo, Jason. Mesmo quando quis parar, não consegui. Você é alguém fácil de amar. Meu cavalheiro de olhos azuis. A pessoa que não desistiu de mim, mesmo quando eu desisti.

— Você não entende que é minha força, não é? Eu pertenço a você, você me completa. É simples.

E era. Éramos eu e Lizzie contra o mundo, não importasse quanto tempo nós tivéssemos. Iríamos aproveitar todos eles.

CAPÍTULO 20

Lizzie

Cinco anos depois

— Existe esta lenda, que ouvimos uma e outra vez, sobre um homem tão apaixonado que foi até o inferno para buscar sua amada. Orfeu amava tanto Eurídice que foi ao mundo inferior depois de chorar seu lamento e ira pela perda da amada. Ele a trouxe de volta das garras da morte, mas a perdeu quando descumpriu a regra de Hades e olhou para trás. Meu amor nunca

olhou para trás. Ele me trouxe de volta à vida, como uma chama esmaecendo que, de repente, volta a ter toda sua luz...

Eu estava nervosa. Era a primeira leitura do livro que escrevi durante meu tratamento. *Meu destino* foi publicado quase um ano depois de sair da zona de perigo. Nossa história estava gravada naquelas páginas. Um agente e uma editora se interessaram e entrei de cabeça no ramo. Como ainda estava em recuperação, o livro nunca foi divulgado corretamente, apesar de ter vendido como pão. Todos gostavam de ler um romance com final feliz, principalmente um em que a mocinha estava destinada a morrer e conseguiu driblar seu destino.

Nunca contei que aquilo tudo aconteceu realmente. Apesar do drama e de um pouco de liberdade artística, estava tudo lá. Como nos conhecemos, como nos amamos, como eu tive que ir embora e voltei para morrer em seus braços, até que, no minuto final, um anjo de cabelos ruivos me salvou e me deu um futuro. Victoria detestava a atenção, mas eu a agradeceria para sempre. Antes do transplante, ela já era a irmã favorita de Jason, portanto, depois, ganhou muitos pontos a mais do que o resto da família.

Assim que tudo se acalmou, Jason e eu tivemos a oportunidade de voltar a ser um casal normal, estar apenas um na companhia do outro, sem dramas do passado, nem um futuro escapando de nossas mãos. No meio da minha recuperação, Jason adicionou mais uma tatuagem à sua coleção: um desenho

intrincado de duas pessoas de mãos dadas no interior do seu braço. Ele me chamava de sua Eurídice, que, assim como a lenda grega, foi guiada para fora do inferno por seu amor. Ele ria dizendo que se saiu melhor do que um herói grego, porque eu estava viva e bem, ao contrário do final do casal da lenda.

Aos poucos eu me reconhecia novamente. O peso perdido, os cabelos crescidos, a pele mais brilhante. Queria escrever o nome de Jason em meu corpo, mas todo o cuidado pós-leucemia deixava pouco espaço para uma tatuagem no primeiro ano de cura. Portanto, gravei cada detalhe no livro e, quando pude, tatuei flores em minhas costas sobre as marcas das facadas e o nome de Jason em meu pulso, perto da veia que ia para o coração.

Para o evento do livro, os Hunt compareceram em peso, chamando atenção da imprensa de Los Angeles. Não era todo dia que dois atores e um diretor vencedores do Oscar e empresários multimilionários se reuniam em uma pequena livraria no Sunset Strip. Todos aplaudiram quando terminei a leitura, e Jason me encarou orgulhoso. Ele batia palma ao mesmo tempo que tentava controlar nossos filhos, correndo pela livraria com suas primas. Eu sorri pelas expressões sapeca de Noah e Trevor. Apesar de nenhum dos dois terem saído do meu útero, é inegável quão parecidos eram com Jason e eu. Eles tinham meus traços latinos e a personalidade do pai, com seus olhares sérios apesar da pouca idade.

Três anos depois da alta, entramos na fila de adoção. Os médicos nunca

tiveram um resultado definitivo sobre minha infertilidade, mas todos falaram que seria difícil engravidar. Não tive menopausa precoce e cheguei aos 27 anos saudável, sem recaídas, correndo com Jason em maratonas e escrevendo livros. Eu ainda sonhava em dar aulas, como desejei quando saí da universidade, mas toda a questão sobre minha imunidade e muitas pessoas em um ambiente fizeram-me repensar a ideia nos primeiros anos após o transplante. Isso voltaria para a minha vida em algum momento e poderia ajudar pessoas como eu fui um dia. Mas, por enquanto, ficar escrevendo em casa caía como uma luva em minha rotina.

Chegamos a consultar um especialista em fertilidade, mas os exames não diziam se meus ovários foram comprometidos ou não com a quimioterapia. Havia uma ínfima oportunidade, porém não quis me agarrar a ela. Poderia acontecer ou não, mas nós queríamos filhos e víamos a felicidade de Sarah e Matt quando adotaram Olivia e Mandy, além da pequena tropa que formavam com Alice, filha de Logan, Rose e Anna, as gêmeas de Blair. O importante é que eu estava bem. Curada era uma palavra forte, mas cada ano me trazia mais esperanças, porque significava que não teria uma recaída nem todo o tratamento de leucemia de volta à minha vida.

A ligação da adoção chegou em um dia que Jason estava viajando. Ele iria direto do aeroporto e me encontraria no escritório da assistente social. Fiquei presa no trânsito e cheguei quinze minutos depois do previsto. Encontrei

Jason, meu marido tão sério de 34 anos, sentado no chão do escritório riscando papéis com dois meninos de cabelos encaracolados. Trevor e Noah Gonzalez, de dois e um ano respectivamente, eram irmãos que terminaram no sistema após os pais morrerem em um acidente. Eles não tinham com quem ficar e, depois de uma busca incessante sobre parentes disponíveis, entraram na lista de adoção. Maritza e José Gonzales, primeira geração norte-americana de duas famílias cubanas que vieram para os Estados Unidos, sofreram um acidente de trânsito na interestadual, e uma família jovem terminou em segundos. Antes, eles moravam no Watts. Eram tantas coincidências que queria conhecê-los para ter certeza. Meu coração doeu por eles, e me reconheci naqueles dois órfãos tão jovens.

Ao olhar Jason com os dois meninos, eu vi o futuro. Eles eram nossos, eu senti dentro de mim. Os Gonzales, os pais biológicos dos garotos, sempre fariam parte da nossa vida, estariam nas paredes de nossa casa enquanto os meninos cresciam, sabendo que tiveram pais que os amaram e pais adotivos que fariam tudo por eles. Com o coração apertado, sorri para Jason e aproximei-me para ver Noah caminhar rebolando por causa da fralda até meu marido e colocar as mãozinhas em seu rosto. Trevor encarava-me com curiosidade e perguntou em uma voz infantil:

— É ela? — Jason confirmou com a cabeça e sorriu para mim. — É bonita... — Trevor anunciou em suas palavras de bebê. Dei uma risada e senti

as lágrimas começarem a descer. Jason fazia o mesmo. Ele estendeu-me a mão e eu a apertei. Era toda a confiança e conforto que necessitava.

Nós éramos dois e viramos quatro naquele momento. Senti algo no meu coração e tive certeza: tudo estava mais do que bem. E desta vez para sempre.

— Mamãe, mamãe, MAMÃE! — Trevor gritou e pulou no meu colo, tirando-me de minhas lembranças. Peguei-o nos braços, apertando-o contra o peito. Jason tinha Noah no colo com um sorriso de canto de boca. *Dios... esse homem ficava cada vez mais bonito!*

— Foi ótimo, querida.

— Estava tão nervosa.

— Acalme-se, todos te amaram. Tem uma fila enorme esperando para ter o livro autografado.

— De verdade?! — perguntei sem acreditar.

— As pessoas gostam de você, meu amor. Preciso me acostumar a dividir você.

— Eu gosto de você, mamãe! — Trevor anunciou no meu colo e gargalhei quando Noah murmurou um “eu também”. Eles eram fofos juntos.

— Parece que temos um time que te ama, mulher — Jason completou e me deu um beijo leve nos lábios. — Vá ver seus fãs, vamos esperar.

— Leve as crianças para casa. Pode demorar aqui.

— Logan vai levá-los — Jason explicou e vi Logan me acenar do fundo da livraria. Meu cunhado se aproximou e pegou os meninos. Ele sussurrou algo em seus ouvidos que os fizeram rir e se afastou.

— E você?

— Eu vou te esperar — Jason explicou, aproximando-se de mim e me aninhando em seus braços. Senti um arrepio em mim. — Sempre vou te esperar, meu amor.

— Eu sei.

— Eles vão dormir na casa dos tios hoje, e sabe... Você vai assinar todos esses livros, então vou te fazer uma massagem em casa. E quando você estiver bem relaxada, eu vou te chupar e te lambe tanto que você não vai saber seu nome até o final da noite.

— Posso desistir e ir direto para casa? — perguntei, sentindo minha respiração se acelerar. Estava excitada e via pelos olhos de Jason que ele sentia o mesmo.

— A espera é doce, portanto vá logo. Quando mais cedo você começar, mais rápido consigo te levar para casa — ele disse e me deu um leve empurrão para a mesa, onde meus livros estavam expostos, ao mesmo tempo que entrelaçava nossos dedos. A eletricidade estava lá mesmo depois de tantos anos.

Eu amava tanto esse homem e a certeza de ser amada de volta fazia meu coração explodir. Conhecê-lo não foi uma coincidência, passar por tudo o que passamos para que no final sua irmã perdida salvasse minha vida não foi mero acaso. A vida era graciosa e só poderia agradecer por tudo o que aconteceu até ali. Jason sempre foi o meu destino, assim como eu era o dele.

EPÍLOGO

Allegria

27 anos depois

Eu fui um bebê tardio. Talvez o conceito certo seja “milagroso”.

Quer dizer, não milagroso, milagroso... mas consegui meu lugar no mundo para surpresa de todos. Mamãe teve câncer, achou que não poderia ter filhos, meus irmãos chegaram através do sistema de adoção, e então, um dia, sem esperar, ela foi ao médico para um check-up e descobriu que estava grávida

de cinco meses. Meus pais surtaram, porque não esperavam por isso. Fui um pouco voluntariosa desde o primeiro momento, fazendo meu pai, naquela época com 41 anos, e mamãe, com 34, comerem na minha mão. Só não fui uma criança mimada, porque a família tinha mais crianças do que poderíamos contar. Cheguei com o mesmo rosto anguloso dos Hunt, os olhos azuis brilhantes do meu pai e negra como minha mãe.

Depois de 24 anos, estávamos aqui, no meu casamento.

Eu conheci Brandon aos 18, mas só soube disso há seis meses. Era uma história esquisita que talvez um dia consiga contar com mais calma, mas envolvia uma antiga lenda da família do meu marido: um homem Blake se apaixona à primeira vista. Mas como Brandon só foi capaz de me ver cinco anos depois de nos conhecermos, não sabia se contava realmente. Havia também uma pequena parte sobre eu ser destrambelhada o suficiente para tentar enganar o destino depois de descobrir a verdade sobre nosso primeiro encontro, mas o amor era doce e terminamos aqui, apesar da minha boa vontade em estragar as coisas. Era tão tímida que doía. Voluntariosa, aberta com a minha família, mas, no meio de tantos Hunts de personalidade forte, fiquei feliz por estar nos bastidores. Era estranho ser a protagonista de um dia como esse.

Observei a decoração enquanto pegava uma taça de champanhe e via meu marido dançar com sua mãe. Ela tinha um problema na perna, mas nada

impediria Hannah de dançar com seu filho mais velho naquela noite. Estávamos ao ar livre, as luzes iluminando o ambiente, e sentia-me feliz. Olhei para os rostos de todos e pensei em como era sortuda, apesar de, às vezes, me irritar por ser o bebê da família. Meus primos e irmãos têm idades próximas e, quando nasci, era quase sete anos mais nova do que Dylan, filho da tia Vic. Entre Alice e ele, eram sete crianças em uma escadinha. Um grande clube para o qual não fui convidada a participar.

Bem... eu e James.

Ele era o primeiro bebê milagroso da família, e talvez o verdadeiro, com menos de três anos de diferença comigo. Nós formamos nosso próprio clube e, apesar de amar meus irmãos e primos com força, sabia que nossa ligação era especial. Às vezes, sentia-me culpada por isso, mas meu pai ria e dizia que todo mundo sabia e não ligava – afinal, ele também tinha seus prediletos da família sem um pinga de culpa.

Deus, James era o pior de todos. Protetor e difícil de lidar, fazendo-me sofrer antes de me acertar com Brandon. Ele foi até Nova York atrás de mim apenas para garantir que nenhum mulherengo se aproveitaria de sua “irmãzinha”. Trevor e Noah compraram a briga e fizeram uma videochamada raivosa para brigar comigo e até mesmo o calmo e artístico Dylan participou do esquadrão. Se não fosse Alice e sua moral de prima mais velha, eles não teriam me deixado em paz. Ela, assim como sua mãe Emma, conseguia ser

diplomática e mandona como o inferno, mas no final tudo se ajeitou — apesar do turismo em grupo dos Hunt para Nova York e de toda a vergonha que passei nas mãos dos meus primos e primas.

Meu pai e mãe não ficaram sabendo, graças a Deus. Desde que papai decidiu se aposentar e deixou para os filhos o cuidado da Hunt Enterprise, eles têm viajado. Eu dava graças a Deus por isso, porque se James viajou milhares de quilômetros e apareceu em minha casa em questão de dias, meu pai apareceria com a SWAT inteira em horas. Eles só conheceram Brandon Blake depois que tudo estava resolvido e caíram de amores por ele.

Eu me casei e meu pai me levou ao altar. Seus cabelos escuros estavam ficando brancos aos poucos, mas seus olhos azuis continuavam afiados como sempre. Jason Hunt passou dos 60, mas era quase como um modelo, sarado, tatuado e com fios prateados por seu cabelo escuro. Mamãe também não ficava para trás: maravilhosa, definida e com uma classe que qualquer uma gostaria de ter apenas no meu dedo do pé. Eu tinha bons genes.

Eles eram enjoadamente românticos, assim como todos os meus tios e tias e a família de Brandon. Era como se, apesar da realidade dos divórcios e separações do mundo atual, algo na água destas famílias os fizessem românticos até a raiz. Os Hunt envelheceram, nós perdemos primeiro vovô e depois vovó. Meus tios e tias ficaram de cabelos brancos, mas o amor entre eles, entre nós, estava sempre ali. Mamãe me disse certa vez que achou que ia

morrer quando tinha 24 anos, minha idade. Não conseguia imaginar essa realidade. Fazia mais de 30 que ela era uma sobrevivente e todo dia vivia seu felizes-para-sempre. Ela nunca teve uma recaída. Passamos parte da nossa infância visitando o túmulo da minha avó Allegra, como eu, no aniversário da cirurgia. Ela fazia questão de comemorar que estava viva. Lizzie Hunt pegou gosto por correr maratonas, andar de montanhas russas e ver filmes de terror. Exercícios cardiovasculares, como ela dizia.

Observando minha mãe dançar nos braços do meu pai, tão envolvida em seu olhar, eu podia sentir como aqueles dois se pertenciam, como às vezes dava vergonha de ser um expectador daquilo, quase um intruso. Quando Brandon apareceu, eu entendi. Ele era minha constante, como meu pai dizia ao se referir à minha mãe. Meu algo imutável, que não se transformaria ou mudaria meu amor mesmo nos piores momentos. Ele me fez ficar enjoadamente romântica, o que me acompanharia na vergonha quando nossos filhos nos pegassem transando como aconteceu com meus pais algumas vezes e como meus primos pegaram seus pais antes de mim. Era a beleza da vida.

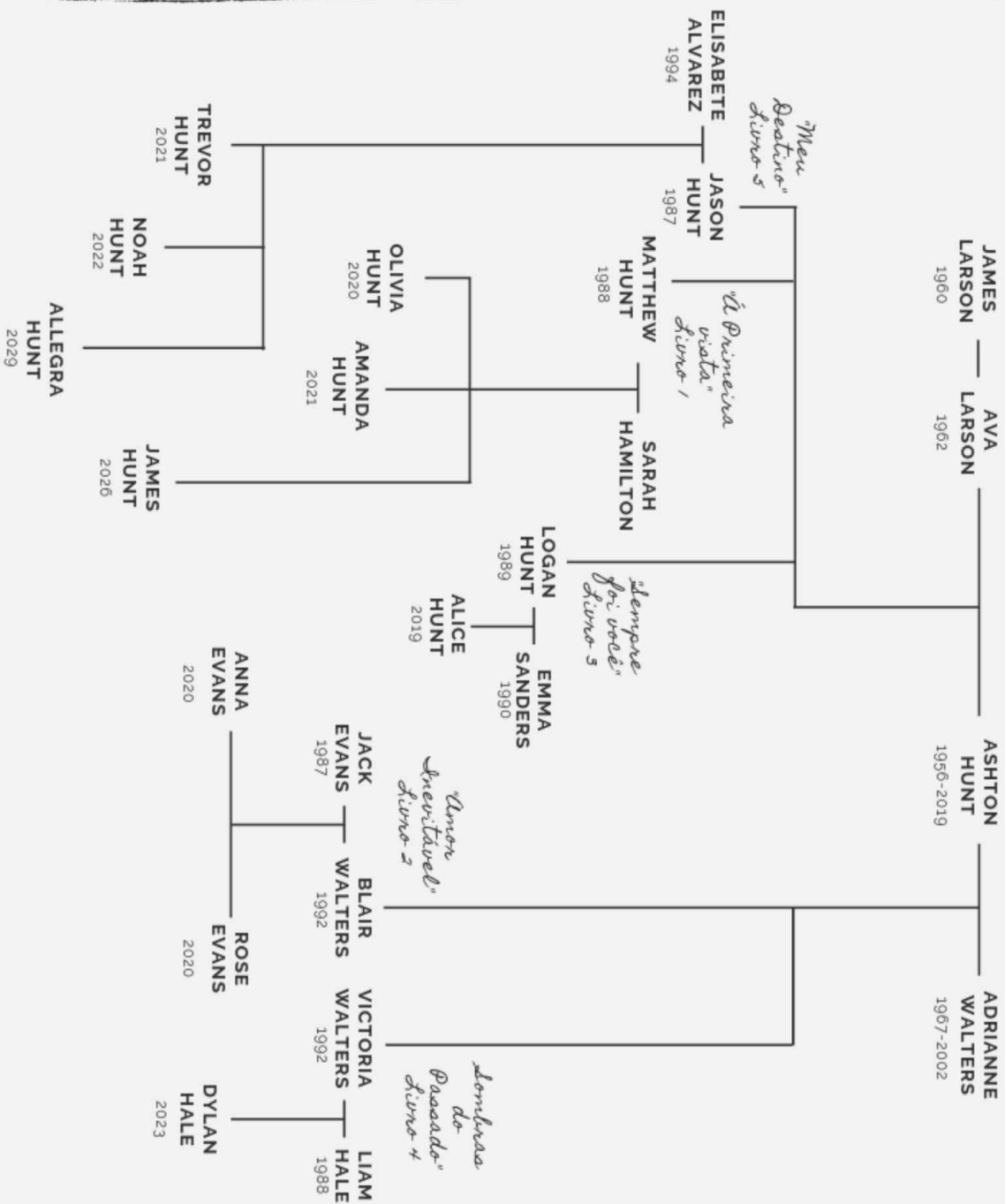
Além disso, eu carregava a geração seguinte em minha barriga. Nós teríamos bebês na família novamente. Os Hunt e agora os Blake cresciam para todos os lados, e eu desejava do fundo do meu coração que todos eles sentissem o tipo de felicidade que sentia agora, o amor absorvendo-me por todos os lados e saindo por meus poros. Todos mereciam um felizes-para-

sempre. E, ao olhar para minha família dançando, conversando e celebrando o meu casamento, podia dizer que estávamos no caminho certo.

FIM

Deixe seu comentário na página da Amazon, é muito importante e me ajuda a publicar cada vez mais! [Clique aqui para deixar uma avaliação de “Jason: Meu Destino”](#).

Familia Hunt-Evans-Hale



**[Curiosa sobre a história de Allegra? Clique aqui
para ler “Par Imperfeito”.](#)**

Allegra Hunt cruzou o país para se sentir mais livre sem pais, irmãos, tios e primos tentando dizer o que ela poderia ou não fazer. Brandon Blake queria sair da sombra da família, deixar de ser o homem certo com o terno correto, cabelo milimetricamente perfeito e o emprego ideal. O empresário joga tudo para o alto por algo só seu, bem longe de Chicago.

O destino sempre encontra um jeito.

Quando Brandon conhece Allegra, ela se torna sua nova obsessão, mas eles se perdem em uma confusão de identidade. Anos depois, o casal volta a se encontrar para uma segunda chance, agora como eles mesmos. O mais velho dos Blake se torna o chefe da filha mais nova de Jason Hunt e depois seu amigo, mas como o milionário vai reagir ao saber que ela mentiu sobre quem realmente era?

“Par Imperfeito” é um livro derivado das séries “Dos Sonhos” e “Irmãos Hunt”, que traz personagens das histórias anteriores e a famosa "lenda dos Blake". O spin-off pode ser lido separadamente.

Capítulo 1

Allegra



Seis anos antes

Existem aqueles pequenos momentos em que as pessoas acham que ninguém está vendo. O instante em que se perde toda a proteção social, de tentar se portar bem em vez do que realmente se quer. Gosto de vê-los quando envolvem amor, caminho... quando acontecem entre minha mãe e meu pai, amo ainda mais. Eu invejo, realmente invejo, esse nível de devoção, como se, no momento que trocassem olhares, estivessem sozinhos no mundo.

Algumas pessoas têm medo do meu pai. Ele sempre pareceu duro, zangado, sério demais. O tamanho e as tatuagens não ajudam. Jason Hunt estava perto dos 60 e continuava afiado e amedrontador. Lizzie, minha mãe,

suavizava esse seu lado. Crescendo ao redor desse amor, não sentia nada disso. Meus pais eram suaves, ternos, entre eles e conosco.

Enquanto os observo, escondida pelas paredes da cozinha, me emociono. É minha última manhã na nossa casa e estou animada e assustada pela perspectiva das próximas semanas. Era oficialmente a última a sair do ninho, de uma Los Angeles que eu amava odiar, com parentes por todos os lados. Nós éramos uma família enorme, doze adultos, dez filhos, sem contar os amigos próximos. Quando fomos crescendo, nós nos espalhamos por aí.

Alice, a prima mais velha e filha dos tios Logan e Emma, se tornou uma diretora importante na Hunt Enterprise, uma cabeça inteligente e centralizadora que dava orgulho para meu pai e meus tios. Ela e Nolan se conheceram nos primeiros anos dela na empresa e foi amor à primeira farpa. Liv se tornou assistente social. Ela dizia que a visita à Coreia com os pais mudou sua perspectiva sobre suas origens e queria dar algum conforto para as crianças do sistema. Às vezes, ela ficava zangada, outras, adorava o que fazia, mas se sentia bem no final do dia. Ela e David tinham acabado de se casar e viviam uma lua de mel enjoada de assistir.

Mandy se encantou com rochas desde pequena e terminou se especializando em geologia. Vivia na Virgínia com a esposa Evelyn, se dedicando a estudos topográficos no USGS e passava a vida tentando nos convencer que acampar ao ar livre era incrível e revigorante. James, o filho

mais novo de meus tios Matt e Sarah, estudava em Berkeley e estava de malas prontas para ir para Wharton, na Pensilvânia, no próximo verão. James era a pessoa mais próxima de mim, e eu sentiria muito sua distância. Éramos como unha e carne, como gêmeos implicantes.

Minha prima Anna tinha seguido carreira como seus pais, meus tios Blair e Jack, e trabalhava no cinema. Ela agora estava na Broadway, dançando e cantando sua alma em uma nova adaptação de *Funny Girl* — que nós todos fomos ver algumas vezes. Rose não gostava tanto da exposição e se tornou uma roteirista, já participando de grupos de algumas séries da Netflix. Meu último primo, do ramo da família das celebridades e filho dos tios Victoria e Liam, era Dylan, com seus cabelos cacheados sempre um pouco longos demais e ruivos como os da mãe, chamava atenção por sua arte. Ele tinha se tornado artista plástico e desde os 14 anos expunha em algumas galerias pelo país. Era muito raro vê-lo fora de casa, onde ele passava os dias enfurnado em seu estúdio.

Trevor e Noah, meus irmãos, eram conhecidos pela imprensa como os dois solteiros milionários mais desejados. Eles só riam e brincavam sobre seus músculos — é sério, Trevor e Noah eram construídos de músculos e tamanho. Aos 16 anos, Trevor já tinha passado o tamanho de papai. Noah seguiu o irmão e ambos tinham ombros enormes e músculos delineados por ternos feitos sob medida. Trevor cursou direito em Yale e se apegou à área

que tio Logan criou na empresa. Já Noah estudou administração, também em Yale e era o braço direito de meu pai. Entre Alice, Trevor, Noah e em alguns anos James, o futuro da Hunt Enterprise estava decidido.

Enquanto isso, eu me sentia uma batata.

Uma doce, amada e sempre acolhida batata. Não tinha 10% do charme e da personalidade dos Hunt.

Era a mais nova e vendo todos eles conquistarem o mundo, ficava com vontade e inveja. Às vezes me sentia um pouco acuada com a família. Minhas primas, primos e irmãos eram maravilhosos, musculosos, com sorrisos brilhantes. Eu tinha um sério grau de miopia. Era também um pouco acima do meu peso, mas minha mãe sempre me lembrava de que um sangue latino com muitas coxas e bunda passava por minhas veias.

— Tudo bem, Allegra? – Ouço a voz da minha mãe e me viro para vê-la – está aí parada há algum tempo.

Minhas bochechas ficam vermelhas de vergonha e eu sorrio, sendo pega. Os braços do meu pai estão ao redor dos da minha mãe e ele me sorri encorajador.

— Tudo bem... É só diferente. Tenho medo do que está por vir. É minha última manhã – respondo, ajeitando meus óculos ao meu rosto.

— Você está começando sua vida, minha filha. Deveria estar ansiosa,

nervosa e tudo o mais – minha mãe fala e se aproxima de mim, me puxando para seus braços. É tão bom abraçá-la.

— Eu sei... mas amanhã já não vou ter vocês dois pelos cantos, a família entrando e saindo da minha vida. Tudo muda em um instante.

— A vida muda para todo mundo, Alle. Você precisa tomar as rédeas dela. Medo é bom, mas sabe o que é melhor? Enfrentar de peito aberto. Você tem o privilégio de ter sua família por perto para te pegar e acolher se algo acontecer – meu pai sorri amoroso. Suas palavras são sempre tão sábias, ele é sempre tão doce.

— Vou sentir tanto a falta de vocês... – falo e sinto o soluço e meus olhos embaçarem. Ambos me abraçam forte e ficamos em silêncio por alguns segundos.

— Em duas semanas você não vai se lembrar de como era morar com seus pais. Eu aposto isso.

— Talvez sinta falta das coisas mais fáceis por aqui. Nos próximos anos serão montanhas de comida congelada.

— Te criei melhor, Alle... – responde minha mãe, me criticando. Ela tinha se tornado uma fanática por comida saudável e alimentos mais gordurosos e açucarados eram uma exceção na nossa casa – Vai precisar da gente ou decidiu por ir dirigindo?

— Vou sozinha. Vocês já foram comigo no dia da apresentação. Agora é só colocar minhas caixas no carro e partir.

— É uma viagem longa até Nova York.

— Vou precisar do meu carro em algum momento. É melhor levá-lo agora, vocês sabem.

— Faz sentido, mas é uma viagem enorme – ela diz – não dirija cansada, por favor.

— Eu sei, mãe... acho que vou parar no caminho algum turismo... Nevada é o próximo estado...

— Não fale sobre isso com sua tia Emma e seu tio Logan.

— O quê!? – pergunto enquanto meu pai dá uma leve risada.

— A última *roadtrip* que eles fizeram por Las Vegas acabaram em Alice e casamento.

— A menos que fique grávida do Espírito Santo, o que vou conseguir é uma dor nas costas de tanto dirigir.

— Não duvide do poder dessa família, Alle. Coisas estranhas acontecem com os Hunt – minha mãe diz rindo – mas não se assuste. Já está tudo arrumado?

— Noah e Trevor devem chegar a qualquer minuto para ajudar a descer as coisas e se despedir.

— Não trate isso como uma despedida enorme, você está indo para Columbia! Todos nós passamos por Nova York ao longo do ano, não vai se livrar da gente – Mamãe diz me apertando mais.

Era verdade. Tinha um sonho de ir para Columbia desde cedo. Gostava do programa de tecnologia e me esforcei para conseguir o currículo perfeito com as notas certas para conseguir a vaga. No instante em que a confirmação veio, imediatamente meus pais entraram no modo de resolver minha mudança e alguns meses nos trouxeram até aqui: o último dia.

Tivemos mais alguns minutos chorosos até que ouvimos a porta. Trevor chegou, nos cumprimentando. Noah veio em seguida. Meu e seus corpos musculosos com 12% de gordura arrumaram as caixas em meu carro. O mistério é como eu conseguiria arrumar tudo quando chegasse em Columbia. Nós tomamos café juntos e parti, deixando Los Angeles para trás.

Eu estava morta no instante em que cheguei a Nova York. No primeiro dia, dormi em um hotel de Utah, no segundo, em Nebraska, no terceiro e achando a ideia de dirigir para Columbia um das piores escolhas que fiz na vida, em Chicago. Minhas costas doíam, minha bunda também. Ouvi mais álbuns do que poderia imaginar e já estava cansada de dirigir. Meus pais começaram a sugerir um voo de avião, mas eu era teimosa: se disse que faria, chegaria.

No final do quarto dia, vi a paisagem de Nova York surgir. Pelo menos o

dormitório era mobiliado e poderia ir diretamente para minha cama, onde, pelo meu cansaço, dormiria por umas 20 horas seguidas. Entrei no campus da Columbia indo direto para o Carman Hall, um dos dormitórios dedicados para os estudantes do primeiro ano e que seria minha nova casa.

O que me consolava sobre as horas dirigindo era que tudo estava comigo, mas resolveria isso no dia seguinte. Faria a mudança, mexeria nas caixas, mas hoje, tão tarde e tão cansada, poderia esperar. Era meu dia zero em Nova York.

Me identifiquei na entrada, me mostraram onde ficaria e apenas com uma mochila com minhas coisas mais importantes, subi até o dormitório. Cai na cama em um sono profundo e só na manhã seguinte observei o ambiente ao meu redor. Pequeno, porém arrumado, com uma cama e uma escrivaninha. Um armário vazio e uma estante. Não tinha colega de quarto, graças a Deus. Apesar de todos acharem que dormitórios costumam ser compartilhados, em Columbia existem muitos quartos individuais e como valorizo meu espaço, pedi um deles. Certos mecanismos de defesa de famílias grandes nunca mudam.

No dia seguinte, aconteceriam as instruções e em três dias, as aulas. Se tudo desse certo, em quatro anos sairia com um diploma em tecnologia e alguns bons contatos. Mas, primeiro, precisaria vencer minha timidez, tentando me encontrar nos corredores do prédio e não sabendo como diabos

eu ia tirar minhas coisas do carro sem meus irmãos levantadores de peso.

— Está perdida? – ouço uma voz alegre atrás de mim. É uma garota alta e magra com o cabelo e os olhos cor de chocolate. Ela me sorri balançando a cabeça enquanto continua a tagarelar – todos vocês são tímidos e perdidos no primeiro dia. Ainda bem que me achou!

— É... Sou Allegra Hunt.

— Sou Carol Blake, sua monitora de dormitório. Vamos encontrar seu lugar e pedir para alguns dos caras buscarem suas caixas. Você precisa disso, não é?

— Isso seria de grande ajuda. Eu... eu já sei onde é meu alojamento, cheguei ontem à noite. Mas a ajuda com as coisas seria incrível!

— Eu sei... já estive nesse lugar porque Deus sabe que não consigo me livrar das minhas coisas também. Meu quarto está lotado de sapatos e roupas, ainda bem que o prédio tem mais quartos individuais do que os em dupla. Ia fazer alguém sofrer com a minha confusão se tivesse um colega de quarto...

Sorrio e continuo a ouvir Carol falar sozinha como em um grande monólogo. Ela tem tanta energia que facilmente poderia ser vendida em potes. Sem falar mais do que alguns “sim” ou “não” e apontar para lugares, descubro a vida inteira de Carol em poucos minutos enquanto nos aproximamos do meu carro, que está estacionado em frente do dormitório.

Ela era de Chicago, nascida e criada, e estava há um ano em Columbia, estudando psicologia. Filha de uma escritora e de um empresário e com muitos primos. Exatamente como eu. Era fácil de conversar com ela e, depois de muitas horas, poderia considerá-la uma colega de faculdade.

Carol chamou alguns rapazes e duas horas depois, minha mudança estava completa. Ela me passou as orientações e horários e disse que eu não conseguiria me livrar tão fácil dela. Depois desse dia, Carol foi uma constante e não me enganei a seu respeito. Conforme as semanas e meses foram passando, ela foi cada vez mais presente em minha vida, me forçando a sair da minha concha.

Meus pais, irmãos e primos faziam um milhão de *videochamadas* e não me deixavam me sentir sozinha um minuto sequer.

— Minha família tem uma casa no Upper East Side, é grande e tem uma sauna e uma adega. Vou dar uma festa na semana que vem em comemoração ao meu aniversário, você vai, não? — Carol perguntou entre as aulas quase no fim do semestre, meses depois de a gente se conhecer.

— Preciso voltar para casa, já tenho passagens marcadas. Vou olhar a marcação do meu voo.

— Cheque as datas, Alle. Será uma festa inesquecível, eu prometo.

— Mas...

— Sem mais, Alle. Está na hora de você finalmente viver um pouco.

Capítulo 2

Allegra



Todos os meus alertas sociais vibravam com essa festa. O prédio era grande, antigo, e tinha apartamentos enormes. O da família de Carol tinha dois andares em uma das partes mais altas da construção. Eu tinha terminado por adiar a minha ida para Los Angeles em uma semana, bem em cima do dia de Ação de Graças para estar aqui. Meus irmãos brigaram um pouco, mas inventei sobre um projeto da faculdade que estava me dando trabalho.

Precisava começar a viver um pouco.

Ok... me esforcei com uma boa roupa e uma maquiagem legal. Até mesmo coloquei lentes. Quando entrei no prédio, comecei a ter segundos, terceiros e

quartos pensamentos. Cumprimentei o porteiro, – uma profissão um pouco rara em Nova York – tentando ajeitar meus óculos imaginários e ele me explicou qual elevador deveria pegar para chegar até a casa de Carol.

A minha família tem dinheiro, alguns dos meus parentes inclusive moram em mansões, como tia Victoria. Estava acostumada com os ambientes exclusivos e com cara de que só receberia uma pessoa que ganhasse mais do que alguns milhares de dólares por ano. Ainda assim, estes locais me oprimiam. Desde minha escola de elite ao sonho de uma Ivy League, sabia que precisaria lidar com gente irritante que valoriza cifrões em vez de personalidade.

Só minha mãe sabe o quanto tive problemas com a escola. Noah e Trevor pareciam estar em seu local natural de dominância enquanto eu era a irmã gordinha de óculos. Sabia que não tive um mau tempo na escola devido à lenda que eles deixaram para trás. Fui deixada em paz em nome dos irmãos Hunt.

No momento em que abri a porta da casa de Carol, fui transportada para as festas da escola. A música alta, a gente bêbada por todos os lados. O corredor cheio de pessoas me deu nervoso apenas de olhar. Em cinco segundos, sabia que não iria resistir àquilo tudo. Não era minha coisa, minha vibe. O plano era procurar Carol, conservar alguns minutos, sair e começar a maratonar uma série policial qualquer

O problema era achar Carol.

Caminhei ao redor da grande sala onde pessoas dançavam e me aventurei até a cozinha, dando de cara com uma grande ilha de bebidas. Peguei uma cerveja que não pretendia tomar, e passei a circular pelos ambientes. O copo era importante para que nenhum desconhecido enchesse meu saco sobre não ter alguma bebida comigo. Cada vez que alguém me oferecia algo, mostrava minha cerveja praticamente cheia e era deixada em paz.

Quando voltei para a sala, um dos amigos esportistas de Carol, que me ajudaram com a mudança, se aproximou.

— Oi, Justin! Viu Carol por aí?

— Alle... Carol não falou que você vinha. Algo sobre sua família, certo? Ela já te viu? Ela tinha ido à adega...

— Ela está lá embaixo?

— Sim... cuidado com a porta, ela não está bem colocada.

— Então a espero aqui em cima.

— Besteira, vá até lá. É uma das partes mais legais da casa. Você viu a sauna? – ele perguntou admirado – é um inferno de casa!

— Olhei uma coisa aqui e outra ali. Justin, se a vir primeiro, fale que estou a procurando, ok?

Caminhei até onde Justin apontou, uma sala que parecia uma biblioteca

com um conjunto de mesas e cadeiras bem-organizadas. Na lateral, uma pequena porta se destacava, a abri e olhei para a escada, percebendo que era uma descida um pouco inclinada. Assim que entrei, a porta fez um barulho alto e só tive tempo de me afastar. Era uma espécie de porta vai e vem, que parecia travada em seu lugar. Empurrei com as mãos, fazendo força, mas ela não me movia. *Ótimo!*

— Merda... – sussurrei para mim mesma. Empurrei por mais um segundo ou dois antes de soltar um gemido revoltado. Não acredito que estou presa aqui e nem sinal de Carol aqui embaixo.

— A porta bateu? – ouvi a voz no meio da escuridão me fazendo uma pergunta. Era uma voz grossa e masculina, desconhecida, e parecia há alguma distância de mim. Qual é o tamanho dessa adega?

— Sim... quem está aí?

— Bran. Estava preso aqui, você entrou e aconteceu o mesmo. Vamos trazer a festa aqui para baixo – ele disse com a voz um pouco sarcástica – alguém sabe que veio para cá?

— Estava procurando Carol.

— Ela com certeza não está aqui.

— Carol deve me procurar a qualquer momento. Uns amigos dela me disseram que ela estava aqui.

— Conhece Carol?

— Estudamos juntas.

— Qual é seu nome mesmo?

— Eu não disse... – caímos no silêncio e respondo rápido, tentando terminar a troca de palavras – meu nome é Al... Anna, meu nome é Anna.

— Anna, a questão é a seguinte: meu telefone não pega aqui embaixo, não quero ligar a luz do celular para não acabar com a bateria. Sente e vamos esperar alguém abrir. Se quiser testar seu celular, pode ter um sinal melhor que o meu. Passei a última meia hora tentando e nada.

Acendo a tela do meu smartphone e me guio na escuridão, encostando-me numa parede e me sentando. A palavra “sem serviço” brilha em sua glória e me levanto procurando algum sinal. Depois de cinco minutos, desisto e me sento novamente porque nenhum canto deste lugar funciona. Ainda não vi em que ponto da adega está Bran. Não me sinto tão oprimida por estar presa aqui embaixo com um desconhecido. Meus alertas mentais gritam por todos os perigos que estou passando, mas tento me acalmar. Tenho 20% de bateria e decido guardar para tentar novamente daqui a pouco assim como faz meu companheiro de “prisão”.

— O mesmo aqui, não consigo ter sinal.

— Sabe qual é o problema da porta?

— Nem ideia. Desci até aqui para pegar um vinho e fiquei preso em uma armadilha mortal. Você?

— Nem mesmo o vinho – respondo – estava procurando por Carol.

— É mesmo, você disse... – ele fala suspirando – quer vinho?

— O quê!? – pergunto confusa.

— Vinho. Tem umas coisas realmente boas aqui embaixo. Como não sei se vamos demorar muito, poderíamos dar ao menos algum prejuízo.

— Eu passo.

— Tudo bem, sobra mais – Bran diz e ouço o sorriso em sua voz, seguido um barulho de líquido, como se ele estivesse bebendo da garrafa – Quantos anos você tem, Anna?

— Qual é o problema da luz?

— Queimou quando estava aqui embaixo, mas como ia entrar e sair rápido – ele diz rindo – não me respondeu... Quantos anos tem?

— 18 anos, acabo de entrar na universidade.

— Sinto falta dessa época.

— Quantos anos você tem, Bran?

— 27.

— Não é tão velho.

— Velho demais para algumas coisas, como estar achando graça de ficar preso com tanto álcool em um ambiente fechado. Meu fígado já não funciona direito tem uns três anos.

— Realmente um idoso...

— Ora sua... qual é a sua cor favorita?

— O quê?

— Não vamos a lugar algum. Por que não perguntar?

— Roxo. Minha cor favorita é roxa. E a sua?

— Cinza.

— É tão...

— Chato? – ele pergunta e ri – eu sei, mas minha vida é chata.

— Por que acha isso?

— Toda minha rotina, e a expectativa dos pais e quase chegando aos 30. É isso. Talvez me casar com alguém razoável, trabalhar muito e daqui a 20 anos passar meus dias jogando golfe.

— Isso é trágico.

— Eu sei, mas já tem um tempo que tenho dúvidas... mas devo tanto a minha família.

— Eles exigem?

— Dizem que preciso buscar minha felicidade, mas, ao mesmo tempo, não há herdeiros, meu primo não mora na cidade. Meu pai e meu tio montaram tudo do zero, não tenho coragem de acabar com tudo para ir atrás dos meus sonhos.

— Como eles fizeram? – pergunto e ouço-o suspirar do outro lado da adega.

— Como eles fizeram. Eles foram atrás do sonho deles, só não é o meu. Não sei se o que quero é ruim. Pelo menos sei o que não quero.

— E o que você não quer, Bran?

— Ficar. Quero sair, mas me sinto culpado.

— Bran, você não deveria se limitar. Deveria procurar o que é realmente seu. Você pode. Sei que quebrar as expectativas da família é ruim, mas ao mesmo tempo, é sua vida, não a deles.

— Para alguém tão nova, você é bem sábia.

— Minha mãe é maravilhosa e vive insistindo para eu correr atrás do que realmente quero. É assim que vim parar em Nova York. Minha família não é daqui, mas eu queria vir. Tinha tanto medo do que ela fosse falar e então a carta chegou e ela só me disse o quão feliz estava por mim. Foi suficiente. Algo me diz que seus pais farão o mesmo.

— Pode ser... principalmente porque não moro com eles há algum tempo.

— Eles ainda estão juntos?

— Ah, meus pais... eles se amam loucamente e é estranho, porque a maioria dos pais dos meus amigos é divorciados.

— Os meus também, mas gosto de saber que existe esse sentimento, essa coisa que une as pessoas e... — Sinto a umidade brotar em meus olhos e minha respiração ficar difícil — sinto falta deles. Ia para casa hoje, mas Carol me convenceu a dar uma passada aqui.

— Ei, está tudo bem... já vamos sair daqui e você vai vê-los.

— Tem mais de uma hora, Bran. Está escuro, tenho medo.

— Anna... preste atenção em mim... respira... respira... — ele diz, fazendo respiradas profundas entre as palavras e tentando me controlar a partir de seu exemplo. Mas estou um pouco além disso. Eu ouço seu movimento, mas não vê-lo não me ajuda.

— Onde você está...? — falo esticando minha mão às cegas até que ele acende a tela de seu celular e percebo que ele esteve a pouco mais de um metro de mim o tempo todo.

Sigo a luz e vejo suas mãos se projetando na pequena luminosidade. Encaixo meus dedos com os dele, me pegando em um de seus braços e a luz some novamente, nos engolindo na escuridão. Bran me atrai para ele e estou praticamente em seu colo, sendo abraçada com força e encaixando minha

cabeça na curva se seu pescoço. Ele não larga minha mão e passa a sua outra ao meu redor, me fazendo sentir protegida.

Bran também me faz sentir outras coisas.

Quando se encostou em mim, foi como se toda a minha pele se esticasse por atenção, sentindo as fagulhas no ar e as borboletas no meu estômago. Senti-me formigar onde seu corpo tocava o meu e me aproximando mais, como se não quisesse ficar nenhum centímetro separada dele. Sentia o coração de Bran bater contra minhas costelas, acelerado, como se ele estivesse tão afetado quanto eu. De repente, já não sentia a opressão de estar presa na adega. Estava bem onde estava e não queria sair do meu casulo de proteção.

— Está melhor? – Bran pergunta muito próximo do meu ouvido e me sinto arrepiar com sua voz tão grossa e próxima a mim.

— Obrigada por isso.

— Não... Anna... algo está acontecendo aqui.

— Como assim? – pergunto, me virando para ele e sinto que estou a poucos centímetros dele. Tão próxima que sinto o ar quente que sai de sua boca.

— Não sei o que está acontecendo... só... entende? – ele diz com uma risada baixa e sim, entendo apesar da falta de palavras. Estou passando pelo

mesmo e não sei explicar como ou porque, só que esta pessoa, que não conheço o rosto, me faz ficar arrepiada, com o coração acelerado, as mãos suando e uma vontade de estar cada vez mais próxima.

— Há uma lenda da minha família – ele fala com a voz rouca – sempre achei mais graça do que levei a sério, mas de repente, ela é tudo que consigo pensar. Anna... que confusão conseguimos ficando presos aqui embaixo.

— O que diz a lenda?

— Que quando alguém especial aparecesse, iria saber no mesmo momento.

— O que... o que você quer dizer com isso? – gaguejo, fazendo uma pergunta e me aproximo mais dele. Estamos juntos em um abraço, um pequeno mundo no meio da escuridão.

— Que vou beijar você... – Bran diz e busca meus lábios no escuro, caindo sob eles lento e de forma sensual.

Sinto sua mão em minha bochecha, me mantendo no lugar. Sua língua me invade, saboreando com cuidado e calma, intenso, tomando tudo o que tinha. Puxando-me para cima, eu estava em seu colo, enquanto dava atenção para meu lábio hipersensível, o mordendo levemente. Senti sua mão na minha lateral como uma carícia leve e me peguei acariciando de volta seus braços. Senti-me audaciosa e separei nossos lábios, dando beijos em seu pescoço e o

ouvindo gemer em resposta. Ele estava duro por mim, podia sentir. Uni novamente nossas bocas, aprofundando mais o beijo quando Bran me empurrou levemente, quebrando nosso contato.

— Anna... – ele geme e se separa de mim, me puxando para longe de sua boca – depois continuamos... preciso te tirar daqui. Preciso te ver... preciso que seja... Nós vamos conversar, mas primeiro temos que sair daqui.

Ele me abraçou forte por alguns segundos, esperando nossa respiração se acalmar. Me sinto mole em seus braços e fico confusa. Ele se mexe e me ajeita no chão, se levantando. Bran mexe em seu celular de novo e consigo ver apenas o contorno de seu rosto através da luz da tela. Estava tão confusa e com a cabeça nas nuvens. Fechei os olhos com força, me ajeitando.

Ele tem razão, precisamos sair daqui.

Me levanto, pego o meu celular e caminho novamente de um lado para outro, em busca do sinal.

— CONSEGUI! – Bran grita em algum ponto mais afastado de mim. – A mensagem saiu do meu celular! Carol já vem nos buscar.

Olho para meu celular e de repente vejo uma avalanche de mensagens aparecerem na minha tela. Muitas. O aparelho vibra tanto que o deixo cair no chão. Por alguns segundos fico nervosa sobre o que pode ter acontecido, enquanto abaixo e olho para o aparelho. Não teria tantas mensagens a menos

que algo tivesse acontecido. Olho para baixo e vejo as últimas mensagens de Trevor *“Venha para casa, vovô teve um infarto e não resistiu”*.

Começo a tremer e solto um soluço. PRECISO SAIR DAQUI.

— Baby, você está bem? – ouço Bran falar da outra ponta do ambiente, onde ele encontrou sinal.

Não consigo responder. Sinto meu peito apertar e a dor me toma. Um barulho da escada fica mais alto e a porta se abre. Vejo a luz e não penso. Só corro para fora, para perto da minha família, para Califórnia.

Bran grita, mas não consigo olhar para trás. Não paro nem quando ouço Justin, a pessoa que abriu a porta, chamar meu nome. Corro até minhas pernas doerem e meus pulmões ameaçarem sair do meu peito. Atravesso a cidade em tempo recorde, monto minha mochila e vou para o aeroporto. É o voo mais longo da minha vida, comigo respirando alto e olhando para o alto para evitar chorar na frente de estranhos. Nunca me senti tão sozinha.

Horas depois, abraçada com minha mãe, choro por meu avô. A família está toda lá e cada abraço me enche de força pela despedida. James Larson não dividiu meu sobrenome, mas foi tão importante para mim quanto para meus irmãos e primos. Ele escolheu meu pai e meus tios, se transformou em um pai para eles e o melhor avô que eu poderia pedir. Não queria dizer adeus, era cedo demais para me despedir. Não estava preparada para isso...

Quando as lágrimas se esgotaram e caí sobre minha antiga cama de olhos ressecados, penso na calma que Bran me trouxe no início daquele dia. Daria tudo para estar ali de novo, naquele momento, antes de saber da morte de meu avô e me sentindo tão confortável com ele, comigo mesma.

Bran teria sido o último presente do meu avô? Algo para me fazer confiar mais em mim? Me acalmo pensando em como foi bom, de como me senti e de como gostaria de voltar até ali. Só tenho um problema: não faço ideia de quem ele é ou de como se parece.

[Continue a ler “Par Imperfeito” clicando aqui](#)

Karen Santos é o nome real de Katherine York. A autora parou de usar o pseudônimo em 2021.

[Clique aqui para ler outros livros da autora](#)

Se inscreva na [minha lista de e-mails](#) e saiba das novidades em primeira mão

— [Saiba mais aqui](#). Me envie mensagem através do Instagram

<https://www.instagram.com/karensantosautora> e Facebook

<https://www.facebook.com/karensantosautora>

Proibida a cópia total. Cópia parcial apenas para resenhas. Todos os direitos reservados. License: All rights reserved. Imagem: Pixabay.

